



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**PATRÍCIA HELENA FRAI**

**MOTIVAÇÃO PARA A ESCOLHA DE UM SEGUNDO NOME NA ANTROPONÍMIA  
RONDONENSE**

**CASCAVEL- PR**

**2016**

PATRÍCIA HELENA FRAI

**MOTIVAÇÃO PARA A ESCOLHA DE UM SEGUNDO NOME NA ANTROPONÍMIA  
RONDONENSE**

Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de mestre em Letras junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Sipavicius Seide

CASCADEL- PR

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

F812m

Frai, Patrícia Helena

Motivação para a escolha de um segundo nome na antroponímia rondonense. /Patrícia Helena Frai.— Cascavel (PR), 2016.  
129 p.

Orientadora: Profª. Drª. Márcia Sipavicius Seide

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, 2016  
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras

1. Onomástica. 2. Socioantroponímia. 3. Marechal Cândido Rondon. 4. Nomes justapostos. I. Seide, Márcia Sipavicius. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 20.ed. 412  
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Helena Soterio Bejio – CRB 9ª/965

PATRÍCIA HELENA FRAI

**MOTIVAÇÃO PARA A ESCOLHA DE UM SEGUNDO NOME NA ANTROPONÍMIA  
RONDONENSE**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós –Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de Concentração Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Márcia Sipavicius Seide  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
Orientadora

---

Profa. Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel  
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS)  
Membro efetivo (convidado)

---

Prof. Dr. Jorge Bidarra  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
Membro efetivo (da Instituição)

Cascavel, 18 de fevereiro de 2016

*À Marlene Teresinha de Siqueira e Canisio Frai, com todo meu amor e carinho.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, todo poderoso, e aos anjos que me guardam.

A meus pais, Marlene e Canisio, que me deram forças para sempre alcançar meus objetivos e a quem destino todo meu amor.

Aos meus irmãos, João Paulo, que compartilhou as angústias da vida acadêmica, e ao Pedro Henrique, pelas inúmeras caronas dadas durante o período de entrevistas.

Aos meus avós, Maria Ivone e João de Deus, que sempre se preocuparam com meu bem-estar.

Descobri que acompanhada, o caminho sempre é mais fácil. Por isso, dedico esse trabalho às minhas eternas e amadas amigas do coração: Luciana, Gabriela e Fernanda, que além de compartilharmos as lágrimas e os desesperos, também compartilhamos as risadas, as piadas e as pizzas. Sem vocês, com certeza essa fase teria sido muito mais difícil. Amigas por quem tenho toda a admiração.

Às minhas queridas Mariana e Daiane, por estarem sempre ao meu lado, e à Jéssica, companheira de viagem e apaziguadora de desesperos.

À minha orientadora, professora Márcia Sipavicius Seide, sempre atenciosa e paciente. Meus profundos agradecimentos.

À equipe do Colégio Luterano Rui Barbosa, por serem compreensivos nas minhas ausências. Especialmente, à professora Leonilda Becker e à professora Mônica Abboud Gerke, com as doces palavras nos momentos mais difíceis desse caminho trilhado.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

## RESUMO

O ser humano sempre teve a necessidade de nomear tudo que está ao seu redor. Atribuir um nome a um filho é diferenciá-lo do meio em que ele conviverá, tornando-o único. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é investigar os modelos atributivos mais utilizados para a escolha de segundo nome, na cidade de Marechal Cândido Rondon, Paraná, tendo em vista as possíveis influências socioculturais presentes na prática de nomeação. Considerando a história de colonização bem como os aspectos culturais da região oeste do Paraná consolidados pelos colonizadores, surgiram as seguintes perguntas de pesquisa: Quais são as motivações mais utilizadas pelos pais ao atribuir dois nomes ao filho? Houve mudanças na prática de nomeação desde a colonização do Oeste Paranaense? O gênero do ser nomeado tem influência nas motivações? A fim de responder a esses questionamentos, o presente trabalho investiga as razões que levam os pais a atribuir um segundo nome aos filhos, traçando um eixo cronológico da década de 1930-1940 até 2010, mostrando as convergências e divergências na prática de nomeação entre homens e mulheres em diferentes momentos históricos. Para os objetivos ora apresentados, a pesquisa amparou-se nos estudos referentes à Onomástica (DICK, 1992; LÓPEZ FRANCO, 2010, 2014; SEGURA JIMENEZ, 2014; SEIDE, 2012, 2013, 2016), aos pressupostos teóricos da Sócio-Onomástica (LANGENDONCK, 2007) e à contextualização histórica do município (PFLUCK, 2007; TARGANSKI, 2007 e DEITOS, 2007). A pesquisa pautou-se na análise quantitativa e qualitativa de 250 nomes simples justapostos (N2), divididos igualmente entre as décadas de análise. Os dados foram gerados com base em entrevistas semiestruturadas realizadas com portadores de nomes justapostos, como também pais que atribuíram tais nomes aos filhos. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas de acordo com os pressupostos teóricos citados. Os resultados da investigação mostraram que há divergências entre a prática de nomeação de homens e mulheres. As diferenças entre as práticas de nomeação também ocorreram no eixo cronológico. Observou-se, nas primeiras décadas de análise, que, para as mulheres, prevaleceu o modelo atributivo tradicional religioso; já para os homens, se destacou o modelo tradicional homenagem à família—especialmente aos avôs. A partir da década de 1990, o modelo atributivo da moda prevaleceu para ambos os sexos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Onomástica; Socioantroponímia; Marechal Cândido Rondon; nomes justapostos.

## ABSTRACT

The human being has always had the need to name everything that surrounds him. Naming a child is differentiating him or her in the environment where he or she will live. According to this perspective, this work aims to investigate the most used attributive models in the naming system of the second name, in the city of Marechal Cândido Rondon, Paraná, considering the possible sociocultural influences that may be present in the naming practice. Because of the history of colonization as well as the cultural aspects of the west region of Paraná which were cemented by the settlers, the following questions of research have been raised: What are the parents' most used motivations for double naming their children? Has there been changes in the naming practices since the colonization of the West of Paraná? Does the gender of the name have influence in these motivations? In order to answer these questions, the present work aims to investigate the reasons for parents to name their children, tracing a chronological axis from the 30's – 40's to 2010, demonstrating the convergences and divergences in the naming practice between men and women in different historical moments. For the goals presented, the research has been based on the studies regarding the Onomastic (DICK, 1992; LÓPEZ FRANCO, 2010, 2014; SEGURA JIMENEZ, 2014; SEIDE, 2012, 2013, 2016), the Socio-Onomastic theoretical assumptions (LANGENDONCK, 2007) and the city's historical contextualization (PFLUCK, 2007; TARGANSKI, 2007 e DEITOS, 2007). The research uses the quantitative and qualitative analysis of 250 simple juxtaposed names (N2), equally divided among the analyzed decades. The data were generated based on semi-structured interviews carried out with porters of juxtaposed names, as well as parents who have given such names to their children. The interviews have been recorded, transcribed and analyzed according to the mentioned theoretical assumptions. The results of the investigation showed that there are divergences between the naming practices of men and women. The differences among naming practices were also observed in the chronological axis. It has been observed that in the first analyzed decades, for women, the religious traditional attributive model prevailed, and for the men, the traditional model of honoring the family – mainly the grandparents – prevailed. From the 90's on, the attributive model of fashion prevailed for both genders.

**KEYWORDS:** Onomastic; Socioanthroponymy; Marechal Cândido Rondon, juxtaposed names.

## LISTA DE FIGURAS E QUADRO

Figura 1	Localização do Oeste do Paraná .....	17
Figura 2	Mapa de localização do município de Marechal Cândido Rondon ..	21
Figura 3	Vila General Rondon .....	22
Figura 4	Portal da cidade de Marechal Cândido Rondon .....	25
Figura 5	Centro de eventos de Marechal Cândido Rondon.....	26
Quadro 1	Instrumento de geração de dados.....	53

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	População total do município de Marechal Cândido Rondon e estado de origem – PR 1970 .....	20
Tabela 2	Marechal Cândido Rondon – evolução da população e da área do município (1950-2009) .....	23
Tabela 3	Modelo de tabela de controle de variáveis .....	55
Tabela 4	Modelo de tabela de controle de variáveis completa .....	55

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Modelos atributivos mencionados para n2 feminino, na década de 1930-1940 .....	64
Gráfico 2	Modelos atributivos mencionados para n2 masculino, na década de 1930-1940 .....	65
Gráfico 3	Modelos atributivos mencionados para n2 feminino, na década de 1950 .....	68
Gráfico 4	Modelos atributivos mencionados para n2 masculino, na década de 1950 .....	69
Gráfico 5	Modelos atributivos mencionados para n2 feminino, na década de 1960 .....	72
Gráfico 6	Modelos atributivos mencionados para n2 masculino, na década de 1960 .....	74
Gráfico 7	Modelos atributivos mencionados para n2 feminino, na década de 1970 .....	77
Gráfico 8	Modelos atributivos mencionados para n2 masculino, na década de 1970 .....	79
Gráfico 9	Modelos atributivos mencionados para n2 feminino, na década de 1980 .....	81
Gráfico 10	Modelos atributivos mencionados para n2 masculino, na década de 1980 .....	83
Gráfico 11	Modelos atributivos mencionados para n2 feminino, na década de 1990 .....	86
Gráfico 12	Modelos atributivos mencionados para n2 masculino, na década de 1990 .....	88
Gráfico 13	Modelos atributivos mencionados para n2 feminino, na década de 2000 .....	90
Gráfico 14	Modelos atributivos mencionados para n2 masculino, na década de 2000 .....	92
Gráfico 15	Modelos atributivos mencionados para n2 feminino, na década de 2010 .....	94
Gráfico 16	Modelos atributivos mencionados para n2 masculino, na década de 2010 .....	95
Gráfico 17	Predominância dos modelos atributivos tradicionais: religião para n2 feminino e homenagem à família para n2 masculino .....	112
Gráfico 18	Predominância dos modelos atributivos da moda: estética e moda para n2 feminino e n2 masculino .....	113

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 AS CORRENTES MIGRATÓRIAS SULISTAS PARA O OESTE PARANAENSE</b>	<b>17</b>
1.1 O MUNICÍPIO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON E SEU DESENVOLVIMENTO .....	20
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>28</b>
2.1 O ESTUDO DOS NOMES PRÓPRIOS NA PERSPECTIVA DA SÓCIO-ONOMÁSTICA .....	31
2.2 DIFERENTES PERSPECTIVAS DO ESTUDO DOS NOMES PRÓPRIOS	33
2.3 CATEGORIAS ANTROPONÍMICAS .....	42
2.4 ESTRUTURA DOS NOMES DE PESSOAS .....	43
2.5A ESCOLHA DO NOME DO FILHO PELOS PAIS.....	44
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>47</b>
3.1 CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA .....	48
3.2 GERAÇÃO DE DADOS.....	49
3.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	56
<b>4 OS MODELOS DE ATRIBUIÇÃO DE NOMES PRÓPRIOS .....</b>	<b>58</b>
4.1 O MODELO DE ATRIBUIÇÃO TRADICIONAL .....	58
4.1.1O modelo de atribuição tradicional religião.....	59
4.1.2 O modelo de atribuição tradicional homenagem à família .....	59
4.2 O MODELO DE ATRIBUIÇÃO DA MODA .....	60
4.3 O MODELO DE ATRIBUIÇÃO ELEIÇÃO LIVRE .....	61
<b>5 DESCRIÇÃO DOS DADOS: ANÁLISE QUANTITATIVA .....</b>	<b>63</b>
5.1 DÉCADA DE 1930-1940 .....	63
5.2 DÉCADA DE 1950 .....	67
5.3 DÉCADA DE 1960 .....	71
5.4 DÉCADA DE 1970 .....	76
5.5 DÉCADA DE 1980 .....	81
5.6 DÉCADA DE 1990 .....	85
5.7 DÉCADA DE 2000 .....	89
5.8 DÉCADA DE 2010 .....	94
<b>6 INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS NA ESCOLHA ANTROPONÍMICA DE DOIS PRENOMES .....</b>	<b>97</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>114</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>121</b>
ANEXO A – TABELA DE NOMES.....	121
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	127

## INTRODUÇÃO

A prática de nomear pessoas sempre foi feita desde o início da civilização. Segundo Santos (2003), o nome próprio, na Idade Média, identificava, inicialmente, a filiação a qual o indivíduo pertencia, por exemplo, *João* filho de *Domingos* chamava-se *João Domingos*. Com o crescimento dos burgos devido ao aumento populacional, havia muitos *Joãos* podendo ser filho de diversos *Pedros*, por isso, as pessoas começaram a ser nomeadas de acordo com características físicas ou de acordo com a profissão do pai, pois o filho geralmente herdava a profissão da figura paterna, como *Estevão Sapateiro*, *Martim Negro*, *João Domingues Beijudo*, *Vasco Martins de Vilela*. Nota-se que os nomes de pessoas, desde o século XII, tinham ao menos dois nomes, podendo ter até quatro nomes. Segundo Dick (1992), a criação de antropônimos está intimamente ligada aos fatores históricos e sociais de uma determinada comunidade. Assim como o meio social, as diferentes épocas também interferem nessa prática de atribuição, podendo, dessa forma, o estudo dos nomes próprios revelar costumes das civilizações envolvidas, como manifestações culturais de seu povo (DICK, 1992).

Nessa perspectiva, percebe-se que os nomes próprios de pessoas não são atribuídos arbitrariamente, eles revelam marcas identitárias e culturais que se modificam de acordo com a necessidade do povo que os utiliza. Isso porque os nomes fazem parte do processo cultural de uma comunidade e podem revelar as características que organizam uma determinada comunidade.

Considerando que os nomes de pessoa e os nomes de lugares não são atribuídos sem alguma motivação, surgiu uma área na Linguística que se dedicou ao estudo científico desse fenômeno: a Onomástica. Inserida na grande área da Lexicologia – que estuda o léxico –, a Onomástica surge com duas vertentes de estudos: a Toponomástica e a Antroponomástica. A primeira refere-se aos estudos de nomes próprios de lugares (chamados topônimos), e a segunda, refere-se aos nomes próprios de pessoas (chamados antropônimos).

Sob o viés da Antroponomástica, é possível estudar os antropônimos sob diferentes perspectivas. A primeira trata do estudo etimológico do nome, ou seja, pela origem e significado que esse signo linguístico possui. Entende-se aqui o *nome próprio* como um “signo linguístico completo, isto é, que tem um significante e um significado” (LÓPEZ FRANCO apud CAPRINI, 2001; VAN LANGENDONCK, 2007).

A segunda maneira de estudar os antropônimos é a partir da sua relação com a sociedade e cultura que o utiliza. O estudo dos nomes próprios de pessoas sob um viés sociolinguístico pertence à Socio-Onomástica, sendo a Socioantroponímia o estudo específico dos nomes próprios de pessoas.

A Socioantroponímia objetiva estudar as relações existentes entre a prática de nomear pessoas com uma determinada cultura. Nessa perspectiva de estudo, o pesquisador Willy Van Langendonck (2007) realizou estudos sobre os nomes próprios a partir da Socioantroponímia, que utiliza da Sociolinguística para fundamentar sua teoria, analisando os prenomes, sobrenomes e outros tipos de nomes sob uma perspectiva social e cultural. Segundo o autor, o nome não é apenas uma referência a um indivíduo, ele registra marcas identitárias e culturais de um determinado local, como, por exemplo, o uso de nomes de profissões para fazer juntamente à pessoa: *Pastoor Nijs, Dokter Petit e Meester Stroobants* (VAN LANGENDONCK, 2007, p. 314).

Os antropônimos são atribuídos em toda e qualquer comunidade, variando de acordo com a cultura, com o tempo e com o espaço. Diferentemente dos nomes comuns, os nomes próprios de pessoas são escolhidos pelos pais, a quem cabe escolher um nome e atribuí-lo ao seu filho, nome pelo qual o recém-nascido passará a ser conhecido pela comunidade a qual pertence.

Nessa direção teórica, o presente trabalho tem como objetivo geral identificar quais motivações levam à escolha do segundo nome no sistema antroponímico, na cidade de Marechal Cândido Rondon – Paraná, e analisar as motivações considerando as influências socioculturais que circunstanciam essa seleção. Para tanto, os objetivos específicos são compreender as motivações escolhidas pelos pais na atribuição de nomes, traçar um eixo cronológico analisando as diferenças entre as motivações no decorrer nas décadas, tanto para o sexo feminino quanto para o masculino e investigar as possíveis influências socioculturais que tangenciam a prática de nomeação.

Para a geração de dados da pesquisa, foram realizadas entrevistas com moradores da cidade portadores de nomes próprios simples justapostos e/ou que escolheram tais antropônimos para seus filhos a fim de descobrir as motivações subjacente às escolhas. São considerados nomes justapostos aqueles que possuem um primeiro prenome e segundo prenome com significado distinto, formado por mais de uma peça lexical, como, por exemplo: *Gabriela Cristina e Pedro Francisco*. Tais

nomes se diferenciam dos nomes compostos que formam uma peça lexical única como, por exemplo, *João Paulo e Ana Maria*.

A análise dos dados gerados indicou o porquê da escolha de nomes justapostos às pessoas permitindo a construção de hipóteses explanatórias baseadas na história e na cultura do município.

A justificativa para o desenvolvimento desse trabalho foi a descoberta da existência de muitas pessoas com dois nomes (1 prenome + 1 prenome) nas cidades do oeste paranaense, fato esse evidenciado por uma pesquisa maior dirigida por Seide, intitulada *Antroponímia, cultura e identidade em Marechal Cândido Rondon, Toledo e Missal* (Projeto nº 35370/2011), que empreendeu uma análise de sobrenomes e a origem etimológica, na cidade de Marechal Cândido Rondon e Toledo, no estado do Paraná.

Aponta-se aqui a importância da realização de estudos na área da Onomástica para a sociedade a qual ela objetiva pesquisar. As pesquisas antroponomásticas não contribuem, necessariamente, apenas com estudos linguísticos. Elas podem auxiliar outros estudos que utilizam os nomes próprios como um meio para estudar uma determinada comunidade como, por exemplo, a história, a antropologia, que podem utilizar estudos realizados com antropônimos para analisar outras características de ordem cultural, econômica, política, entre outras.

Feita esta breve incursão no tema de pesquisa e apresentação do objetivo geral, dos objetivos específicos e da justificativa para tal estudo, organizou-se esta dissertação em 6 capítulos, os quais são descritos sinteticamente a seguir.

No primeiro capítulo do trabalho, explicitou-se a contextualização histórica da colonização do Oeste do Paraná e colonização da cidade de Marechal Cândido Rondon, lugar onde foram feitos os estudos dos antropônimos da presente pesquisa. Abordaram-se, nesse capítulo, a história dos primeiros migrantes sulistas rumo às novas terras no oeste paranaense, a comercialização de terras pela Madeireira Rio Paraná (MARIPÁ) (com o intuito de povoar a região com apenas migrantes da cultura germânica), a tentativa política de “germanizar” o local e o desenvolvimento do município.

No segundo capítulo, são apresentadas as bases teóricas em que a pesquisa está ancorada. Primeiramente, elucida-se a raiz da vertente teórica do trabalho: a Lexicologia. Em seguida, são explicitados os caminhos da pesquisa dentro dessa grande área: a Antroponímia e a Socio-Onomástica. Posteriormente, são

apresentados outros estudos realizados na mesma vertente teórica em outros lugares, a definição de nome simples justaposto e de norma antroponímica.

Após os estudos teóricos, no terceiro capítulo, são elucidados os procedimentos metodológicos de pesquisa, justificando a escolha dos determinados meios de se chegar à análise qualitativa. Os tópicos desse capítulo referem-se à construção da amostra, à geração de dados e aos procedimentos de análises quantitativa e qualitativa. O *corpus* é constituído por 250 nomes justapostos, igualmente distribuídos entre o sexo feminino e masculino, nas décadas de: 1930-1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010. A partir desses nomes, recorreu-se à entrevista semiestruturada a fim de se aferir o porquê dos pais atribuírem dois prenomes para os filhos.

No quarto capítulo, apresentou-se o viés teórico utilizado para a categorização das motivações mencionadas nas entrevistas (JIMÉNEZ SEGURA, 2014), elucidando os modelos de atribuição tradicional: religioso e homenagem à família e modelos de atribuição da moda: a estética e mídia.

No quinto capítulo, foram descritos os dados gerados pelas entrevistas. Nessa etapa, a descrição dos dados gerados em cada década, a saber: 1930-1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000, 2010.

Após a descrição da análise quantitativa, no último capítulo, há a análise dos dados fundamentada nas influências socioculturais encontradas na comunidade estudada, considerando a contextualização histórica de colonização, as mudanças ocorridas pela globalização e de que forma tais movimentos puderam, de alguma forma, influenciar na escolha de dar nomes.

Após a apresentação dos aspectos teóricos e metodológicos e análise do *corpus* à luz desses pressupostos, nas considerações finais, retomam-se os objetivos gerais, os pressupostos encontrados nas análises e a comparação da prática de atribuir nomes entre o gênero feminino e masculino, a fim de se chegar a possíveis respostas às perguntas de pesquisa.



A historiografia da colonização da região é ampla. Colonizada a partir de 1930, muitos são os estudos que contemplam o processo da vinda de migrantes, as lutas por terras e as campanhas para a vinda de colonizadores a “uma nova terra”.

A região do sul do Brasil foi colonizada em meados do século XIX, principalmente por alemães e por italianos, no período de consolidação do *Estado Nacional Brasileiro* (TARGANSKI, 2007). O movimento de imigração começou na Europa, com a saída de povos de origem teuta e italiana para o Brasil.

Muitos desses imigrantes europeus foram para o Rio Grande do Sul em busca de uma nova vida, na procura de novas terras e de uma qualidade de vida melhor do que havia na Europa.

A região sul do país foi atraente aos imigrantes, uma vez que possuía um clima semelhante ao da Europa. Havia muitas terras a serem ocupadas e a perspectiva de uma nova vida. O fluxo de imigrantes para o sul do país foi intenso na década de 1930, muitos vieram para a região sul do país em busca de melhores oportunidades de vida.

A quantidade de imigrantes europeus aumentou em um curto espaço de tempo, logo, a região do Rio Grande do Sul e até mesmo Santa Catarina já estariam povoadas. A escassez de terras fez com que houvesse a necessidade de se criar novas alternativas de moradia, uma delas foi a colonização de outras localidades do Brasil ainda não colonizadas (TARGANSKI, 2007).

Concomitantemente, havia uma política que visava ao povoamento de novas terras brasileiras, que ainda não haviam sido colonizadas. Essa nova medida de colonização foi chamada de *implantação do Estado Novo* (TARGANSKI, 2007), e, como essa, outras foram implantadas a fim de que outras localidades do país também pudessem ser habitadas. Diversas companhias colonizadoras iniciaram o processo de venda de terras no Paraná, uma delas foi a Empresa Colonizadora Madeireira Rio Paraná S/A – Maripá, responsável pela colonização do oeste paranaense, a partir de 1946.

A empresa se utilizava de propagandas atrativas para que o colonizador, ainda com medo do desconhecido, pudesse se sentir atraído com a proposta de uma nova terra. Segundo Deitos (2004),

O espaço escolhido no oeste paranaense torna-se um campo onde se constroem interesses e projetos. Por um lado, as companhias

colonizadoras têm na terra um elemento concebido como mercadoria e sua venda visa ao enriquecimento dos que estão inseridos no jogo imobiliário. As companhias não poupam esforços em trazer colonizadores e fazer com que os mesmos adquiram propriedades rurais. (DEITOS, 2004, p. 24).

A principal propaganda da região era relacionada aos aspectos naturais, tais como: relevo – planícies, solo – terra vermelha, clima – estações bem definidas, “clima saudável” (PFLUCK, 2007, p. 120), vegetação – formada por diferentes espécies de madeira de lei. A localidade das terras também era chamativa, uma vez que a região é banhada pelo Rio Paraná. Pfluck (2007) afirma: “Terra fértil, clima agradável, compra parcelada das terras, além da possibilidade de morar próximo de amigos e parentes do município de origem, foram um convite irresistível para muitas famílias migrarem para o Oeste do Paraná” (PFLUCK, 2007, p. 121).

As propagandas para o povoamento da região oeste do Paraná eram direcionadas especificamente aos imigrantes italianos e alemães. Para Targanski (2007), “A empresa passou a fazer uma propaganda dirigida apenas aos descendentes de italianos e alemães que viviam no Rio Grande do Sul e Santa Catarina” (TARGANSKI, 2007, p. 24). Ademais, o referido autor ainda destaca os motivos pelos quais a empresa especificou o público para a emigração ao oeste paranaense:

O objetivo declarado desta empresa era recriar, no Oeste paranaense, núcleos de colonização nos moldes dos antigos núcleos gaúchos e catarinenses, onde deveria predominar a pequena propriedade e onde se formariam núcleos etnicamente homogêneos. (TARGANSKI, 2007, p. 24).

As propagandas concernentes às terras do Oeste eram mencionadas como a *Terra Prometida* (PFLUCK, 2007). Pode-se observar, portanto, que a região foi colonizada quase que exclusivamente por esse tipo de migrante sulista. Mesmo na atual configuração turística, cultural e arquitetônica da cidade de Marechal Cândido Rondon – PR, *lócus* desta pesquisa, é possível perceber a tentativa de identificar a região com marcas da cultura germânica, o que implica no apagamento de características de outros tipos de migrantes, embora também tenham existido outras ascendências (TARGANSKI, 2007).

A tabela a seguir comprova as concentrações de migrantes sulistas na região:

Tabela 1 – População total do município de Marechal Cândido Rondon e Estado de origem – PR 1970

<b>Estados</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
<b>Pernambuco</b>	53	0,12
<b>Bahia</b>	111	0,26
<b>Minas Gerais</b>	487	1,13
<b>São Paulo</b>	281	0,65
<b>Paraná</b>	12.796	29,60
<b>Espírito Santo</b>	90	0,21
<b>Santa Catarina</b>	9.216	21,32
<b>Mato Grosso</b>	36	0,08
<b>Rio Grande do Sul</b>	20.102	46,51
<b>Outros</b>	53	0,12

Fonte: Targanski (apud IBGE – Cascavel, 2007).

A empresa Maripá, proprietária da Fazenda Britânica, se destacou na colonização do oeste do Paraná. Posteriormente, devido a fatores econômicos, o extremo oeste do Paraná foi conhecido a partir dos municípios lindeiros do Lago de Itaipu, que se destacam devido à utilização do Rio Paraná na barragem da Usina Hidrelétrica de Itaipu. A cidade de Marechal Cândido Rondon situa-se entre os 15 municípios lindeiros. A fim de conhecermos melhor sobre esse município, dedicamos a próxima seção.

## 1.1 O MUNICÍPIO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON E SEU DESENVOLVIMENTO

É possível estudar uma determinada região a partir de diferentes perspectivas: geográfica, social, econômica, política e histórica. A região do oeste paranaense foi recentemente povoada se comparada a outras regiões do estado. O município de Marechal Cândido Rondon, colonizado por volta da década de 1950 e emancipado em 1960, é nacionalmente conhecido, principalmente, por sua contribuição econômica na agricultura.

A cidade de Marechal Cândido Rondon está localizada no Extremo Oeste do Estado do Paraná, às margens do Rio Paraná. É um dos municípios lindeiros do Lago

de Itaipu. Localiza-se a 631 km de Curitiba, capital do estado, e segundo o Censo IBGE/2010<sup>1</sup>, o município possui 50.299 habitantes. Atualmente, a cidade é conhecida pela sua grande produtividade na agricultura, na plantação de milho e soja, como também na suinocultura. Na figura abaixo é possível visualizar a localização do município.

Figura 2 – Mapa de localização do município de Marechal Cândido Rondon - Paraná



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marechal\\_C%C3%A2ndido\\_Rondon\\_\(Paran%C3%A1\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marechal_C%C3%A2ndido_Rondon_(Paran%C3%A1))

A história do município tem início no ano de 1946, quando a Companhia Madeireira e Colonizadora Rio Paraná – S.A começou a delinear o espaço para o crescimento de uma nova vila.

Primeiramente nomeada como Vila Flórida, muito dos colonizadores da cidade eram provenientes dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Antônio Rockenbach, Erich Ritscher e Osvaldo Heinrich foram um dos primeiros pioneiros a desbravar a região, à época. Muitos vieram em busca de novas terras e uma nova vida, como trata as pesquisas relacionadas às propagandas da região oeste do Paraná, como as pesquisas de Pfluck (2007) e Targanski (2007).

Zona Bonita, com também era chamado o local, só foi batizado com o nome de General Rondon em 21 de abril de 1951. Essa mudança, determinada pelo diretor da Maripá, Willy Barth, visava a uma homenagem ao general Marechal Cândido

<sup>1</sup><http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411460&search=parana>

Mariano da Silva Rondon, que implantou as linhas telegráficas na região e que também combateu os revolucionários da Coluna Prestes no Oeste do Paraná. Apenas mais tarde, o local foi nomeado com o nome atual de cidade de Marechal Cândido Rondon. Na sequência, há uma foto da Vila General Rondon.

Figura 3 – Vila General Rondon



Fonte: Blog do Viteck (Acesso em 15 set. 2015).

A partir das propagandas realizadas pela Madeireira do Rio Paraná, o número populacional e o crescimento do território da vila aumentaram a cada ano. A tabela a seguir ilustra o movimento crescente da população na cidade:

Tabela 2 – Marechal Cândido Rondon – evolução da população e da área do município (1950-2009)

Ano	População Total	Área km <sup>2</sup>	Hab/km <sup>2</sup>	População Urbana	%	População Rural	%
*1950	21	1.410,09	0,014	21	100	0	0
**1956	1.200	1.410,09	0,851	580	48,3	620	51,7
1960	12.848	1.208,42	10,63	9.906	77,1	2.942	22,9
1970	43.776	1.208,42	36,22	7.189	16,4	36.587	83,6
1980	56.210	1.208,42	46,51	25.076	44,6	31.134	55,4
1991	49.430	1.049,36	47,10	26.487	53,6	22.943	46,4
1996	37.510	748,28	50,12	22.625	60,3	14.885	39,7
2000	41.007	748,28	54,80	31.260	76,2	9.747	23,7
2007	44.562	748,28	59,55	35.451	79,6	9.111	20,4
2009	47.048	748,28	62,87	37.544	79,8	9.504	20,2

\* Período em que era Vila de Toledo. \*\* Período em que era Distrito de Toledo.

Fonte: IBGE, 2000/2007/2010a; PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON, 2007a; PFLUCK, 2001; WEIRICH, 2004.

Elaboração: Kirchheim (2009).

Fonte: Kirchheim (2010).

Observa-se que a vinda de migrantes para a região aumentou rapidamente e, conseqüentemente, o aumento da densidade demográfica fortaleceu a ideia de uma emancipação política, tornando esse fato concreto no dia 25 de julho de 1960. Até então, o município era distrito de Toledo.

Ao estudar sobre a historiografia da cidade, é interessante analisar a diversidade de trabalhos que se voltam para esse local instigante. Gonzalez (2004) cita os principais movimentos que consolidaram a cultura, a economia e a política do local.

Nas décadas de 1950 e 1960, houve o processo de colonização: migrantes sulistas vieram para a região em busca de novas terras. Na década de 1970, ocorre o que foi chamado de *Mecanização do campo e Modernização Agrícola* (GONZALEZ, 2004), isto é, muitos agricultores iniciaram o processo de modernização da agricultura, destacando o município na sua produtividade até aos dias atuais.

Com a densidade demográfica e a diversidade cultural encontrada na cidade, foi criado, por volta de 1980, o projeto intitulado *Projeto de Germanidade*, que teve como objetivo retomar a cultura germânica dos primeiros colonizadores.

Nessa direção, afirma Gonzalez (2004):

Sobretudo na década de 1980, a Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon passa a promover e apoiar iniciativas no sentido de construir a memória *germânica* sobre a cidade. [...] duas ações foram decisivas para a materialização historiográfica de uma memória desse tipo: a criação em 1981 da FACIMAR (Faculdade de Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon, atual UNIOESTE), com a instalação imediata do curso de História (GONZALEZ, 2004, p. 192, grifos do autor).

Atualmente, há a falsa ideia de que a cidade de Marechal Cândido Rondon é conhecida como a cidade “tipicamente germânica” porque houve este projeto político para a retomada da cultura germânica. Há, por exemplo, a arquitetura de determinadas construções, a famosa festa germânica *Oktoberfest*, que além de dança alemã e *chopp*, promove a venda de pratos típicos da culinária alemã. Esclarecendo sobre esse projeto, Gonzalez (2004) destaca:

E, por fim, o Projeto de Germanidade está relacionando ao surgimento de ideias e iniciativas que, a partir de meados de 1980, passaram a reclamar as supostas “raízes germânicas da cidade de Marechal Cândido Rondon”, exigindo a retomada do “espírito germânico” que teria sido constituído no processo colonizatório. A *Oktoberfest*, instituída pelo poder público (Prefeitura Municipal) em 1987, coloca-se como principal elemento propagador do projeto. (GONZALEZ, 2004, p. 199, grifos do autor).

Abaixo é possível verificar o portal da cidade, no qual se percebem traços da arquitetura germânica.

Figura 4 – Portal da cidade de Marechal Cândido Rondon



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=576991>

É importante salientar, como argumenta Gonzalez (2004), que o surgimento de uma Universidade, conseqüentemente, desenvolveu estudos científicos que auxiliaram na memorialização da colonização e da cultura. A instalação da FACIMAR, atual Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), contribuiu para o crescimento da cidade de Marechal Cândido Rondon, não apenas na economia, mas também no desenvolvimento de estudos que pudessem contribuir com o crescimento e com a notoriedade do município.

Nesse sentido, Gonzalez (2004), no artigo intitulado *As Camadas da memória: a produção de marcos memorialísticos na historiografia regional do oeste do Paraná (Marechal Cândido Rondon – 1950- 1990)*, elucida a importância da academia na cidade para o desenvolvimento, não somente econômico (com a vinda de novos moradores universitários), mas também na contribuição de estudos voltados para a região.

O autor aborda com criticidade a materialização historiográfica da memória hegemônica no município. Primeiramente, segundo ele, é errôneo afirmar que a cidade é “tipicamente germânica”, tendo em vista que, como argumentado anteriormente, a *germanização* foi uma atitude política para a homogeneização cultural. Segundo Gonzalez (2004),

Entendemos o conceito de *Hegemonia* a partir das formulações de Antônio Gramsci, para quem *hegemonia* é a capacidade que um grupo social possui (ou desenvolve) de subordinar outros grupos sociais através de mecanismos de homogeneização que interagem principalmente no campo da cultura. (GONZALEZ, 2004, p. 188, grifos do autor).

Nesse sentido, como apontam muitas pesquisas sobre a região, não há uma identidade essencialista dos municípios. Gonzalez (2004) critica autores como Saatkamp (1985), que analisou a história da colonização da cidade mostrando, primordialmente, uma cultura apenas germânica, desvalorizando as outras que coexistiam no município. Guilherme (apud GONZALEZ, 2004) complementa informando sobre o projeto que visava também à mudança na arquitetura de alguns estabelecimentos:

Esse projeto de arquitetura visava modificar somente as fachadas das construções, não mexendo nas instalações internas, *trazendo um pedacinho da Europa, mais precisamente da Alemanha, para mais perto dos seus descendentes*. (GUILHERME apud GONZALEZ, 2004, p. 212, grifos do autor).

O que é destacado no excerto acima, da modificação das fachadas das construções, é visualizado na figura 5:

Figura 5 – Centro de eventos de Marechal Cândido Rondon



Fonte: [http://www.panoramio.com/user/2887930?photo\\_page=1&comment\\_page=8&show=best](http://www.panoramio.com/user/2887930?photo_page=1&comment_page=8&show=best)

Partindo da teoria da Socio-Onomástica, em que há relação entre nome e cultura, partindo-se do pressuposto de haver somente pessoas de origem germânica na cidade, como o *Projeto de Germanidade* visava, sua influência cultural deveria ter

sido notada nas pesquisas sobre os sobrenomes realizadas por Frai (2012), Lauermann (2012) e Gehring (2012). Essas pesquisas mostraram, ao contrário do que se poderia esperar, haver poucas diferenças nas práticas de nomeação da comunidade de origem germânica em comparação à comunidade não germânica, e um número considerável de famílias formadas por pessoas de diferentes origens étnicas.

Ao contrário da identidade essencialista subjacente ao projeto político de germanização, a cidade de Marechal Cândido Rondon apresenta grande heterogeneidade cultural, mais evidenciada a partir do fenômeno de globalização, que é definido por Hall como: “um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo “globalização”” (HALL, 1992, p.18).

O município, nos últimos anos, cresceu significativamente na economia. Em 2005, a Cooperativa Copagril<sup>2</sup> inaugurou o frigorífico de aves a fim de que pudesse proporcionar um novo quadro econômico para a cooperativa e para a região. Conseqüentemente, houve muitas migrações de pessoas vindas de outros lugares para mão de obra. Dentre elas, muitos haitianos, africanos e asiáticos, além de paranaenses do norte do estado e pessoas provenientes do Mato Grosso do Sul.

Nesse sentido, é preciso considerar que o quadro de heterogenização da população aumentou, o que pode se refletir não só na cultura, mas também na norma antroponímica, conforme será mostrado ao longo desta dissertação, a partir da análise dos dados, os quais recobrem o período da criação do município até a primeira década do presente século.

Esse capítulo caracteriza historicamente a cidade de Marechal Cândido Rondon, destacando aspectos relacionados à colonização, ao desenvolvimento da região e aos aspectos culturais. O próximo capítulo discorre sobre os aspectos teóricos deste estudo, delineando a área de estudo e seus subcampos.

---

<sup>2</sup><http://www.copagril.com.br/>

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa realizada para esta dissertação situa-se na área da Lexicologia, onde se insere a subárea Onomástica, que estuda, por sua vez, os nomes próprios, tanto de lugares quanto de pessoas. Este capítulo aborda os fundamentos teóricos que subjazem às pesquisas relacionadas ao estudo de antropônimos, explicitando a linha teórica utilizada para a pesquisa, os tipos de nomes que um portador pode ter no Brasil (um ou dois prenomes), a relação entre nome próprio de pessoa, cultura e sociedade, além de utilizar pesquisas realizadas em outros lugares com o mesmo enfoque teórico.

Sobre os estudos da Lexicologia, Biderman (1998) afirma que se trata de uma ciência que tem como objetivo o estudo das palavras, sua categorização e estruturação. É nesse sentido que se pode destacar, segundo a autora, que “O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente [...]” (BIDERMAN, 1998, p. 11).

De acordo com a pesquisadora, a prática de atribuir nomes às coisas é ampla e universal, toda e qualquer comunidade necessita nomear o que a rodeia, sejam objetos, animais, pessoas, ideias ou conceitos. É uma ação de individualizar e categorizar as coisas existentes. Para a autora, “A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras” (BIDERMAN, 1998, p. 11).

Dentre os diversos estudos que a Lexicologia pode abordar, encontram-se: neologismos, formação de palavras, estrangeirismos, há também o viés de investigação dos nomes próprios de pessoas e lugares cuja área denomina-se Onomástica.

Segundo Dick (1992), importante pesquisadora, precursora dos estudos da Antroponomástica no Brasil:

A nomeação dos lugares sempre foi atividade exercida pelo homem, desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana. Obras antigas da história e da civilização mundiais colocam essa prática como costumeira, ainda que distinta, em certos pontos, do processo denominativo vivido modernamente. (DICK, 1992, p. 8).

Dentre os diferentes estudos da Onomástica, destacam-se a Toponomástica, que estuda os nomes de lugares como cidades, estabelecimentos, ruas etc., e a Antroponomástica – que estuda os nomes próprios de pessoas, considerando-os como prenomes, sobrenomes e alcunhas. Dick (1992) complementa:

Enquanto os topônimos definem e precisam os contornos de qualquer paisagem terrestre, os antropônimos se referem, com exclusividade, à distinção dos indivíduos entre si, no conjunto de agrupamentos sociais, ao mesmo tempo que permitem e possibilitam aos núcleos assim constituídos a aquisição de uma personalidade vivenciada através da nominação de seus membros. (DICK, 1992, p. 178, grifos da autora).

Nessa perspectiva, afirma-se que é do cotidiano do ser humano atribuir nomes às coisas e aos seres que o cercam. Por isso, é imprescindível notar que tais nomes não são atribuídos de antemão, sem significado ou sem relação com o contexto a qual o ser, o objeto ou o lugar se inserem. De acordo com Dick (1992), os antropônimos de pessoas podem revelar marcas de uma sociedade, de uma cultura: “a Antroponímia, ciência que estuda os nomes próprios individuais, “em suas origens e alterações”” (DICK, 1992, p. 190, grifos da autora). Na época em que os trabalhos de Dick foram publicados, utilizava-se a palavra antroponímia em dois sentidos diferentes: como termo de uma área de estudo e como termo que designa um conjunto de nomes próprios. Atualmente, tem se tornado frequente o uso de termos distintos: antroponímia, para fazer referência ao conjunto de nomes, e a antroponomástica, para a ciência que os estuda.

Nessa direção, é possível estudar os nomes próprios de pessoas em diferentes perspectivas, podendo considerar a sua origem histórica, a etimológica, as mudanças dos nomes a partir de culturas diferentes e quais as possíveis relações históricas e socioculturais que influenciam na prática de nomear pessoas.

Inicialmente, antes de tornar-se uma ciência da linguística, utilizava-se o estudo dos nomes como meio para estudar a organização de uma comunidade. O antropólogo português João de Pina Cabral, em sua pesquisa antroponímica dos nomes atribuídos aos filhos no sul da Bahia, pesquisou o porquê da importância de atribuir ao filho o nome do pai em uma família que, posteriormente, seria liderada pela figura materna (PINA CABRAL, 2007), ou seja, família de pais divorciados. Salienta-

se que, nessa pesquisa, o estudo de antropônimos foi o meio pelo qual Cabral utilizou para compreender certos fenômenos sociais.

Ele verificou, dentre diferentes modelos de atribuição, que muitas mães atribuem o nome do pai aos filhos para demarcar a paternidade, como, por exemplo, “quando se dá a um filho um nome que conjuga sílabas de ambos os pais, quando as iniciais dos nomes dos filhos formam um acrônimo” (PINA CABRAL, 2007, p.7).

O antropólogo concluiu que a causa “é uma forma de sublinhar o prestígio da figura masculina cujo nome é integralmente repetido” (PINA CABRAL, 2007, p. 9) e a atribuição do nome ao filho relacionando ao nome do pai reforça a paternidade dele. Dessa forma, salienta-se a interdisciplinaridade da Antroponomástica e a importância de estudá-la na compreensão de fenômenos históricos, geográficos, sociais e culturais.

Os autores que primeiramente se propuseram a iniciar os estudos dos nomes próprios formam o que hoje se reconhece como sendo a Onomástica clássica: o estudo dos nomes próprios de pessoas a partir de sua etimologia. Posteriormente, estudos considerando o aspecto semântico começaram a surgir, se destacando pesquisadores como Emilia Aldrin (2008), Rita Caprini (2001), Willy Van Langendock (2007), que estudaram a ciência da Onomástica juntamente com a Sociolinguística.

Em relação aos estudos da Antroponomástica, no Brasil, grande parte das pesquisas são realizadas considerando, inicialmente, os estudos de Dick (1992). A partir dos estudos fomentados, o objeto de estudo é coletado, geralmente, por análise documental, que é o levantamento a análise de dados a partir de registros de certidões de nascimento. Em seguida, faz-se a análise qualitativa dos dados, seguindo um modelo de análise que considera tanto aspectos etimológicos, a origem étnica quanto às motivações estudadas por Guérios (1981), que estão atreladas aos motivos para qual o designador atribui tal nome. Para esse autor,

Os antropônimos podem ser estudados sob dois aspectos principais: 1º) Sob o aspecto linguístico, da sua origem ou criação (etimologia); e 2º) sob o aspecto social ou psicossocial, o da sua escolha ou das razões por que são ou foram sempre empregados. (GUÉRIOS, 1981, p. 16).

Guérios (1981) é um grande estudioso que, assim como Dick (1992), iniciou os estudos antroponomásticos no Brasil. Além de estudar as diferentes vertentes da

Antroponomástica, o autor categoriza as motivações utilizadas na prática de nomeação e ainda analisa os nomes de pessoas a partir de sua etimologia. Suas pesquisas estão divulgadas em um livro reconhecido para a área, intitulado *Dicionário Etimológico de nomes próprios*.

Outra perspectiva de estudo dos nomes é a Sócio-Onomástica cujo objetivo principal é analisar os nomes sob a perspectiva sociocultural, observando como os aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais podem interferir na prática de nomeação de um determinado lugar, relacionando, ainda, com a própria constituição identitária das pessoas. Seide (2013), discorrendo sobre a relação identitária, afirma que ser portador de um nome “[...]significa ser identificado como parte da comunidade, como um sujeito igual àqueles que a ela pertence e diferente daqueles que se acham fora desta sociedade” (SEIDE, 2013, p. 174). A seção se destina a um aprofundamento sobre a Sócio-Onomástica, que trata especificamente da relação entre os nomes e a sociedade.

## 2.1 O ESTUDO DOS NOMES PRÓPRIOS NA PERSPECTIVA DA SÓCIO-ONOMÁSTICA

De acordo com Dick (1992), a escolha de um nome pode revelar a situação geográfica, história e social do nomeador. Os sobrenomes, assim como os prenomes, também carregam um grande poder semântico: o de revelar aspectos da cultura, da etnia e da sociedade a que pertence o indivíduo, sendo que “por sobrenome, se entende um patronímico, nome de pessoa ou expressão religiosa que se junta imediatamente com ao nome próprio” (DICK, 1992, p. 179).

Prosseguindo com a análise e escolhas dos antropônimos, Dick menciona as influências históricas, políticas e religiosas, além do tempo e do lugar onde o indivíduo nasceu, coordenadas do contexto em que esse indivíduo se insere e quanto isso influenciará a escolha de seu nome. Segundo a autora, essas influências mostram que a escolha de um nome vai além da simples escolha a partir de um código linguístico: há um peso semântico que esses nomes carregam (DICK, 1992).

O estudioso Willy van Langedonck (2007), sintetiza os modelos teóricos com ênfase na Socioantroponímia, sendo assim, precursor dos estudos da área. Ele analisou os nomes próprios de pessoas sob uma perspectiva social. No trabalho intitulado *Theory and Typology of Proper Names*, o autor justifica seus estudos

abordando os estudos de William Labov, que trabalha com a Teoria Variacionista na Sociolinguística: se a língua varia de acordo com uma localidade, então é certo afirmar que os nomes próprios de pessoas também se modificam de acordo com a sociedade que se estuda. Langedonck (2007), além de elucidar as diferentes vertentes teóricas dentro dos estudos onomasiológicos, defende que a relação nome e sociedade estão intrinsicamente interligadas, haja vista que “os nomes próprios são signos linguísticos ancorados socialmente e são grande parte e parcela do inventário linguístico de uma comunidade<sup>3</sup>” (LANGEDONCK, 2007, p. 306, tradução nossa).

Em sua pesquisa sobre as formas pelas quais há a referência a pessoas no dialeto Flamingo, Langedonck (2007) contrapõe seus estudos aos de outros teóricos cujas pesquisas abordavam apenas o nome próprio como apenas um referente a um indivíduo. Segundo o estudioso, os nomes de referência podem variar de acordo com a posição geográfica, econômica e ideológica do nomeador, por exemplo, pessoas que são referenciadas inicialmente por seu trabalho social: *Pastoor Nijs* para referenciar a um pastor ou *Doktoor Petit* para dirigir-se a um médico. Por fim afirma que:

Devido à natureza especial dos nomes próprios, eles são particularmente adequados para a investigação das alterações sociais, uma vez que estas mudanças têm um impacto direto e rápido na estruturação da especialmente na prática de dar nomes em uma comunidade. Pelo menos a sociolinguística referente é capaz de produzir resultados interessantes<sup>4</sup>. (LANGEDONCK, 2007, p. 320, tradução nossa).

A pesquisa de Langedonck (2007) representa um dos direcionamentos possíveis para o estudo dos nomes próprios. Na sequência, apresentam-se outras perspectivas de estudo.

---

<sup>3</sup> Proper names are socially anchored linguistic signs and as such part and parcel of the linguistic inventory of a society (VAN LANGEDONCK, 2007, p. 306).

<sup>4</sup>Due to the special nature of proper names, they are particularly well suited for the investigation of social changes, since these changes have a direct and rapid impact on the structuring of specially the name-giving of the person in a community. At least referent sociolinguistics is able to yield interesting results. (LANGEDONCK, 2007, p. 320).

## 2.2 DIFERENTES PERSPECTIVAS DO ESTUDO DOS NOMES PRÓPRIOS

Os estudos realizados na área da Antroponomástica são diversificados. Muitas das pesquisas abordam a pesquisa documental, que parte da análise de certidões de nascimento.

Nesse sentido, López Franco (2011) utiliza-se desse método em seu trabalho. A pesquisadora é referência para o modelo de categorização de antropônimos, bibliografia essencial para a presente pesquisa. Ela coletou e analisou informações de certidões de nascimento de moradores da cidade de Tlanepantla de Baz, no México, em um período de 100 anos -de 1901 a 2000. López Franco (2011) analisou os antropônimos a partir de sua frequência em cada década, como também em qual língua (majoritária ou de substrato) o nome se derivava e qual era a sua constituição morfossintática.

Outras pesquisas foram realizadas tendo, como critério de estudo, a análise etimológica dos nomes. Seide (2013) analisou, posteriormente, um *corpus* coletado por Cognese (2011). Foram considerados apenas os nomes de ruas da cidade de Toledo - PR que começassem com a letra A e que fosse formado por antropônimos. A pesquisa foi realizada de forma quantitativa e qualitativa, ora considerando o processo etimológico ora desconsiderando-o. O objetivo do estudo era observar se havia ou não alguma relação etimológica com o nome dado pelo designador com o sobrenome. No final da análise, constatou-se que há muita divergência entre o processo etimológico do nome com o sobrenome. Esse resultado decorre de, muitas vezes, o designador não considerar o significado e origem do nome, ao contrário do sobrenome, o qual, segundo Dick (1992), é dado de geração a geração, sendo hereditários, mostrando as raízes étnicas do indivíduo. Nesse sentido, afirma Seide (2013):

Quando se atenta para o ato designativo é preciso levar em consideração o conhecimento do designador a respeito do nome escolhido e suas motivações. Em raros casos, há, por parte do designador, conhecimento sobre o significado etimológico dos primeiros nomes, se bem seja comum haver algum conhecimento sobre a origem dos sobrenomes ou da comunidade na qual determinado primeiro nome é mais utilizado. (SEIDE, 2013, p. 174).

A adoção exclusiva do método etimológico, como mostra Seide (2013), torna a pesquisa limitada, pois o estudo etimológico restringe a pesquisa quando o objeto de estudo são os nomes próprios de pessoas, desconsiderando o processo enunciativo que gera o nome, como também as questões culturais envolvidas no processo. Salienta-se, aqui, que o estudo etimológico, ou seja, a análise a partir do significado e origem dos nomes, torna restrita a pesquisa no que diz respeito aos prenomes; porém, conforme o estudo de Seide (2013), a análise etimológica pode ser aplicada aos sobrenomes, que podem revelar a sua origem étnica. Nesse sentido, os nomes podem ser estudados “como uma forma linguística atrelada ao étimo e como uma forma linguística atrelada ao uso” (SEIDE, 2013, p. 176). A pesquisadora ainda afirma:

Em se tratando de antropônimos, deve-se levar em consideração a possibilidade de os sujeitos designadores conhecerem a proveniência do sobrenome, apenas. Neste caso, as pesquisas podem ser feitas levando-se em consideração apenas o étimo do sobrenome e não a etimologia dos pré-nomes, via de regra, ignorada pelos nomeadores. (SEIDE, 2013, p.173).

Outros estudos recentes foram realizados na região do oeste do Paraná. Aponta-se o trabalho de Grespan (2013) a respeito dos nomes próprios de pessoas na cidade de Toledo - PR. Em sua pesquisa, a autora procurou compreender como os habitantes de Toledo nomearam seus filhos, buscando aspectos inovadores no sistema de nomeação e atribuindo ao estudo etimológico dos nomes um papel secundário. Grespan (2013) analisou 600 nomes (registrados entre os anos de 1954 e 2004), obtidos a partir de certidões de nascimento no cartório de registro civil na comarca de Toledo - PR, sendo registrados em fichas antroponomásticas próprias para a pesquisa.

Nessa pesquisa, confirmou-se, por meio da análise etimológica do sobrenome, que, em 1954, grande parte da população de Toledo era de origem alemã e italiana. A partir de 1964, houve um acréscimo de famílias de origem portuguesa e decréscimo das famílias italianas e alemãs. Sobre os prenomes, Grespan (2013) constatou que, principalmente nos nomes formados por dois prenomes (por justaposição ou por composição), houve a troca de letras e fenômenos modificadores, como os que ocorrem, por exemplo, nos nomes *Anildo Mathias*, *Elizabetha*, *Adriane*

*Cristhina, Dayane Cristhine e Raphael*, fenômeno que, segundo a autora, tem aumentado em Toledo.

Com bases em seus resultados, foi possível afirmar que ocorreram mudanças na prática de nomeação. No entanto, devido à falta de entrevistas e pela pesquisa se pautar somente na análise documental, reflexões sobre as motivações para tais mudanças na antroponímia local não puderam ser feitas e não foi possível saber quais razões ou motivações levaram os pais a atribuírem nomes “diferentes” aos filhos.

Outra pesquisa nessa direção foi a de Vescovi (2015) sobre os antropônimos nos municípios de Palotina - PR e Maripá - PR, também localizados no oeste do Paraná. O objetivo da pesquisa foi descrever aspectos salientes da norma antroponímica vigente em cada município, quais as divergências e convergências entre elas e, ainda verificar, a partir da história de colonização do local, se houve ou não influência na ascendência dos nomes próprios das pessoas em decorrência da colonização.

O *corpus* de Vescovi (2015) foi constituído por geração de dados realizada em ambos os municípios. Foram recolhidos 600 nomes registrados no cartório civil de Palotina - PR, nas datas 1957, 1967, 1977, 1987, 1997 e 2007. Ainda, devido a fatos históricos, foram coletados os 100 primeiros registros das décadas de 1970, 1971 e 1975. No município de Maripá - PR, foram coletados nomes das décadas 1966, 1976, 1986, 1996 e 2006-2008. Em sua pesquisa, a autora percebeu que os fatos históricos influenciam nos dados antroponímicos. A partir da Era da hortelã<sup>5</sup>, por exemplo, no município de Palotina -PR, outros sobrenomes começaram a surgir e uma nova norma antroponímica surgiu durante este período. Outro fator mencionado foi a instabilidade de nomes femininos e a estabilidade dos masculinos, ou seja, os nomes masculinos são facilmente repetidos, já os nomes femininos dificilmente apresentam a mesma repetição (VESCOVI, 2015, p. 103).

A pesquisa de Vescovi (2015), assim como a de Grespan (2014), partiram da análise documental, por isso, em ambas as dissertações de mestrado, não foi possível saber por que motivos os pais nomeiam seus filhos de uma maneira e não de outra. Nessa perspectiva, nota-se que, muitas vezes, para estudar os nomes próprios considerando a motivação pela qual os pais atribuem nome ao filho, apenas a análise

---

<sup>5</sup>A Era da Hortelã foi um período histórico para o município de Palotina. Por volta da década de 50 até a década de 70, principalmente, muitos migrantes de diversas regiões do Brasil migraram para a região de Palotina a fim de encontrarem uma nova sobrevivência no plantio de hortelã.

documental pode não propiciar o aprofundando da análise de dados, tornando a pesquisa limitada. Não obstante, pesquisas que se pautam em análises documentais, como em certidões de nascimento, podem nos revelar muitos dados, como, por exemplo, a origem das famílias por meio dos sobrenomes dos avôs, os nomes mais utilizados em determinadas épocas e a etimologia dos os sobrenomes.

Seide (2016) analisa os nomes próprios cuja etimologia é religiosa, como por exemplo, *Cristina* que provém do diminutivo latino *Christinus*; *Teresinha*: à Santa Terezinha de Jesus, nascida em 1873 e falecida em 1897. E *Regina*, do adjetivo latino “*regina*”, que significa rainha, e é utilizado para referir-se à Nossa Senhora. Os *corpora* analisados por Seide provêm de narrativas pessoais de alunos do 2º ano do Curso de Licenciatura em Letras da Unioeste, *campus* de Marechal Cândido Rondon, escritas em 2012, e questionários respondidos por alunos do 4º ano do mesmo curso em 2013. Depois de buscar o significado dos nomes pretensamente religiosos, Seide analisou se os pais dos estudantes atribuíram a seus filhos os nomes devido ao seu significado etimológico ou se havia outra motivação para a sua nomeação. No final da análise, ela conclui que a maioria dos pais não atribuiu nomes religiosos devido à sua carga semântica, mas sim por outros motivos, como homenagem a avôs paternos ou maternos ou por motivação estética.

Como se pode perceber pelo estudo de Seide, os estudos da Sócio-Onomástica relacionam a escolha do nome à sociedade e à cultura onde são utilizados, havendo vários e diversificados realizados fora do território brasileiro. O antropônimo pode ser considerado algo comum na língua; contudo, seu estudo pode revelar uma grande história que inicia-se desde seus antecedentes, transforma-se com o passar do tempo e perpassa até os dias de hoje. Outro fator relevante, que mostra a importância do estudo nesse campo, é a universalização da ação de nomear as pessoas. Desde os primeiros documentos registrados de vários povos, italianos, germânicos, árabes, americanos, africanos, entre outros, percebe-se que o ato de nomear é universal e toda e qualquer etnia procede na nomeação de um indivíduo.

Dados históricos mostram que a prática de nomeação sempre acompanhou a organização social de uma determinada comunidade. Na Roma antiga, por exemplo, os soldados eram recrutados a partir de seus nomes. Homens com nomes com um “significado forte” para os romanos, como Félix ou Vítor, eram os primeiros a serem escolhidos, e nomes que possuíam um significado auspicioso poderiam ser menos convidativos à convocação de homens para as guerras. Dessa forma, os romanos

acreditavam que o significado de um antropônimo poderia incorporar-se ao indivíduo portador. Os escravos na época não tinham o direito de ter um nome, eles eram identificados como pertencentes “à casa de” seu senhor (DICK, 1992). O sistema de nomeação dos romanos era constituído inicialmente pelo *prenomen*, que era o nome individual dado no batismo, o *gentilicum*, que era o nome da *gens* ou grande grupo consanguíneo a que pertencia, tendo com os demais indivíduos do grupo um originário antepassado comum e o *cognomem*, que era o nome do grupo familiar, em outras palavras, era o sobrenome que era passado hereditariamente. Dessa forma, nota-se que, a partir do nome, o indivíduo poderia ser conhecido por meio de sua linha genética e ainda ser reconhecido pelo grupo ao qual ele pertencia.

O sistema antroponímico medieval (século X) também foi formado e mudado a partir das necessidades sociais. Segundo os estudos de Santos (2003), as pessoas eram apenas nomeadas com um nome e um patronímico (que identificava a paternidade), por exemplo, João filho de Pedro, chamava-se João Pires, João filho de Domingos, chamava-se João Domingues (SANTOS, 2003). Com o início da era moderna, precursora da ascensão da Revolução Industrial, os vilarejos, que eram pequenos e, por isso, não necessitavam de uma norma antroponímica complexa, transformaram-se em cidades populosas, dessa forma, o simples sistema de nomeação de nome e patronímico já não era mais suficiente para a identificação. Como consequência, o sistema de nomeação se modificou assim como a organização da sociedade da época. As pessoas começaram a atribuir, juntamente com os patronímicos, as alcunhas (apelidos), que identificavam o indivíduo a partir de peculiaridades físicas, como uma deficiência, a calvície, a cor da pele ou a profissão.

A partir do século XIII, muitos patronímicos foram substituídos pelas alcunhas, formando nomes como Estevão Sapateiro e João Domingues Beiçudo. Dick (1992) complementa sobre as mudanças antroponímicas:

Os aspectos semânticos que os nomes de pessoa podem ressaltar estão ligados aos motivos que, em determinadas épocas e regiões, orientavam a criação dos antropônimos, os quais, dessa forma, se tornavam aptos a refletir os costumes das civilizações envolvidas, como manifestações culturais de seu povo. (DICK, 1992, p. 181-2).

Comprovando que o sistema antroponímico está refletido na sociedade, na Idade Medieval, assim como no Império Romano, era possível identificar a classe social

a partir dos nomes. Havia na nobreza da Idade Média sua própria forma de nomear, tendo em vista que a nobreza atribuía nomes conforme seus antecedentes, perpassando nomes e sobrenomes tradicionais de geração para geração, constata-se, então, conforme destaca Santos (2003), que “[...] a persistência da onomástica visigótica é uma realidade que, talvez, se possa relacionar com o fato do arcaísmo do nome funcionar como marca de distinção social” (SANTOS, 2003, p. 233).

Outros estudiosos, como Guérios (1981), também procuraram analisar as motivações dos nomes das pessoas, classificando a origem dos antropônimos por meio da religião, das tradições familiares, da circunstância de tempo e de lugar de nascimento e até pela etimologia.

Atualmente, a partir de pesquisas realizadas na área, nota-se que o sistema de nomeação continua a sofrer mudanças progressivas. Se na Idade Medieval (século X) as mudanças ocorreram devido à organização social – os feudos transformaram-se em cidades -, atualmente as mudanças ocorrem devido a outros fatores, como, por exemplo, a globalização. Hall (1992) estuda as influências da globalização no sujeito pós-moderno, no final do século XX. Conforme explica Hall (1992), com a globalização, houve certa homogeneização de culturas, aquilo que o teórico denomina identidade nacional, que se refere ao conjunto cultural formado por todos os sujeitos de um determinado lugar: “As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”” (HALL, 1992, p. 18, destaques do autor).

É difícil encontrar, atualmente, em algum lugar, uma cultura que se mantenha intacta e totalmente fiel aos seus valores tradicionais. Isso ocorre porque, de acordo com o modo de vida do século XXI, é fato presenciarmos mudanças na sociedade decorrentes da globalização. Temos conhecimento das guerras que acontecem no outro lado do continente, compra-se constantemente a última tecnologia do Oriente, adotam-se características do modo de vida americano, como também adotamos, no nosso discurso, uma língua franca internacional para melhor comunicação entre nações: a língua inglesa.

Parte-se do pressuposto de que as mudanças apontadas por Hall (1992) podem carregar mudanças nas práticas de nomeação adotadas pelas culturas cuja identidade tem se descentralizado. Aponta-se, então, a importância do ato de nomeação, nas palavras de Carvalhinhos (2007): “O nome próprio tem como função registrar atitudes e posturas sociais de um povo, suas crenças, profissões, região de

origem, entre outros aspectos” (CARVALINHOS, 2007, p. 2). Dessa forma, o ato de nomear não é um ato corriqueiro, pois tem hoje um fator mais ideológico do que identificador. Na sequência, são mostrados alguns exemplos de práticas nomeadoras que tem se transformado sob o influxo da globalização.

Bramwell (2011) analisou a prática de nomeação em uma comunidade migrante paquistanesa residida na cidade de Glasgow, Escócia, e quais foram as influências nessa prática de atribuir nomes ocorridas devido ao processo migratório.

A partir da década de 1950, muitos imigrantes islâmicos saíram de seu país e migraram para a cidade de Glasgow. Atualmente, muitos já são nascidos no próprio país da Grã-Bretanha, e com o passar dos anos, foram necessárias adaptações culturais dos imigrantes diante de uma nova organização social e cultural. Primeiramente, destaca-se que os imigrantes islâmicos necessitaram aprender a língua inglesa para se comunicar com as demais pessoas. As crianças começaram a ingressar nas escolas locais, como também manter contato com outras culturas.

Essas influências culturais e a inserção dos imigrantes em uma cultura mais ampla resultaram em mudanças no sistema antroponímico da comunidade paquistanesa. De acordo com Bramwell (2011), o fator mais importante considerado em dar nome ao filho é pelo seu significado, dessa forma, o nome deve possuir um “bom significado”. A maioria dos nomes é de ordem religiosa ou então designam alguma qualidade que os pais querem que o filho possua. Atribuir apelido é uma prática exclusiva da família; todavia, as gerações mais velhas começaram a atribuir apelidos para outros grupos além do familiar.

A autora supracitada salienta, logo no início de sua pesquisa, que:

Nomes não são apenas rótulos; eles têm significados sociais. Os pressupostos que evocam nomes pessoais nos ajudam a classificar as pessoas, para atribuí-los a um determinado sexo, língua, classe, religião ou cultura (BRAMWELL, 2011, p. 29).

Nesse sentido, ela analisou que a comunidade paquistanesa, para registrar um filho, na Escócia, deveria adotar o sistema antroponímico do local. Assim, os islâmicos necessitavam atribuir algum sobrenome ao filho, o que fugia dos padrões antroponímicos de sua cultura, pois nela não existia a prática de atribuir sobrenomes aos filhos.

O impacto da globalização acarreta a imigração de muitos outros povos, que, por questões sociais, políticas ou econômicas, tem se deslocado para outras comunidades. Tal movimento traz, como consequência, mudanças no aspecto designador dos nomes, no caso da comunidade em questão citada, a prática de nomeação precisou ser modificada para ser aceita em outra comunidade cultural, o que acarreta em mudanças na cultura da própria comunidade migrada e consequentemente a perda de tradição no ato de nomear.

Outra comunidade impactada pela globalização é a comunidade Bakossi, localizada no continente Africano, na República dos Camarões, ao noroeste da Nigéria e ao norte de Gabão. Ngade (2011) elucidou as fortes tradições culturais do local, uma delas a forte veneração pelos antepassados. Dessa forma, é comum na prática de nomeação os pais atribuírem nome de avós para os filhos como uma forma de homenagem aos ancestrais. O estudioso concluiu também que o primeiro nome do filho é escolhido pelo pai, que escolhe um nome de ancestral de sua família. Já o segundo nome é a mãe quem escolhe, podendo atribuir um nome da parte de sua linhagem. A comunidade Bakossi possui, ainda, outra prática de nomeação: nomear a criança a partir do local onde ela nasce. Os filhos nascidos em Bakossi trazem em seu nome o sufixo *Ngoe* que identifica o lugar onde a criança nasceu, por exemplo, *Asome 'ngoe* ou *Ename'ngoe*. Também, os nomes podem ser atribuídos às crianças a partir do gênero e das qualidades que são atribuídas ao significado do nome.

Essa tradição cultural de prática de nomeação de nomes próprios de crianças sofreu mudanças devido à globalização. Ngade (2011) constatou a influência desse fenômeno mundial na alteração dos costumes e da cultura na tradição religiosa. Após a chegada de missionários católicos para a comunidade Bakossi, muitos pais procuraram nomear seus filhos com nomes de santos ou nomes típicos da religiosidade cristã, fazendo com que as tradições da religião de Bakossi fossem menos utilizadas. Ngade (2011) afirma que a modernidade é um dos maiores processos quem leva à quebra da tradição. Aponta, ainda, que a classe alta da comunidade tem mais interesse em atribuir nomes próprios aos filhos a partir de dicionários etimológicos, ou seja, não há mais em evidência a escolha dos nomes para homenagear os ancestrais nem com valores significados para a sociedade. O que sobressai são os nomes atuais divulgados pela globalização como, por exemplo, *Whitney*, de *Whitney Houston*, *Kelly*, de *Kelly Clarkson*, e *Michael*, de *Michael Jackson*.

Observa-se que muitas pesquisas na área da Sócio-Onomástica podem ser realizadas considerando diferentes variáveis sociolinguísticas: pode-se estudar os nomes próprios de pessoas a partir do gênero feminino e masculino, faixa etária, grau de escolaridade, entre outros. As variáveis são definidas a partir do objetivo que se pretende almejar.

Por fim, Jiménez Segura (2014) em seu trabalho de mestrado, deu continuidade aos trabalhos de Lopez Franco (2014) sobre os nomes de Tlalnepantla de Baz (JIMÉNEZ SEGURA, 2014). Em sua pesquisa, classificou as motivações em três modelos de atribuição antroponímica: a primeira que se refere aos nomes tradicionais, classificados em religiosos - mas especificamente os nomes católicos atribuídos pelo calendário litúrgico - e os nomes de família que são as homenagens a familiares. O segundo refere-se aos nomes atribuídos por modismo, por moda considera-se o conceito como uma tendência cíclica que pode ocorrer em diferentes gerações (LÓPEZ FRANCO, 2014). Segundo a autora, os nomes que pertencem aos modismos podem ainda ser oriundos de modelos linguísticos prestigiosos, como os nomes utilizados na classe alta, podem ser também antropônimos de pessoas públicas ou ainda nomes advindos do fenômeno chamado globalização (LÓPEZ FRANCO, 2014). Por último, a eleição livre, que são os nomes atribuídos por alguma outra influência, podendo ser por homenagem a amigos, por influência política entre outras motivações.

Nessa perspectiva, Jiménez Segura (2014) também analisou os nomes na cidade de Tlalnepantla de Baz tanto num corte sincrônico quanto diacrônico, verificando os nomes atribuídos tanto pela religião quanto para modismos. A autora destaca no final de sua pesquisa:

Os resultados obtidos no presente trabalho permitem reconhecer que, no estudo de atribuição dos nomes de batismo, a relação que os antropônimos guardam com o contexto social no qual foram escolhidos é um elemento fundamental para compreender melhor seu comportamento. (JIMÉNEZ SEGURA, 2014, p. 59, tradução nossa<sup>6</sup>).

Os nomes coletados nas certidões de nascimento foram categorizados dentro dos modelos de atribuição antroponímica estabelecidos. Nota-se, então, que

---

<sup>6</sup> Los resultados obtenidos em el presente trabajo permiten reconocer que, em el estudio de la atribución de los nombres de pila, la relación que los antropónimos guardan con el contexto social en el cual fueron elegidos es un elemento fundamental para comprender mejor su comportamiento.

os dados da pesquisa empírica foram adaptados aos modelos antroponímicos, observando divergências entre a prática de atribuição para nomes femininos e masculinos. Após a análise dos dados, a autora detectou a diminuição progressiva da motivação religiosa nos nomes com o passar dos anos e o aumento de nomes atribuídos com o advento da moda. Para os dois sexos houve, segundo conclusões da pesquisa citada, houve concorrência dos modelos.

Após esse breve esboço de caminhos possíveis para o estudo dos nomes, na próxima seção, explicitam-se as categorias antroponímicas utilizadas nesta pesquisa.

### 2.3 CATEGORIAS ANTROPONÍMICAS

O ser humano sempre teve necessidade de nomear tudo que está à sua volta. O nome próprio tem como objetivo distinguir um indivíduo de outro, tornando-o único na comunidade em que vive. Porém, dentro da própria área que o estuda, são muitas as distinções quando se refere às acepções de *nome*. De acordo com Leite de Vasconcelos (apud CARVALINHOS, 2007), o problema de definições terminológicas já era presente em Portugal, desse modo, observam-se algumas divergências no entendimento do que é um *nome*. Quando se questiona uma pessoa a respeito de seu nome, geralmente, não se distingue a qual nome se está fazendo referência. Por isso, há uma possibilidade genérica de entendimento da questão. Carvalinhos (2007) apresenta, então, algumas definições:

1. Nome próprio ou individual: nome dado no batismo ou no nascimento do indivíduo. O nome Ana Maria da Silva, cujo nome individual é *Ana*.

2. Nome completo: É o conjunto de todas as designações dadas ao indivíduo, como, por exemplo, *Ana Maria da Silva*.

3. Qualquer elemento presente na designação: ao pedir o nome para uma pessoa, ela poderá entender como: *Ana, Ana Maria, Silva ou Ana Maria da Silva*.

4. Alcinha ou apodo: é o tratamento informal dados as pessoas, também podendo ser chamado erroneamente de apelido, de caráter passageiro (apodo) ou permanente (alcinha), como por exemplo José, que tem como forma reduzida Zé.

Leite de Vasconcelos (apud CARVALINHOS, 2007), um dos primeiros estudiosos em definir as categorias Onomasiológicas, explicita e distingue em seu trabalho *Antroponímia Portuguesa* os conceitos para as categorias antroponímicas.

Carvalinhos (2007), por sua vez, adapta-os à nova realidade cultural do Brasil, e são esses os conceitos utilizados para a realização da presente pesquisa:

1. O nome próprio: tem origem de diferentes fontes históricas, bíblicas e modernas. O nome próprio pode ser considerado o primeiro prenome utilizado para designar uma pessoa, ou então um nome simples.

2. O sobrenome: é considerado um complemento ao nome próprio. Na antiguidade, os sobrenomes eram utilizados para relacionar um determinado indivíduo ao seu pai, por isso, há as classificações que denominam o sobrenome como patronímico. Nessa perspectiva, os patronímicos podem ter diferentes origens, como: a) sobrenomes derivados de nomes de pessoas: nomes dos pais que eram atribuídos aos filhos como sobrenome, por exemplo, *Fernandes* – filho de Fernando; b) sobrenomes de motivação religiosa: a partir do século XVI os sobrenomes religiosos passaram a ser atribuídos não somente para padres e freiras, mas também para as demais pessoas. Os sobrenomes Assis, Sales e Batista advêm de santos. O sobrenome religioso pode ser atribuído com a mesma motivação dos prenomes: por devoção, pelo dia do nascimento (calendário litúrgico) e apadrinhamento.

3. O apelido de família: as alcunhas podem ter diferentes motivações para os apelidos de família podem ser iguais à atribuição do nome próprio ou sobrenome; inclusive muitos apelidos são atribuídos a partir do nome e do sobrenome. Os apelidos podem ser advindos de condições físicas, moral, profissão, idade ou fases de vida, condição de nascimento.

A partir dos conceitos de nomes considerados nesta pesquisa, na sequência, discorre-se sobre a estrutura dos nomes de pessoas.

## 2.4 ESTRUTURA DOS NOMES DE PESSOAS

Para a presente pesquisa, a seleção dos informantes se deu a partir de portadores de dois nomes simples justapostos. No sistema antroponímico da Língua Portuguesa, a atribuição de nomes acontece, geralmente, por: *prenome + sobrenome(s)*, ou ainda: *prenome1 + prenome2 + sobrenome(s)*.

Considerando a segunda opção, observa-se que a formação de nomes pode ser a partir de dois prenomes, ou seja, dois nomes simples justapostos.

Segundo López Franco (2011), os nomes simples constituem uma única peça lexical com significado próprio, por exemplo, *Ana, Carolina, Pedro, Henrique*. Na pesquisa, o objeto de estudo são as pessoas que possuem dois nomes. Quando isso ocorre, os nomes podem ser compostos ou justapostos. Nomes compostos também foram encontrados no *corpus*; porém, com pouquíssimas ocorrências. Os nomes compostos formam um conjunto único consagrado pelo uso, como é o caso, por exemplo, dos nomes José Carlos e Maria de Fátima.

Uma vez que a pergunta de pesquisa foi sobre o motivo pelo qual o segundo prenome é escolhido, em detrimento do nome único, analisou-se apenas o segundo nome. Assim, por exemplo, dada uma entrevista sobre a escolha do nome Ana Carolina, questionou-se porque foi escolhido o nome Carolina; se o nome fosse Pedro Henrique, o recorte dos dados gerados seria feito da mesma forma, com foco na escolha do nome Henrique como segundo prenome. Ao longo da dissertação, a referência foi feita a um e outro pelas siglas n1 e n2, como exemplificado abaixo:

- a) Ana Carolina – n1: Ana;  
– n2: Carolina;
- b) Pedro Henrique – n1: Pedro;  
– n2: Henrique.

Cumprido esclarecer que quando dois nomes simples são justapostos, eles não constituem uma peça léxica única; pois se trata de nomes cujo uso os consagrou como nomes singulares, diferentemente dos nomes compostos cujo uso os reuniu numa peça lexical única. O exemplo mais claro disso é o nome Mariana, (Maria + Ana). Feito este esclarecimento sobre a estrutura dos nomes de pessoa e as escolhas realizadas para este trabalho, na sequência, fez-se uma reflexão sobre as escolhas de nomes feitas pelos pais.

## 2.5A ESCOLHA DO NOME DO FILHO PELOS PAIS

Dar um nome ao filho é uma prática atemporal, presente em qualquer comunidade. Com um mundo altamente globalizado, muitas têm sido as influências e as opções para nomear um indivíduo. O nome próprio tem por finalidade diferenciar o

indivíduo do agrupamento a qual ele pertencerá. Segundo Dick (1992), “A nomeação dos homens, ainda e sempre, será preocupação constante em qualquer ambiente que necessite da diferenciação de seus membros, para concretizar o seu dinamismo interno” (DICK, 1992, p. 189).

No estado do Paraná, segundo o art. 166 do Código de Normas, “A obrigação de fazer a declaração de nascimento é sucessiva na ordem legal, nos termos do art. 52 da Lei nº 6.015/73” (PARANÁ, 2013, p. 28). Assim que a criança nasce, é dever do responsável levá-lo para registrá-lo, no cartório de registro civil do município em que a família reside. No Brasil, não há, em princípio, uma distinção com relação à quantidade de nomes para o nomeado. Usualmente, os pais atribuem de um a três prenomes aos filhos, inserindo o sobrenome do pai e da mãe em seguida, nesse caso, pode haver, por exemplo, *Maria da Silva* ou *Maria Luiza da Silva*.

A atribuição de nomes próprios, no Brasil, é diversificada e há diversas motivações que podem influenciar os pais na escolha do nome dos filhos. Guérios (1981) e Jiménez Segura (2014) apontam diferentes causas que podem influenciar na prática de nomear, são elas: Influências históricas, políticas, religiosas, circunstâncias de lugar de nascimento. Ademais, o nome pode ser atribuído a partir da data de nascença ou então do lugar onde nasceu, como por exemplo, nomear a filha de *Natalina* pelo fato de ter nascido no dia de natal. Ainda, segundo os autores mencionados, pode haver a escolha nomes excêntricos, homenagem à família, homenagem a conhecidos - atribuir à criança o nome devido a algum amigo da família, vizinho ou conhecido da comunidade a qual possui admiração, influência midiática, causalidade, prenomes atribuídos devido à alguma causalidade no momento do nascimento, originalidade - prenomes escolhidos quando os pais desejam atribuir um nome ao filho considerado “diferente” dos demais já existentes, estética - prenomes atribuídos devido aos pais acharem o nome bonito, que possui uma sonoridade agradável, ou que possa combinar com o nome dos pais e do irmão mais velho (por exemplo) ou, então, prenomes atribuídos devido à ortografia simples e de fácil pronúncia.

No que diz respeito à atribuição de nomes próprios de pessoas, contudo, é necessário considerar que nem todo prenome pode ser atribuído ao recém-nascido. Enquanto, no Brasil, há uma grande diversidade de nomes que podem ser atribuídos livremente pelos responsáveis, em determinadas culturas. Há a predominância de outras motivações, como observado na comunidade africana Bakossi, estudada por

Ngade (2011), em que a cultura tradicional privilegia o nome dos antepassados. Outra situação é a predominância de nomes religiosos na comunidade de imigrantes paquistaneses em Glasgow, conforme estudo feito por Bramwell (2011). A prática de nomear é heterogênea, pois os pais são livres na escolha do nome do filho, podendo, assim, atribuí-lo devido a crenças, a gostos ou a modismos. E ainda, devido à grande pluralidade de motivações, é possível encontrar outros modelos atributivos para além dos que já foram mencionados.

No entanto, nem todo nome é passível de atribuição, conforme destacado no parágrafo anterior, pois, de acordo com o art. 178 do Código de Normas, “O oficial não registrará nomes de difícil pronúncia ou suscetíveis de causar constrangimento ou humilhação” (PARANÁ, 2013, p. 30). Complementando tal determinação, encontra-se no art. 179 a orientação: “Se houver insistência do interessado, o registrador suscitará dúvida ao juiz corregedor da comarca, com expressa indicação de urgência, e aguardará a decisão judicial para finalização do procedimento” (PARANÁ, 2013, p. 30).

Nomear um nato, além de ser um direito, é também um ato definitivo e de suma importância, uma vez que, segundo o art. 180 do Código de Normas, “Feito o registro, o nome somente poderá ser alterado por ordem judicial, devendo o mandado ser mantido em arquivo próprio da Serventia” (PARANÁ, 2013, p.30).

Observa-se que a ação de nomear é única e duradoura, não podendo o nome ser substituído. Toda comunidade possui formas diferentes de nomear, obedecendo, de alguma forma, aos hábitos culturais de cada lugar. No estado do Paraná, há o Código de Normas (PARANÁ, 2013) que estabelece as regras a serem cumpridas na atribuição dos nomes; entretanto, é dos pais o livre arbítrio de nomear o filho de acordo com seu entendimento, podendo variar sua escolha de acordo com o tempo e o espaço.

Nesse capítulo, apresentaram-se os conceitos teóricos fundantes do presente estudo. No próximo capítulo, apresentam-se as decisões metodológicas tomadas tendo em vista a análise dos dados gerados.

### 3 METODOLOGIA

Em relação aos estudos da Antroponomástica, a maioria das pesquisas são realizadas via análise de documentos como certidões de nascimento. Nesse tipo de trabalho cuja geração de dados se dá pela análise documental, o pesquisador contata o cartório de registro civil da cidade e reúne algumas informações do livro de certidões de nascimento registrados no local. Após o tratamento quantitativo dos dados, faz-se uma análise qualitativa, seguindo um modelo de análise que considera tanto os aspectos etimológicos de Guérios (1981) quanto os motivos que resultam na atribuição de um nome ao recém-nato.

No entanto, quando se almeja refletir um pouco mais sobre o porquê de atribuir determinando nome ao filho, a análise documental e etimológica não consegue responder a todos os questionamentos. Para se responder a essas indagações, é necessário que se entrevistem os pais ou os responsáveis que atribuíram o nome à criança, procedimento que inscreve a pesquisa antroponímica em outro âmbito, o social e o cultural, para que a investigação consiga revelar as reais motivações e influências que levaram os pais a nomearem seus sucessores.

Desse modo, a presente pesquisa investiga a atribuição de nomes buscando encontrar as reais motivações para a escolha dos nomes próprios de pessoas, buscando realizar entrevistas com os pais que atribuíram um justaposto ao filho.

Diante desse objetivo, este capítulo foi estruturado de modo que seja possível acompanhar todo o procedimento metodológico adotado na pesquisa. Inicialmente, explana-se sobre a construção da amostra: a adoção do método quantitativo e qualitativo, o esclarecimento do universo de análise, o recorte do *corpus*, como também a quantidade e seleção dos informantes. Em seguida, na geração dos dados, aborda-se o tipo de entrevista escolhido, a adentrada do pesquisador no campo – evitando o *paradoxo do observador*-, as variáveis escolhidas para a criação do instrumento de geração de dados e explicitação sobre como se deu a escolha dos informantes. Por fim, na análise dos dados, foram abordados os modelos atributivos escolhidos e ainda os esclarecimentos da análise qualitativa.

Faz-se importante destacar que há importância no detalhamento do procedimento metodológico da pesquisa, uma vez que é de grande acuidade comprovar a cientificidade da área dos estudos dos nomes próprios.

### 3.1 CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA

Enquanto a construção da amostra seguiu parâmetros quantitativos (MARCONI; LAKATOS, 1996), a análise e a geração dos dados foi pautada tanto pelo viés quantitativo quanto pelo viés qualitativo. Na pesquisa sente-se a necessidade de flexibilidade na metodologia de estudo e há consciência de que a geração e a análise dos dados envolvem a interação ativa do pesquisador, sendo inegável a sua influência no objeto pesquisado, fenômeno que, na pesquisa sociolinguística variacionista, recebe o nome de paradoxo do observador (LABOV, 1987).

O universo de análise da pesquisa é o universo com o qual o pesquisador trabalha, delimitado pela amostragem que se pretende estudar. O nosso universo de análise e pesquisa são as motivações de escolha de nomes justapostos de moradores da cidade de Marechal Cândido Rondon - PR. Sobre a amostragem, ela está enquadrada no tipo de *estrutura fechada*, segundo Pires (1997), “a situação do pesquisador é tal que lhe é impossível pesquisar toda a sua população e ele decide retirar dela uma amostra bem definida” (PIRES, 1997, p. 158).

A pesquisa parte da seleção de 250 nomes justapostos atribuídos ou portados por moradores do município de Marechal Cândido Rondon - PR. A amostra foi delineada de modo a contemplar as décadas de 1930 e 1940 (juntas)<sup>7</sup>, as décadas de 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010. É preciso lembrar que o município de Marechal Cândido Rondon foi colonizado a partir da década de 1950, entretanto, a geração de dados parte da década de 1930-1940, pois se considerou ser importante incluir o nome dos colonizadores que vieram para a região oeste na década referida. Nesse sentido, há, no *corpus* os nascidos de 1950, como também os nascidos de 1930-1940 que vieram já adultos para a região, na década de 1950.

Para cada década mencionada, com exceção de 2010, que fora contabilizado a proporção dos nomes para as entrevistas (uma vez que a década não foi terminada assim como as outras) foram investigadas 17 n2 femininos e 17 n2 masculinos, somando para cada década 34 antropônimos mais 6 n2 femininos e 6 n2 masculinos da década de 2010, totalizando 250 nomes justapostos no *corpus*. É importante informar que as décadas de 1930 e 1940 foram agrupadas por não terem sido

---

<sup>7</sup>As duas décadas foram somadas juntamente devido ao fato de encontrar poucos informantes das décadas correspondentes.

encontradas muitas pessoas nascidas nessa época portando nomes duplos (hoje com 70 a 80 anos); além disso, os dados sobre a década de 2010 são formados, apenas, por 12 nomes justapostos (6 femininos e 6 masculinos) pelo fato da década ainda não estar terminada.

Para a construção do *corpus*, foram entrevistadas as próprias pessoas portadoras de nomes justapostos que explicaram a motivação pela qual os pais escolheram os nomes, obtendo, assim, a citação indireta da motivação, uma vez que é o filho que narra a história contada pelos pais e, também, entrevistas com citações diretas cujos pais foram entrevistados e explicaram o porquê da escolha do nome do filho.

De acordo com as questões que norteiam a pesquisa, as variáveis escolhidas para a geração de dados foram: o sexo, que é possível analisar e comparar a frequência de uso dos nomes, tanto femininos quanto masculinos, analisar quais são as motivações utilizadas, como também verificar em qual sexo há mais nomes disponíveis e em qual há inovação. A segunda variável escolhida foi a época de atribuição do nome, ou seja, a idade do indivíduo, essa variável foi considerada para se poder traçar o perfil cronológico dos nomes próprios e analisar se houve mudanças nas motivações com o passar dos anos.

Os dados assim gerados possibilitam analisar, por exemplo, as relações culturais que marcaram a prática de nomeação no eixo cronológico. Pode-se também analisar quais as motivações que predominavam em uma determinada época e como as mudanças na prática de nomeação foram sendo alteradas em decorrência das influências culturais, religiosa, política e midiáticas. Após destacar a construção da amostra, na seção subsequente, são apresentados os instrumentos de geração de dados.

### 3.2 GERAÇÃO DE DADOS

Questionários e entrevistas são mecanismos que o pesquisador utiliza para adentrar na comunidade a qual pretende estudar. O questionário dito objetivo, conforme pontuam Marconi e Lakatos, “é um instrumento de coleta de dados,

constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 1996, p. 88), no entanto, o entrevistador não poderá mediar as perguntas nem interagir com o seu entrevistado. Uma das vantagens que distingue o questionário das entrevistas é a economia de tempo. O questionário não necessita de muita disponibilidade de tempo por parte do pesquisador para se obter grande número de dados como as entrevistas exigem. Já na entrevista face a face, o entrevistador está diretamente incluído no campo de observação, dessa forma, o pesquisador-entrevistador poderá mediar e incitar seu entrevistado a relatar para além das perguntas do questionário. Pode, ainda, sugerir outras questões a serem respondidas pelo entrevistado, aumentando o número de informações que posteriormente podem ser analisadas.

Sobre a entrevista de tipo qualitativo, Poupart (1997) esclarece que, quando se adota essa abordagem,

O entrevistado é visto como um informante-chave, capaz precisamente de “informar” não só sobre as suas próprias práticas e as suas próprias maneiras de pensar, mas também na medida em que ele é considerado como “representativo” do seu grupo ou de uma fração dele. (POUPART, 1997, p. 222).

Considerando a limitação do questionário, escolheu-se o tipo de entrevista semiestruturada, pois pode ser adequada no decorrer da interação e modificada ao longo da pesquisa. Além disso

A entrevista não-dirigida apresenta inicialmente a vantagem de se basear adequadamente na realidade do entrevistado. Gozando de um máximo de liberdade para se expressar sobre o ou os temas de pesquisa [...] Esta primeira vantagem é, em geral, alegada por oposição ao questionário e à entrevista estruturada, estratégias que comportam – e isto mesmo quando o pesquisador faz uma investigação preliminar e testa previamente o instrumento – riscos de pré-estruturação do discurso, elevados em razão da forma predeterminada das questões e das respostas. (POUPART, 1997, p. 224).

A pesquisa semiestruturada tem a possibilidade de deixar o entrevistado mais à vontade deixando-o mais livre para responder às questões. Além disso, o entrevistador pode conduzir a entrevista deixando-a mais semelhante ao diálogo

informal. Outra vantagem desse método de geração de dados é apontada por Poupart (1997):

A entrevista não-dirigida é também vista – e eis aí uma segunda vantagem, geralmente alegada – como uma forma de enriquecer o material de análise e o conteúdo da pesquisa. Isso é verdade na medida em que a flexibilidade do método – deixa o entrevistado livre para abordar os assuntos que ele julga pertinentes. (POUPART, 1997, p. 225).

Esse tipo de entrevista foi adotado com o objetivo de além de o entrevistado fornecer informações sobre as motivações dos nomes, também fornecer informações que podem ajudar a traçar um perfil sociológico dos entrevistados.

Por se tratar de uma pesquisa integrada à Socioantroponímia, a elaboração das entrevistas deve ter, como ponto de partida, as considerações de Labov (1984) sobre esse método de se obter dados. Não se considera, contudo, questões de variação da linguagem ou questões de língua vernácula, mas sim os objetivos próprios da Antroponomástica e da Socioantroponímia.

Tanto nas entrevistas sociolinguísticas, quanto nas entrevistas socioantroponomásticas, o pesquisador participa diretamente da situação de comunicação, haja vista que o assunto da comunicação é monitorado pelo entrevistador e o entrevistado é conduzido ao assunto principal. É claro que não é possível negar a presença direta do pesquisador no ato de comunicação, pois, como defende Tarallo (2001), “Sua participação direta na interação com os membros da comunidade é, no entanto, uma necessidade imposta pela própria orientação teórica” (TARALLO, 2001, p. 20). Desse modo, nas entrevistas semiestruturadas, tem-se um grande desafio: minimizar a interferência do entrevistador de modo que não interfira tanto no processo comunicativo para não influenciar as respostas do entrevistado.

Nessa perspectiva, aponta-se como imprescindível o estudo sobre a questão do *paradoxo do observador*. Segundo Labov (1984), o paradoxo do observador consiste na necessidade de o pesquisador conseguir dados de fala próximos da fala espontânea, sabendo que o fato de ele estar observando a fala de outrem torna-a, necessariamente, não espontânea.

Para a diminuição da interferência do entrevistador no decorrer da entrevista, o entrevistador tenta não influenciar as respostas do entrevistado. Assim, ele deve se inserir na comunidade, estabelecer interações comportamentais com as pessoas do

local e realizar a entrevista de forma a não intimidar seu entrevistado. Nesse sentido, conforme pontua Tarallo, “O propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados” (TARALLO, 2001, p. 21).

Labov (1984) descreveu procedimentos a serem adotados em entrevistas a fim de que o paradoxo do observador pudesse ser minimizado, dentre os quais se destacam os seguintes: gravar com fidelidade as entrevistas, extrair narrativas de vida, extrair os tópicos importantes para a análise dos dados (LABOV, 1984, p. 32-33).

Todavia, considerando os tópicos acima, além de perguntas cuja resposta vai ao encontro do objetivo principal, também foram realizadas perguntas a fim de traçar o perfil sociológico do entrevistado. Ressalta-se, ainda, que, as perguntas são a base de um diálogo com o entrevistado, ou seja, a partir das perguntas poderá ser realizada uma conversa informal, na qual ele poderá falar sobre a sua origem, a sua trajetória de vida, sobre a sua família e seus amigos. Nesse ponto de vista, Labov (1984) afirma: “A entrevista sociolinguística é considerada um fracasso se o falante não faz mais do que responder perguntas”<sup>8</sup> (LABOV, 1984, p. 38, tradução nossa). Ao encontro dessa afirmação, Tarallo afirma:

Para atingir propósitos metodológicos podem-se formular módulos (ou roteiros) de perguntas: um questionário-guia de entrevista. Esses módulos têm por objetivo homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação [...]. (TARALLO, 2001, p.22).

Na pesquisa Socioantropológica, além de perguntas bases a respeito da motivação dos nomes, também foram realizadas outras perguntas, como a idade, a profissão, a religião, o local onde nasceu, a fim de que outras variáveis pudessem ser identificadas e relacionadas com o fator de motivação. Na pesquisa sobre a motivação dos nomes próprios de pessoas, esses questionamentos são imprescindíveis para relacionar a questão de nomeação com a comunidade estudada. Para tanto, foram utilizadas perguntas básicas, conforme o instrumento de geração de dados abaixo:

#### Quadro 1- Instrumento de geração de dados

---

<sup>8</sup>The sociolinguistic interview is considered a failure if the speaker does no more than answer questions (LABOV, 1984, p. 38).

## Entrevista

1. De onde sua família é?
  2. Onde você trabalha?
  3. Qual é a sua idade?
  4. Onde você nasceu?
  5. Qual a sua profissão?
  6. Qual a sua religião? E da sua família?
  7. Quem escolheu seu primeiro e segundo nome?
  8. Você poderia dizer por que seus pais/mãe/pai escolherem esse nome?
  9. Você tem algum apelido? Como as pessoas te chamam?
  10. Você tem irmãos? Como é/são o(s) nome(s) dele(s)?
  11. Você saberia dizer por que seus pais/mãe/pai escolherem tais nomes para seus irmãos?
  12. Você tem filhos? Quais são os nomes deles?
  13. Por que você escolheu esses nomes?
  14. Você teve outra opção para nomear seu/a filho/a?
  15. Você saberia informar quais os nomes, na época, que você mais ouvia?
  16. Você conseguiria dizer a primeira vez que ouviu o nome de seu/a filho/a?
  17. Você tinha alguma outra opção para nomear seu /a filho/a?
- OBS: Quando o nome for grafado de modo não usual, perguntar por que o nome é grafado como é.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para a criação desse instrumento foram selecionadas algumas variáveis para a análise qualitativa dos dados. As variáveis escolhidas foram: idade do portador do dois prenomes justapostos – para poder ter o controle dos dados e traçar o eixo cronológico, posteriormente e, por fim, as reais motivações da escolha dos nomes.

Durante o processo de realização das entrevistas<sup>9</sup>, o *paradoxo do observador* tentou ser minimizado a todo o momento. Durante a realização das entrevistas, contudo, foi possível perceber algumas interferências. Muitas pessoas foram entrevistadas, de diferentes classes sociais, faixas etárias e religiões. Após perceber que algumas pessoas ficavam intimidadas com as perguntas “Onde você trabalha?” e “Qual é a sua religião? E da sua família?”, optou-se por reformulá-las para “Em que você trabalha?” e, para a segunda pergunta, sempre se justificava o porquê de perguntar sobre a religião. O paradoxo do observador para essas perguntas

<sup>9</sup>Cabe informar que esse instrumento de geração de dados bem como os demais procedimentos metodológicos adotados passaram pelo crivo do Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos, sendo avaliado como relevante para a área. Anexo à dissertação encontram-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (Vide Anexo B).

aconteceu, principalmente, para as pessoas de classe social mais baixa que pensavam mais para fornecer uma resposta demonstrando hesitação ou insegurança.

Primeiramente, as pessoas portadoras de dois prenomes foram escolhidas a partir da lista telefônica da cidade. No entanto, após perceber que a lista telefônica residencial não seria o suficiente para a quantidade de nomes necessários para cada década, optou-se por pedir aos próprios entrevistados se haviam conhecidos que poderiam conceder a entrevista. Também, após a autorização do responsável pela creche local, nomes dos pais dos alunos dessa creche foram contatados a fim de que pudessem esclarecer sobre o nome de seus filhos. Outra fonte de dados foi a secretaria da igreja católica local que auxiliou na busca de portadores de dois nomes da comunidade que contemplassem as décadas que faltavam, que foram as décadas de 1930 – 1940 e 1950.

Todas as pessoas entrevistadas foram contatadas previamente via telefone. Após a explicação da pesquisa, os entrevistados eram informados sobre a importância de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, posteriormente, era agendada uma visita, que poderia ser ou na residência do entrevistado ou no próprio local de trabalho, ou seja, onde o sujeito da pesquisa se sentisse mais à vontade.

Foram feitas, no total, 125 entrevistas. É oportuno esclarecer que o número de entrevistas não coincide com o número de nomes, pois, muitas vezes, um mesmo entrevistado forneceu informação sobre a escolha de mais de um nome (mais filhos, por exemplo). Ressalta-se, com isso, a heterogeneidade dos dados, uma vez que foram entrevistados os próprios portadores dos nomes, os pais de portadores, pessoas de diferentes classes sociais e idades.

Para o controle das variáveis e das informações geradas, foram criadas tabelas para a organização do material. As entrevistas foram catalogadas em fichas de controle de números de informantes para cada década.

Primeiramente, para localização das entrevistas gravadas, há a identificação do número de gravação. Em seguida, consta o nome do entrevistado, o nome e a idade do portador de dois nomes justapostos (utilizado de fato para a pesquisa). Posteriormente, há informações do entrevistado: profissão, religião, local de origem, transcrição de entrevista e motivação citada. Abaixo apresenta-se um modelo de tabela criado para a pesquisa:

Tabela 3 – Modelo de tabela de controle de variáveis

Número de gravação	
Nome do entrevistado	
<b>Nome do portador de nome justaposto</b>	
<b>Idade do portador</b>	
Profissão	
Religião	
Local de origem	
Transcrição	
Motivação citada	

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

A seguir, há um exemplo da tabela preenchida, mostrando o procedimento feito para todas as entrevistas:

Tabela 4 – Tabela de controle de variáveis completa

Número de gravação	014
Nome do entrevistador	Regina Adelaide
<b>Nome do portador de nome duplo</b>	<b>Sandro Arthur (filho de Regina Adelaide)</b>
<b>Idade do portador de nome duplo</b>	<b>50</b>
Profissão	Cantoneira aposentada
Religião	Católica
Local de origem	RS
Transcrição	<i>“pro nome do Sandro, tinha uma vez uma novela... aquelas novela em revista sabe, aí tinha com um Sandro e eu achava esse Sandro maravilhoso aí coloquei o nome do meu filho assim, o segundo nome dele é Arthur porque era o vô... meu pai”.</i>
Motivação citada	1º prenome: mília 2º prenome: homenagem ao avô

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Realizada esta explicitação sobre como os dados foram gerados, na sequência, apresentam-se os procedimentos analíticos utilizados.

### 3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Após a transcrição das entrevistas, as motivações mencionadas foram categorizadas de acordo com o estudo de Jiménez Segura (2014), no qual os modelos atributivos são divididos em: modelo tradicional -nomes religiosos e advindos da família; nomes da moda -atribuídos em uma tendência cíclica e de eleição livre, que analisa outras motivações mencionadas.

A partir desta categorização as motivações foram analisadas se bem tenha sido adaptada à natureza dos dados coletados empiricamente. As entrevistas foram ouvidas e as informações pessoais como nome do entrevistador, idade, profissão e religião foram extraídas; em seguida, foram transcritas as partes das entrevistas em que o entrevistado comentava sobre a motivação de seu nome ou de seu(s) filho(s).

As transcrições das entrevistas, juntamente com as demais informações importantes, foram inseridas em tabelas distintas, a partir da década de nascimento das pessoas.

A análise foi realizada década a década, dessa forma, a incidência das motivações por década pôde ser melhor analisada, fazendo-se a análise quantitativa dos dados e, em seguida, a análise qualitativa cuja metodologia está baseada na pesquisa de Jiménez Segura (2014).

Para a análise quantitativa, as gravações das entrevistas foram ouvidas individualmente, as motivações mencionadas pelos entrevistados foram categorizadas nos modelos atributivos citados acima. Em seguida, foi contabilizado o número de ocorrências em cada modelo atributivo tanto para n2 feminino quanto para n2 masculino. Para a análise dos dados foram selecionados, fragmentos das entrevistas em que o entrevistado explica a motivação foram transcritas e exemplificadas nas motivações correspondentes. Após a descrição dos dados, os resultados numéricos para homens e mulheres foram ilustrados em gráficos de forma que permitissem observar as divergências e convergências em cada momento de análise, como também a comparação entre o número de ocorrências citados em nomes femininos e masculinos.

A análise qualitativa da pesquisa iniciou após o processo de transcrição e análise inicial dos dados. Após a quantificação dos dados em cada década, foi possível analisar, no eixo cronológico, as mudanças e possíveis semelhanças e diferenças em n2 feminino e n2 masculino e quais devem ter sido as possíveis

influências socioculturais presentes do decorrer das décadas em análise, na prática de nomeação, dessa forma, para a análise qualitativa, fez-se necessário estudar as mudanças e transformações sociais e culturais presentes na comunidade de estudo. Em outras palavras, foi analisado de que forma a organização da sociedade e as mudanças ocorridas no tempo podem influenciar na prática de nomear as pessoas. Para dar conta desse tipo de estudo, foi imprescindível contextualizar a pesquisa, motivo pelo qual o primeiro capítulo desta dissertação tratou de informar ao leitor sobre a história do município.

Na sequência desta pesquisa, apresentamos os modelos de atribuição de nomes próprios.

## 4 OS MODELOS DE ATRIBUIÇÃO DE NOMES PRÓPRIOS

A prática de nomeação pode revelar costumes, crenças e marcas culturais presentes em uma determinada comunidade. Há diferentes modelos atributivos para nomear pessoas. Estudiosos como Guérios (1981) e Dick (1992) categorizaram algumas motivações utilizadas para nomear as pessoas, entretanto, para a presente pesquisa, adotou-se a categorização de Jiménez Segura (2014) a respeito dos motivos que levam à nomeação dos filhos.

De acordo com a pesquisadora mexicana, os modelos atributivos podem ser divididos em modelo tradicional, modelo por influência da moda e nomes a partir da eleição livre. Explica ela que

O modelo tradicional, como já dito, é aquele em qual se elege um nome de batismo a partir de santos, alguma festa litúrgica ou devoção mariana, ou também por herança nominal da família [...]. O modelo por influência da moda, por sua parte, depende da percepção social eu que se tem sobre nomes frente a outros [...] (JIMÉNEZ SEGURA, 2014, p. 44, tradução nossa).<sup>10</sup>

Já os nomes que se enquadram na “eleição livre” são aqueles que se distinguem dos nomes tradicionais e de moda, ou seja, são as outras motivações que não se enquadram nos modelos acima, são por exemplo, aqueles atribuídos por significado, crenças individuais, causalidade, univocidade, circunstância de tempo e lugar, entre outros.

Nesse sentido, o presente capítulo pretende elucidar a categorização antroponímica adotada para a análise do *corpus*.

### 4.1 O MODELO DE ATRIBUIÇÃO TRADICIONAL

Os modelos atributivos categorizados dentro do modelo tradicional, segundo Jiménez Segura (2014) são propriamente: nomes religiosos e nomes atribuídos em homenagem a família.

---

<sup>10</sup>El modelo tradicional, como ya se dijo, es aquel en el cual se elige el nombre de pila desde el santoral, alguna fiesta litúrgica o advocación mariana, o bien partir de la herencia nominal familiar [...]. El modelo por influencia de la moda, por su parte, depende de la percepción social que se tiene sobre determinados nombres frente a otros [...].(JIMÉNEZ SEGURA, 2014, p. 44)

O elenco de motivações resultou da adaptação *ad-hoc* das motivações descritas por Jiménez Segura (2014) na análise das motivações citadas no *corpus*. Tal adaptação precisou ser feita, pois houve algumas motivações mencionadas na pesquisa que até então não havia sido mencionadas na pesquisa de Jiménez Segura (2014). Por isso, fez-se necessário adaptar algumas das motivações dentro dos modelos atributivos estabelecidos. Assim a motivação devoção, calendário litúrgico e homenagem a padrinhos se incluem no modelo atributivo tradicional religião, motivações mídia e estética no modelo atributivo da moda e eleição livre para as motivações: significado do nome, causalidade, originalidade, univocidade, homenagem a amigos, crenças individuais, homenagem a políticos. Tais motivações são explicitadas nas próximas subseções.

#### **4.1.1O modelo de atribuição tradicional religião**

O modelo atributivo tradicional religioso engloba antropônimos religiosos que podem ser observados em três motivações: a primeira é a devoção, ou seja, nomes que são atribuídos devido à devoção dos pais por algum santo ou nome bíblico ou que leva em consideração a carga semântica religiosa do antropônimo. São, portanto, nomes de santos ou nomes bíblicos escolhidos pelos pais que acreditam que o nome possui um poder divino ou graça, assim, muitos pais atribuem nomes santos a fim de que seus filhos possam ter proteção divina. A segunda motivação refere-se aos nomes atribuídos com base no “calendário religioso a partir do dia do nascimento do registrado” (JIMÉNEZ SEGURA, 2014, p. 44, tradução nossa).<sup>11</sup> Por fim, há motivação religiosa pela qual os pais atribuem o nome dos padrinhos de batismo<sup>12</sup> como forma de homenagear aquele que auxiliará na criação religiosa cristã da criança.

#### **4.1.2 O modelo de atribuição tradicional homenagem à família**

As motivações encontradas na categorização homenagem a familiares são aquelas em que os pais atribuem um determinado nome ao filho para prestar alguma

---

<sup>11</sup>Calendário religioso de la fecha de nacimiento del registrado” (JIMÉNEZ SEGURA, 2014, p. 44).

<sup>12</sup> A origem do apadrinhamento de batismo remonta ao século II, tendo como origem religiosa o cristianismo. Os padrinhos são considerados pais espirituais que auxiliam o afilhado a andar na fé cristã.

homenagem a um familiar. Dentro dela encontra-se as motivações como as homenagens aos avós - é a herança do nome do avô ou avó ao recém-nascido, homenagem aos pais - atribuir nome do pai ou da mãe, homenagem a primos e tios - homenagear primos ou tios atribuindo seus nomes à criança. Segundo Jiménez Segura (2014), as homenagens, especialmente feita aos pais, pode ser indireta ou direta, para a primeira:

Se considerou que um nome obedecia a transmissão indireta quando o nome dos pais ou avós são registrados tal qual, sem que apresenta trocas como, por exemplo, [...]apresentar troca em sua morfologia, como derivado do nome dos pais (a uma menina nascida em 1930 coloca-se o nome *Josefina*, derivada por sufixação do nome de seu pai: *José*). (JIMÉNEZSEGURA, 2014, p. 44-45, grifos da autora, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Considerou-se também atribuição indireta quando houve casos de junção entre os nomes do pai e mãe, como por exemplo, a utilização de iniciais. Já a transmissão direta “[...]foi considerada como aquela na qual o nome é transmitido intacto ao recém nascido (por exemplo, em 1960, uma menina recebeu o nome de sua avó paterna tal qual: *Natalia*)” (JIMÉNEZ SEGURA, 2014, p. 45, grifos da autora, tradução nossa)<sup>14</sup>.

#### 4. 2 O MODELO DE ATRIBUIÇÃO DA MODA

O modelo atributivo moda, de acordo com a autora, refere-se aos nomes que se encontram presentes na norma antroponímica por um determinado tempo. A partir do estudo de López Franco (2010), em um corte diacrônico, percebeu-se que alguns antropônimos foram mais frequentes em determinadas épocas, mostrando que a moda reconstrói um ciclo de atribuição durante um determinado período, podendo estar presente em outras décadas.

---

<sup>13</sup>Se considero que um nombre obedecia a la transmisión indirecta cuando el de los padres o abuelos no pasó al registro tal cual, sino que presentó câmbios [...] o haber apresentado câmbios en su morfología, como haber sido derivado sel nombre de los padres o abouelos (a una niña nacida em 1930 se le puso *Josefina*, derivado por sufijación del nombre de su padre: *José*). (JIMÉNEZ SEGURA, 2014, p. 44-45).

<sup>14</sup>[...] fue considerada como aquella en la cual el nombre transmitido pasó intacto al recién nacido (por ejemplo, em 1960, uma niña recibió el nombre de su abuela paterna tal cual: *Natalia*). (JIMÉNEZ SEGURA, 2014, p. 45).

Na pesquisa, foram consideradas como moda as motivações influenciadas pela mídia: nomes que foram atribuídos devido a alguma pessoa famosa, como atores, atrizes, cantores ou jogadores de futebol, bem como personagens de novelas e músicas. Outra motivação considerada moda foi a estética, que pode ser dividida em: ortografia e estética propriamente dita (categoria *ad-hoc* criada ao longo da análise dos dados). O primeiro refere-se aos motivos pelos quais os pais atribuem um nome a partir da grafia, ou seja, o modo como o nome é escrito. O segundo refere-se à estética propriamente dita que acontece quando os pais atribuem um nome pelo fato de achá-lo bonito.

#### 4.3 O MODELO DE ATRIBUIÇÃO ELEIÇÃO LIVRE

As motivações que não se classificam como modelo tradicional ou da moda pertencem à “eleição livre”, são elas:

- a) Influências históricas ou políticas e religiosas: os nomes podem ser atribuídos a partir de uma figura pública religiosa, política ou histórica conhecida no momento do nascimento da criança;
- b) Circunstâncias de tempo e lugar do nascimento do indivíduo: nessa categoria, o nome pode ser atribuído devido à data de nascimento do indivíduo;
- c) Univocidade: os pais escolhem algum nome por acharem único na comunidade;
- d) Crenças individuais: crenças em que os pais acreditam, como, por exemplo, a numerologia;
- e) Originalidade: nome atribuído com o motivo pelo qual os pais almejam um nome diferenciado dos demais;
- f) Causalidade: a motivação pela qual os pais atribuem um nome ao filho por algum motivo causal no momento de registro do filho, ou no momento de nascimento;
- g) Significado do nome: a escolha do nome a partir de seu significado etimológico, origem do nome;
- h) Nome à disposição: os pais atribuem ao filho um nome encontrado facilmente no momento do nascimento da criança;
- i) Influência literária: nomes de personagens de livros;
- j) Etnia: nomes provenientes de uma determinada etnia, lugar.

Após a explicitação dos modelos de atribuição de nomes pessoais, dedicou-se o próximo capítulo à descrição e análise dos dados gerados para esta pesquisa.

## 5 DESCRIÇÃO DOS DADOS: ANÁLISE QUANTITATIVA

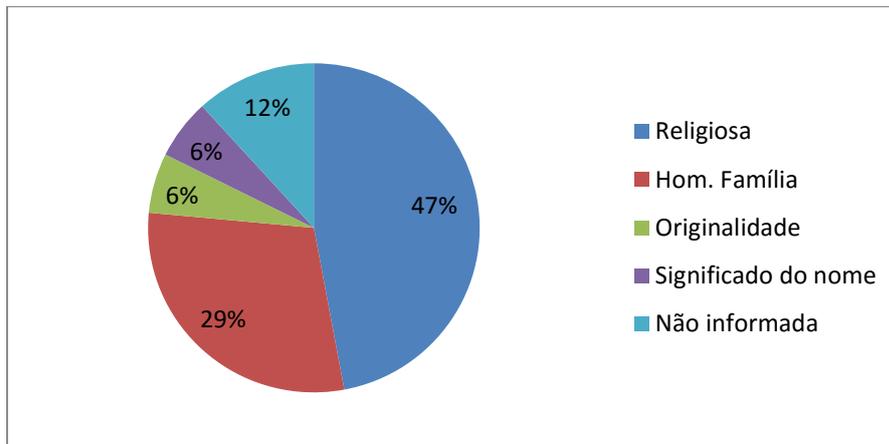
O presente capítulo descreve a análise quantitativa dos dados obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram transcritas e as motivações citadas para n2 categorizadas nos modelos atributivos explicitados no capítulo anterior.

### 5.1 DÉCADA DE 1930-1940

As pessoas entrevistadas nascidas na década de 1930 e 1940 podem ser consideradas pioneiras da região oeste do Paraná. A maioria, oriunda do Rio Grande do Sul ou de Santa Catarina, migrou para a cidade de Marechal Cândido Rondon na época em que o município passava pelo processo de colonização. Atualmente, as pessoas nascidas nas épocas citadas têm de 66 a 83 anos de idade, por isso, muitos são aposentados e têm filhos que, por sua vez, também constituem a população da cidade. Destaca-se aqui que, devido à idade dos entrevistados nascidos nas décadas de 30 e 40, as informações obtidas se referem às motivações conhecidas por eles para a escolha de seus nomes, ou seja, são narrativas que ficaram na memória, provavelmente ouvidas na infância ou juventude. São indícios indiretos sobre as motivações, não são diretos como no caso dos dados das demais décadas nas quais os pais falam sobre como escolheram os nomes dos filhos.

Em n2 feminino foram mencionados 5 modelos atributivos diferentes: 2 modelos tradicionais e eleição livre, conforme se visualiza no gráfico 1.

Gráfico 1 - Modelos atributivos mencionados para n2 femininos, na década de 1930 e 1940



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nos modelos atributivos para n2 femininos, na década de 1930 e 1940, há como modelo atributivo tradicional mais utilizado a influência religiosa com 47%. Dentro dessa categoria encontram-se 3 motivações citadas: devoção por santos, calendário litúrgico e a homenagem a padrinhos. Como exemplo da primeira motivação, que obteve 5 ocorrências, podem ser citadas a complementação das entrevistas de Noeli Maria (74), ao relatar sobre seu n2: “(...) *Maria por causa da igreja*”; a entrevista de Maria Ivone (71): “(...) *o Ivone também é católico*”; a entrevista de Melânia Teresa (70): “(...) *e o Teresa é religioso né*”; a entrevista de Odete Lurdes (74): “*O meu padrinho sugeriu Bernadete de Lurdes por causa de Nossa Senhora de Lurdes (...)*”, e a entrevista de Célia Antonieta (70): “*Eles tinham o costume de dar nome de santo, aí ficou Célia Antonieta*”. Em relação à segunda motivação, há a entrevista de Norma Madalena (73) que complementa, ao falar sobre seu n2, “*Eu tenho esse nome porque nasci dia 29 de maio né, dia de Maria Madalena*” e, para a terceira, que se refere a homenagem a padrinhos, há a entrevista de Loni Ida (69): “(...) *Ida era o nome da minha madrinha*” e de Lúcia Úrsula (82): “*Eu tenho uma madrinha com o nome de Úrsula*”.

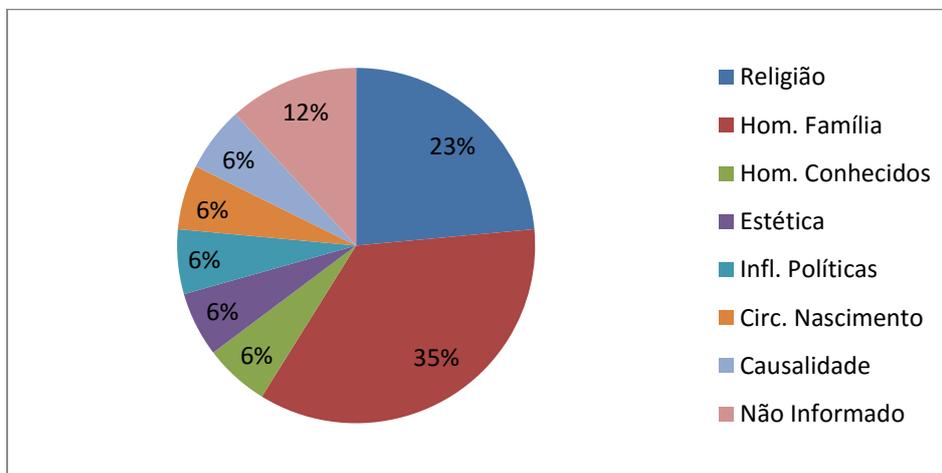
Em segundo lugar, há a homenagem para familiares com 29%: aos avós, aos pais e aos primos. A motivação homenagem aos avós obteve 2 ocorrências: Regina Adelaide (75) complementa sua entrevista: “(...) *Adelaide é a vó paterna*” e Zelinda Cecília (73): “*Cecília já era a minha vó (...)*”. Para a segunda motivação, há a entrevista de Terezinha Maria (68), que comenta: “*Maria é nome da minha mãe*” e Rosa Maria

(66), que diz: *“Eu tenho nome de santo por causa da minha mãe, ela era Maria e colocou pra mim também (...)”*. Por fim, a entrevista de Blondine Lili (82) para a motivação homenagem a primos: *“minha mãe tinha uma prima que ela gostava e que se chamava Lili, aí ela colocou esse nome”*.

O modelo atributivo “eleição livre” - significado do nome - obteve apenas uma ocorrência (6%), a entrevista de Maria Kazuko (76) contempla o exemplo: *“(...) nome japonês tem significado né, porque meu nome tem duas letras (no alfabeto japonês), a primeira é paz”*. A entrevista de Maria Alácia (69), por sua vez, contempla a motivação originalidade: *“(...) tinha uma moça lá que tinha o nome de Alácia aí ela (a mãe) colocou, porque tinha poucas Alácia naquela época (...)”*, 12% não informaram as motivações para n2.

Em relação aos n2 masculinos, encontram-se os modelos atributivos tradicional: homenagem à família e religião, o modelo atributivo moda em estética e eleição livre em influências políticas, circunstância de nascimento, homenagem a conhecidos e causalidade. A seguir, observa-se o gráfico sobre os n2 masculinos, na década de 1930 e 1940.

Gráfico 2 - Modelos atributivos mencionados para n2 masculinos, na década de 1930 e 1940



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nos n2 masculinos da década de 1930 e 1940, o modelo atributivo tradicional mais mencionado foi a homenagem à família, com 35%, sendo as 6 ocorrências pertencentes à motivação homenagem aos avôs. Dentre as entrevistas que contemplam esse modelo atributivo, no trecho da entrevista de João Domingos (67), o entrevistado, ao relatar sobre seu segundo nome, afirma: *“Domingos porque meu*

*avô se chamava Domingos*”, outro entrevistado, Reinaldo Augusto (83), explica: *“Augusto é a motivação do vô”*. João de Deus (71) também comenta a junção de seus nomes a partir dos nomes dos avós paternos: *“(…) um paterno (avô) é João de Deus de Siqueira (…)”*. Milton Olíbio (79) diz: *“(…) Olíbio é o nome do meu vô por parte de mãe”*. Paulo Felipe comenta(71): *“Meu vô é Felipe e meu pai também se chama Felipe, ele quis continuar com esse nome, aí ele me deu o nome de Paulo Felipe (…)”*. Por fim, Lauro Jorge informa(72): *“Lá na minha mãe, o pai dela era Jorge, era meu avô (…)”*.

Em segundo lugar, o modelo atributivo tradicional religião foi mais citado (23%), dentro desse, a motivação escolha do antropônimo por devoção foi mencionado 2 vezes e a escolha a partir do antropônimo do padrinho também. Atílio Pedro (68) comenta sobre seu n2: *“A mãe queria que tivesse nome santo atrás”* e Flávio Aluísio (70): *“Aluísio é santo”*. Em relação à segunda motivação citada acima, há a entrevista de Werno Joaquim (83): *“Joaquim era meu padrinho de batismo”*, e ainda Otti Benno (78): *“(…) Benno era meu padrinho”*.

Por conseguinte, há o modelo de eleição livre: homenagem a políticos, homenagem a conhecidos, estética, circunstância de nascimento e causalidade que obtiveram uma ocorrência, totalizando 6% cada. Para o primeiro modelo atributivo contempla-se a entrevista de Friedrich Karl (83), que já foi citada anteriormente. Em relação à homenagem a conhecidos, a entrevista de João Ernesto (71) ilustra esse exemplo: *“(…) Ernesto era um vizinho nosso”*. No quesito estética há a entrevista de Aluísio Nelson (78): *“Nelson ele achavam um nome muito bonito”*. Por fim, relacionada à circunstância de nascimento, há a entrevista de Belém Domingos (80), que justifica a escolha de seu n2: *“Domingos porque nasci num domingo”*. Em relação à causalidade, há a entrevista de João de Deus (71) a respeito do nome de seu irmão Deuclides Maria (65): *“(…) o Maria é porque tinha que botar dois nomes e não lembrava de nenhum na hora, aí colocaram Maria”*.

Motivações não informadas foram contabilizadas em 2 ocorrências, totalizando 12% do *corpus* da década de 1930-1940.

Após a análise dos percentuais, nota-se que há algumas convergências e divergências nos n2femininos e n2 masculinos. O n2 feminino e masculino, no modelo atributivo religião, obteve 5 ocorrências das motivações devoção para mulheres e 2 ocorrências para homens. Na motivação calendário litúrgico, houve apenas 1 ocorrência para n2 feminino e nenhuma para o masculino e, por fim, nas homenagens

a padrinhos de batismo, houve dois casos para ambos os sexos. Nas homenagens à família, o n2 feminino houve uma motivação a primos, duas para avós e duas para os pais. Já o n2 masculino, houve 6 casos de homenagens aos avós. Em relação à homenagem a conhecidos, não houve nenhum antropônimo feminino mencionado, e o masculino apenas um caso, assim como no modelo atributivo estética. A originalidade só foi mencionada uma vez em n2 feminino, assim como significado do nome, e, nos n2 masculinos, foi mencionado um caso em homenagens a políticos, um em circunstância de nascimento e um caso em causalidade.

Outra característica marcante no *corpus* da década de 1930 e 1940 é o grande número de pessoas que não souberam explicar a motivação de seus nomes. Como possível justificativa para esses dados, muitos entrevistados relataram o fato de as famílias serem numerosas e de não haver diálogo com os pais, dessa forma, o questionamento dos filhos aos pais sobre seus nomes não era algo comum na época. Percebe-se, pelos relatos, que os sujeitos tiveram uma atitude opaca perante os nomes próprios, sendo eles concebidos como uma mera designação, um recurso linguístico para identificar pessoas. Nota-se, também, que a prática de dar nomes não era um assunto abordado na família. É importante ressaltar; contudo, que as informações mencionadas foram fornecidas pelos próprios portadores do nome e não os pais que nomearam o filho; são, então, relatos do que permaneceu na memória dos sujeitos até os dias de hoje.

## 5.2 DÉCADA DE 1950

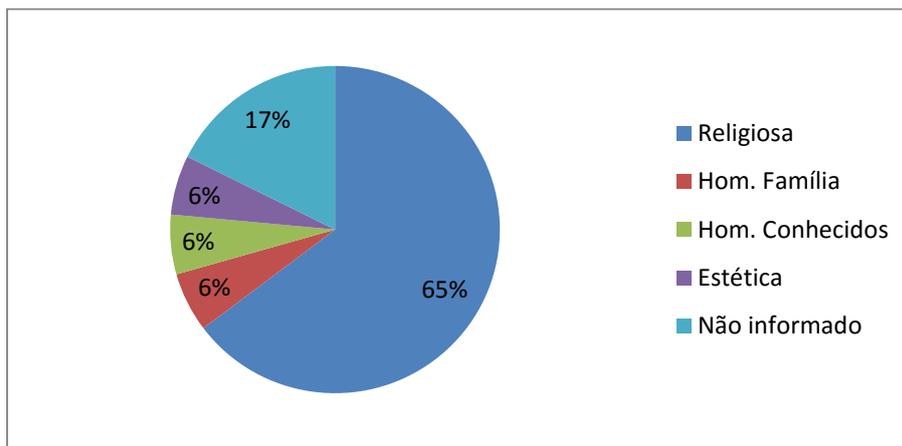
Muitos entrevistados da década de 50 vieram, juntamente com seus pais, para a região do Oeste do Paraná na época de colonização. Os entrevistados atualmente têm de 55 a 65 anos de idade. Das mulheres entrevistadas, muitas são donas de casa, costureiras, cabeleireiras, artesãs, aposentadas e autônomas. Entre os homens há aposentados, empresários, eletricitista, carpinteiro e funcionários administrativos.

Ao contrário da década de 1930 e 1940, em que os entrevistados comentam sobre seu próprio n2, na década de 1950, foi possível entrevistar alguns pais que tiveram filhos na década em questão. Dessa forma, o *corpus* levantado para a década de 1950 é composto de entrevistas diretas com o portador do nome, como também com os pais, resultando na citação indireta. Em algumas entrevistas, o portador do

nome relatou sobre o n2 do irmão, desse modo, essas informações também foram arquivadas e constituem o *corpus* da década.

Para n2 feminino, foram mencionados 4 modelos atributivos diferentes. O gráfico a seguir mostra a porcentagem dos antropônimos:

Gráfico 3 - Modelos atributivos mencionados para n2 femininos, na década de 1950



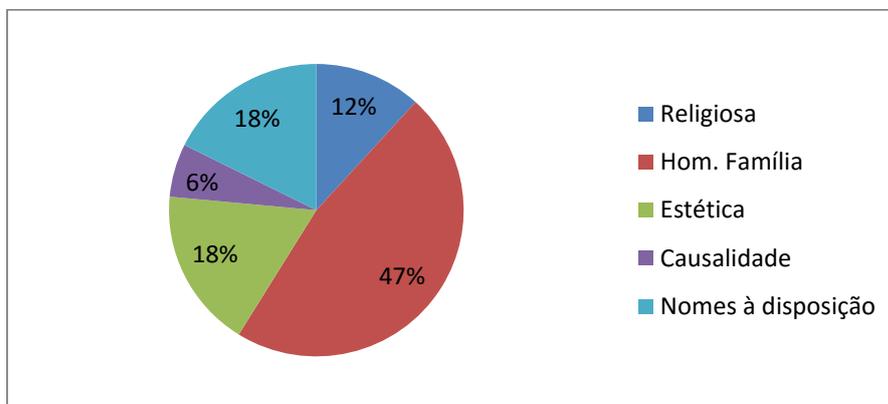
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O modelo atributivo tradicional religião foi o mais mencionado, totalizando 65%, tendo 10 antropônimos mencionados na motivação devoção e 1 antropônimo na homenagem a padrinhos. Na primeira motivação, há as entrevistas de Edi Maria (59): *“A mãe colocou porque Nossa Senhora é Maria”*, Fátima Maria (60) ao relatar sobre seu n2: *“(...) é a mãe de Jesus né”*; Marli Terezinha (57): *“Tinha que ter um nome santo quando batizava (...) tinha que escolher um nome santo junto”*; Ederli Terezinha (56): *“Terezinha era por causa da Santa Teresinha”*; Maria Aparecida (62): *“(...) e Aparecida de Nossa Senhora Aparecida”*; Elci Maria (55): *“(...) minha vó queria que todos os netos tivessem nome santo pra proteger né, então todos os meu irmãos tem nome santo”*; Elita Maria (64): *“O nome de Maria é porque minha mãe era muito devota de Maria”*; Alice Teresinha (64): *“É porque nós somos em 6 irmãos, 1 rapaz e 5 moças, e todas levaram um nome de santa (...) isso é pela igreja, pela imagem da santa que escolheram né”*; Áurea Maria (64): *“(...) O Maria então é porque é nome santo”*; e Marlene Therezinha ( ): *“Therezinha porque meus pais são devotos a santa Teresinha”*. Em relação à homenagem a padrinhos, há apenas a entrevista de Talita Hilda (56): *“(...) e Hilda é o nome de uma madrinha minha”*.

Homenagem à família, homenagem a conhecidos e estética foram mencionados apenas em uma ocorrência cada, contabilizando 6% cada. No primeiro modelo atributivo, consta a motivação homenagens a primos, com a entrevista de Flávia Maria (62): *“Eu tenho mais duas primas minhas que se chamam Flávia Maria, eu não tenho muito contato com elas (...) nós somos mais ou menos da mesma idade”*. Para o segundo modelo atributivo, há a entrevista de Ana que comenta o n2 da filha, Maria Helena (60): *“(...) eu tinha uma conhecida com esse nome e eu gostava desse nome, e ficou por isso”*, e para estética, Werno Joaquim comenta sobre o nome da filha Helena Maria (57): *“Eu gostei desse nome (...)”*. Há, por fim, 17% dos entrevistados que não souberam responder o porquê de seus nomes, o que corresponde a 3 ocorrências.

Para o n2 masculino, foram citados 5 modelos atributivos, no gráfico abaixo, especifica-se cada um juntamente com a porcentagem equivalente:

Gráfico 4- Modelos atributivos mencionados para n2 masculinos, na década de 1950



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O modelo atributivo mais citado para n2 masculino foi homenagem à família, com 47%. Nessa motivação, foram citadas 2 motivações: uma ocorrência para homenagem a primos, 2 ocorrências para homenagem aos pais e 5 ocorrências para homenagem aos avós. Na primeira motivação, há a entrevista de Valdir Nelson (55): *“Nelson eu tenho um primo com esse nome”*; já para a segunda motivação Ivo Ricardo (64) relata sobre seu n2: *“(...) o Ricardo é o segundo nome do meu pai”*, e Ademar Antônio (57): *“Meu pai era Antônio Geraldo (...) aí acho que era tradição, o pai colocou*

*Ademar Antônio por causa do nome dele*”. Para as homenagens aos avós, há a entrevista de Otti Benno que fala sobre o n1 e n2 do irmão, Adolfo Rodolfo (57), com a mesma motivação para os dois nomes: *“Ele é os dois nomes dos meus bisavôs”*, Huan Manuel (63): *“(…) Manuel por meu avô materno”*, Eduardo Olímpio (59): *“Olímpio é dos meus avós (...)”*, Gilmar Ernesto (62): *“Ernesto era por causa do meu avô (...)”* e Valdir Geraldo (56): *“(…) Geraldo era um bisavô por parte do meu marido”*.

Os modelos atributivos nomes à disposição e estética obtiveram 3 ocorrências, somando 18% cada. Os n2 mencionados na motivação nomes à disposição foi Selmo Antônio (62), filho de Werno Joaquim: *“O mais velho é Selmo Antônio (...) a gente gostou desses nomes né, era o nome que tinha na época”*, Paulo Roberto (59): *“O primeiro quanto segundo (...) era os nomes comuns da época”* e Gerson Luiz (57): *“Luiz é normal (...) na época tinha muito Luiz, na nossa região tinha muito Luiz”*. No modelo atributivo estética, há as entrevistas de Paul Robert (59), seu irmão Karl Albert (61) e Verno Luiz (55), as entrevistas já foram citadas em estética do n1, pois tanto n1 quanto n2 apresentam a mesma motivação.

Com 12% dos n2, o modelo atributivo religião foi citado em 2 motivações. A motivação devoção obteve uma ocorrência, Altair José (55) explica: *“Segundo o que a mamãe contava todos os filhos tinham no segundo nome um nome de santo, então José, Paulo (...)”*, e em relação à motivação homenagem a padrinhos Werno Joaquim comenta sobre o n2 de seu filho Paulo Honório (56): *“Honório era o padrinho dele”* que também foi mencionado em uma ocorrência.

Por fim, há a causalidade, com 6%, somando uma ocorrência para o modelo atributivo citado. Nesse quesito, há a entrevista de Lair Alberto (56), que diz *“foi minha irmã que escolheu esses nomes (...) foi por acaso esses nomes”*. Não houve n2 não informados.

Comparando os n2 femininos e masculinos, alguns números divergem e os modelos atributivos são citados diferentemente. Em relação às motivações religiosas, a motivação devoção foi citada 10 vezes em n2 feminino e uma vez para homenagem a padrinhos. Já em n2 masculino, a motivação devoção foi citada apenas 2 vezes e homenagem a padrinhos uma vez também. Em homenagens à família, a motivação de homenagear primos ocorreu uma vez para ambos os sexos, 5 vezes as homenagens a avós em n2 masculino e 2 vezes em homenagens aos pais, não ocorrendo nenhuma dessas motivações em n2 feminino.

Homenagem a conhecidos ocorreu apenas um caso para os antropônimos femininos. Em n2 masculino, 3 casos foram mencionados em estética e um em n2 feminino. A causalidade e nomes à disposição foram citados apenas em n2 masculino, tendo um antropônimo para o primeiro modelo atributivo e 3 para o segundo. Antropônimos não informados ocorreram apenas para n2 femininos, tendo 3 casos.

Comparando os dados obtidos nas entrevistas da década de 1950, nota-se que os modelos atributivos mais citados em cada sexo assemelham-se com os da década anterior. Nos antropônimos femininos, destacam-se os nomes religiosos e nos antropônimos masculinos, dentre diversas motivações, destacam-se os nomes que homenageiam os avôs.

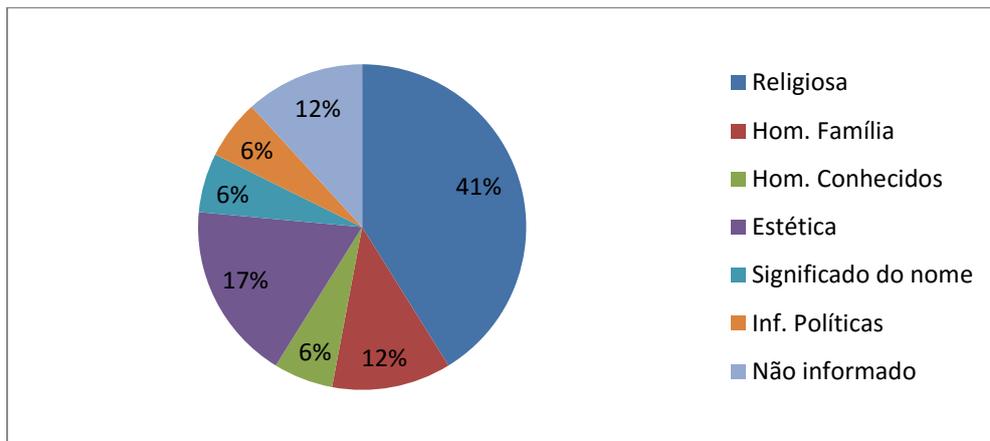
### 5.3 DÉCADA DE 1960

Os entrevistados da década de 1960, atualmente, têm de 45 a 54 anos de idade. Foram entrevistados os próprios portadores dos nomes, como também pais e, em alguns casos, os entrevistados comentaram sobre o nome do irmão, que também foi contabilizado no *corpus* de 1960.

Muitos dos entrevistados que constituem o *corpus* da década de 1930 e 1940 relataram sobre o nome de seus filhos, nascidos a partir da década de 1960. Destaca-se que muitos dos portadores de antropônimos que constituem essa década são filhos dos entrevistados de 1930 e 1940. A maioria dos homens está aposentada e, no caso das mulheres, a maioria é dona de casa.

Em n2 feminino, foram mencionados 6 modelos atributivos diferentes. O gráfico a seguir ilustra a porcentagem para cada modelo:

Gráfico 5 - Modelos atributivos para n2 femininos, na década de 1960



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O modelo atributivo mais citado para n2 feminino foi a religião, totalizando 41%, em 7 ocorrências. A motivação devoção foi mencionada para todas as ocorrências. Diante disso, citam-se as entrevistas de Maria Ivone, que relata o n2 de suas filhas Marli Maria (48): *“Então tinha que botar dois nomes aí resolvi colocar Maria que é santo né, então a gente ia muito da igreja (...)”* e Marlene Teresinha (51): *“(...) Teresinha e também é um nome de uma santa né”*. Loni Ida, mãe de Márcia Aparecida (46), comenta: *“(...) Aparecida porque eu sou muito devota a Nossa Senhora”*. Rosa Maria relata sobre o n2 da filha Graciéte Lurdes (47): *“(...) eu coloquei por causa da vó, ela falou tinha que botar nome de santo (...)”*. Célia Antonieta, filha de Rosane Teresinha (48), menciona: *“Teresinha por ser santo (...)”*. Celi Cristina (46) comenta sobre o próprio n2: *“(...) Cristina porque era uma santa, Santa Cristina”*. Por fim, a entrevista de Norma Madalena, que comenta a motivação do n2 de sua filha, Carmen Jacinta (48), cujo nome foi retirado da história religiosa *Os três Pastorzinhos*<sup>15</sup>: Norma Madalena comenta o n2 de sua filha Carmen Jacinta (48), em decorrência de complicações surgidas na gestação: *“(...) aí minha mãe falou, escolhe nome santo pra por nela, ela era muito devota a santa dos três pastorzinhos, coloca nome de santo, as vezes ajuda né, senão eu iria perder ela também né, Jacinta é a santa dos 3 pastorzinho”*.

<sup>15</sup>A história bíblica *Os três Pastorzinhos* narra a história de 3 crianças: Lúcia, Francisco e Jacinta que, na cova Iria encontraram a aparição de Nossa Senhora de Fátima.

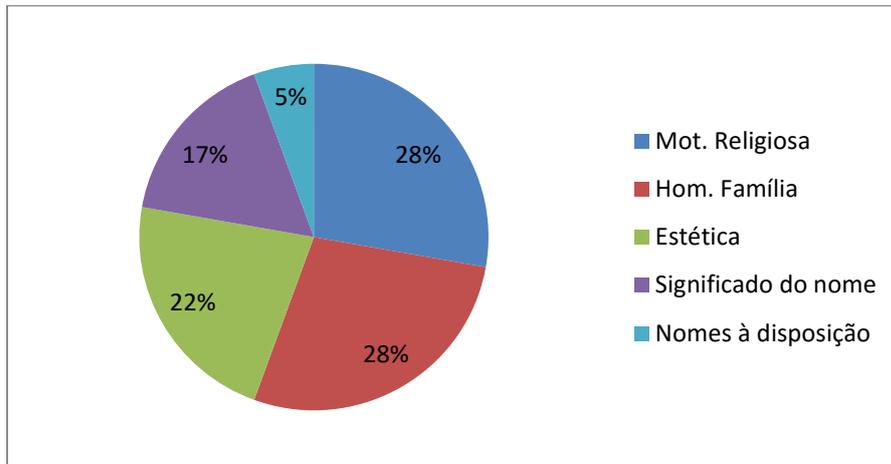
Com 17%, o modelo atributivo estética foi citado com 3 ocorrências. Na motivação estética propriamente dita, Célia Antonieta relata sobre a escolha do n2 de sua filha, Maria Claudete (49): *“Eu gostava muito de Claudete (do antropônimo) na época (...) aí eu achei muito bonito e eu estava esperando ela, aí eu pensei, ‘quando ela nascer vou colocar esse nome pra ela’”*. Fátima Dorotéia comenta sobre seu próprio n2: *“Dorotéia porque tinha uma mulher que ela gostava do nome”*. Por fim, Otti Benno comenta a escolha do n2 da filha Marli Clair (54): *“Clair é porque se enquadra assim (perguntou-se a Otti Benno se a atribuição do n2 foi por motivo de combinação, sua resposta foi positiva)”*.

O modelo atributivo homenagem à família obteve 12%. A motivação homenagem aos pais somaram 2 ocorrências. Regina Adelaide relata sobre o n2 de sua filha Silvana Regina (46): *“Regina porque era meu nome também (...)”* e Noeli Maria relata sobre o n2 de Leila Noeli (50): *“(...) o segundo nome é o meu”*.

Os modelos atributivos homenagem a políticos, significado do nome e homenagem a conhecidos somaram-se uma ocorrência em cada modelo. Em relação ao primeiro modelo, há a entrevista de Alice Mitiko (50), que relata sobre seu n2: *“Mitiko, hoje, é o nome de uma imperatriz lá no Japão, na época que minha mãe era solteira, essa imperatriz era uma plebeia que se casou com um príncipe, então todo o sonho de uma mãe era que sua filha se casasse e se tornasse alguém importante (...)”*, o segundo modelo destaca a entrevista de Kazuko Maria, que comenta sobre Leyla Tiemy (46): *“É em japonês (...) e gente coloca nome japonês por causa dos avós né, mas o nome japonês é pelo significado, mas agora eu não lembro o significado de Tiemy”*. Para o último modelo atributivo, a homenagem a conhecidos, destaca-se a entrevista de Blondine Lili sobre o n2 de sua filha Lisiane Odete (50): *“(...) era o nome de uma amiga muito querida minha”*. Não informados somaram apenas 2 ocorrências.

Em relação ao n2 masculino, foram mencionados 5 modelos atributivos diferentes, conforme explicita o gráfico a seguir.

Gráfico 6 - Modelos atributivos para n2 masculino, na década de 1960



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O modelo atributivo mais citado em n2 masculino, na década de 1960, foi a homenagem à família e a religiosa, simultaneamente, totalizando 28% cada. A motivação homenagem aos avós somou 3 ocorrências, dentre elas há a entrevista de Célia Antonieta, que relata o n2 do filho Luiz Antônio (45): *“Esse era os dois avôs, o meu pai e o pai do meu ex marido”*; há também a entrevista de Regina Adelaide sobre o n2 do filho Sandro Arthur (50): *“Arthur porque era o vô, meu pai, e o pai dele (do Sandro) também era Arthur”* e a de Elita Maria que relata o n2 do filho Ademair Aluísio (52): *“Aluísio, de cada família do meu pai, todos os irmão no primeiro filho, cada um colocou Aluísio porque era o nome do meu falecido vô”*. As motivações homenagem aos pais e aos tios obtiveram uma ocorrência em cada, para a primeira motivação há a entrevista de Noeli Maria, mãe de Edson Belém (54): *“O Belém pra levar o segundo nome do pai (...)”* e, para o segundo modelo atributivo, há a entrevista de Blondine Lili, que comenta sobre o n2 de seu filho Vilson Reinart (54): *“O segundo nome é que eu tenho um irmão que se chama Reinart, é uma homenagem ao meu irmão”*.

Para o modelo atributivo religião, a motivação devoção teve 3 ocorrências. Na entrevista de Odete Lurdes comenta-se o n2 de seu filho Luis Antônio (50): *“Eu procurei dar nome de santo e Santo Antônio (...)”*. Também, nessa categoria, Irma relata sobre o n2 do filho Itacir José (47): *“É que na época, meu sogro e minha sogra diziam que tinha que por nome de Pedro, de Paulo, nome de santo (...)”*, e Elita Maria explica sobre a escolha do n2 de seu filho Roberto Luis (45): *“Eu coloquei Roberto Luís (...) eu queria colocar um nome de santo né, aí combinou Roberto Luís”*. Para a

motivação homenagem a padrinhos, houve apenas a entrevista de Melânia Teresa que explica o n2 de Eldes José (45): *“Porque é o nome do padrinho né (...)”*. Também houve uma ocorrência de homenagem a um representante religioso da época, no caso, o papa Paulo VI<sup>16</sup>: Noeli Maria relata o n2 de seu filho Vanderlei Geovane (51): *“Geovane que na época era o papa né, o atual papa da época”*.

O modelo atributivo estética somou 22%, obtendo 4 ocorrências. Para a motivação rima, há a entrevista de Alice Mitiko, que relata sobre o n2 do irmão Nelson Hiroche (46), que possuem a motivação a partir da rima do nome do irmão como também por meio do significado do nome: *“Hiroche pra acompanhar com o ‘H’ do outro irmão (...)”*. Para a motivação estética propriamente dita, foram obtidas 3 ocorrências. A entrevista de Odete Lurdes relata o n2 de Marcos Rogério (49), cujo nome já havia sido escolhido juntamente com uma colega, no tempo de estudante: *“Rogério é que eu tinha uma colega que eu estudava e se dava muito bem, quando nós estávamos no colégio nós combinamos que no primeiro filho nós íamos dar o nome de Rogério”*, Nelson Ivo comenta o n2 do filho Valmir José (46): *“Escolhemos assim, procurando e achando, a gente achou bonito e o segundo nome também”* e Milton Olíbio que comenta o n2 do filho Marino Luis (51): *“(...) Marino Luís porque é bom né”*.

O modelo significado do nome obteve 17%, isto é, 3 ocorrências no *corpus*. Em relação a esse item, observamos duas diferenças importantes: o modelo atributivo mencionado a partir do significado do significado do nome, o significado obtido por meio da análise dos elementos que o constituem; já a motivação pelo significado é o que o nome significa a partir de uma cultura ou de um dado contexto. A entrevista de Alice Mitiko contempla o primeiro modelo atributivo citado, ela comenta esse modelo a escolha do n2 dos irmãos Carlos Haro (52): *“Haro é primavera no Japão, é uma das traduções e ‘o’ é o significado de menino, então Haro seria filho da primavera”*. Nelson Hiroche (46) apresenta duas motivações para n2: *“(...) Hiroche é ‘Hiro’ seria algo amplo”*. Por fim, Kazuko Maria que explica o n2 do filho Veldener Ken (45): *“(...) o nome japonês tem significado, mas agora eu não lembro do Ken”*. Não vem ao caso aqui se o significado que o entrevistado atribui ao nome corresponde ou não ao seu significado etimológico ou àquilo que as palavras japonesas pode significar hoje, mas sim o fato de o sujeito atribuir significados aos nomes com os quais nomeou seus filhos.

---

<sup>16</sup>Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, conhecido como papa Paulo VI, foi eleito sumo Pontífice da Igreja Apostólica Romana em 21 de junho de 1963.

Por último, o modelo atributivo nomes à disposição foi citado apenas uma vez. Nesse quesito, Otii Benno explica o n2 do filho Darci Ari (51): “*O Ari é que já tinha esses nomes antigamente*”.

Em relação ao n2 feminino e masculino, nota-se que em n2 feminino o modelo atributivo religião com motivação em devoção foi mais citado, enquanto para n2 masculino, as homenagens à família, na motivação homenagem aos avós, foi a mais mencionada. O modelo atributivo estética se destacou mais para n2 feminino enquanto que, para o masculino, o número de n2 atribuído pela estética foi menor. O modelo atributivo nome à disposição apenas foi mencionado em n2 masculino e influências políticas foi mencionado pela primeira vez no *corpus* de n2 feminino. Por fim, nomes cuja motivação não foi informada apenas ocorreram em n2 feminino.

Com relação aos antropônimos que foram mencionados mais de uma vez, observa-se “Teresinha”, com duas ocorrências: Marlene Teresinha e Rosane Teresinha. Nomes não brasileiros foram mencionados em Leyla Tiemy e Alice Mitiko (ambos antropônimos da cultura oriental). Já em n2 masculino, o antropônimo “José” também foi mencionado em Itacir José, Valmir José e Eldes José e, por fim, nomes não brasileiros em Nelson Hiroche, Carlos Haru, Vilson Reinart e Veldener Ken.

É possível perceber que há mais modelos atributivos e motivações mencionados em antropônimos masculinos do que em femininos. Também há semelhanças na norma antroponímica da década de 1930, 1940 e 1950 já apresentada.

Na década de 1960, o modelo atributivo religião ainda se encontra em grande ocorrência em n2 feminino, obtendo 41% das ocorrências. Em relação aos antropônimos masculinos, nas décadas de 1930 – 1940 e 1950, o modelo atributivo homenagem aos familiares com forte ocorrência na motivação homenagem aos avôs foi mencionado principalmente em n2 masculino, deixando a motivação tradicional religiosa em segundo lugar (28%).

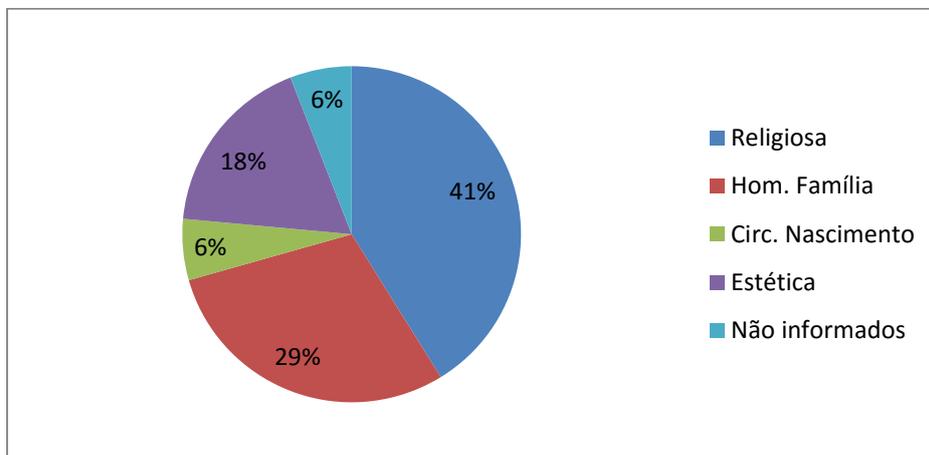
#### 5.4 DÉCADA DE 1970

Para a década de 1970, foram entrevistados pais que tiveram filhos nascidos na década de 1970 e os próprios nascidos na década referida. Os pais são, na grande maioria, os mesmos entrevistados para a década de 1930- 1940 e 1950, dessa forma,

sabe-se que grande parte veio a Marechal Cândido Rondon quando criança e que uma pequena parte nasceu no referido município. Hoje, os pais entrevistados encontram-se aposentados e os demais que constituem o *corpus* de 1970 e que nasceram na década a ser analisada trabalham no comércio da cidade, como cabeleireiros, enfermeiros, auxiliares administrativos, professores, entre outros. Atualmente, os nascidos na década têm de 35 a 44 anos.

Para n2 feminino, foram somados 4 modelos atributivos, como vemos no gráfico a seguir:

Gráfico 7- Modelos atributivos para n2 feminino, na década de 1970



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O modelo atributivo mais citado para n2 feminino foi a motivação religiosa com 41%. A motivação religiosa citada em todos os casos foi a devoção, obtendo 7 ocorrências. Encontram-se, nesse campo, as entrevistas de Loni Ida, que relata o n2 de suas filhas Marlei Fátima (44): “(...) e *Fátima também por causa da santa, nossa Senhora de Fátima né*”, e Mariângela Inês (43): “(...) e *Inês também por causa de santa Inês*”. Elita Maria relata o n2 das filhas Roseli Teresinha (43): “(...) *daí Teresinha pra por um nome santo*” e Eliséte Maria (39): “(...) *aí eu coloquei Eliséte Maria, porque eu sou muito devota do coração de Maria*”. Dulce Maria (44) complementa sobre seu n2: “*O nome inteiro Dulce Maria pertence a uma pessoa que é considerada santa na igreja católica, não que ela seja uma santa, não é colocada como santa*”, Marli Teresinha (41): “*Teresinha teria a ver com santo*”, Terezinha Maria que relata o n2 da filha Maria Aparecida (43): “(...) *esse nome porque nós somos católicos muito devoto a Nossa Senhora de Aparecida, aí a parteira fez uma promessa aí ficou Aparecida*”.

O segundo modelo atributivo mais citado foi homenagem à família, com 29%. A motivação homenagem aos pais teve 2 ocorrências; a entrevista de Terezinha Maria relata o n2 de suas filhas Sandra Maria (40) e Rosimeri Maria (36): *“Maria porque eu sou Maria então todas as filhas ficaram Maria”*. Houve também duas ocorrências em homenagem a tios. Maria Aparecida (42) comenta: *“Maria Aparecida é o nome da irmã dele (do pai)”*. Loni Ida que relata o n2 da filha Maristela Lúcia (42): *“Lúcia era uma irmã minha que faleceu muito nova, ela tinha 24 anos”*. Já a homenagem aos avós teve apenas uma ocorrência que é o caso de Ângela Maria (39): *“Porque o nome da minha vó é Ângela Maria, daí a minha mãe colocou o mesmo nome da mãe dela”*.

O terceiro modelo atributivo citado foi a estética, com 18%. A motivação rima obteve uma ocorrência, que é o caso de Viviane Delcy (38): *“(...) assim ficou Delcy porque o nome da minha mãe é Dirce”*. Já a motivação estética propriamente dita obteve 2 ocorrências: Célia Antonieta comenta o n2 da filha Sandra Maricéte (44): *“É Mariséte, mas foi erro do escrivão, e eu não aceito isso, eu mandei registrar Mariséte (...) todo mundo acha que é sobrenome, eu gostei desses nomes”*<sup>17</sup>, e Eliane Márcia (35) relata: *“Márcia é porque minha vó que quis ele também, minha mãe achou bonito”*.

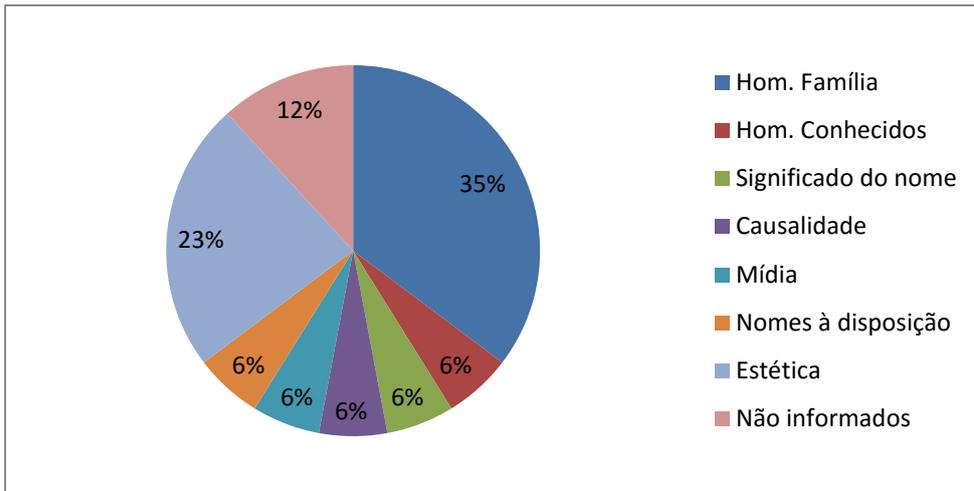
Por fim, a circunstância de nascimento teve uma ocorrência, totalizando 6%. Maria Aparecida relata a história do nascimento de sua irmã Neila Natalina (38), cujo nascimento foi no dia de natal: *“O Natalina porque ela nasceu no dia de natal”*. Não informados apareceram apenas em uma ocorrência.

Para o n2 masculino, foram contabilizados 7 modelos atributivos diferentes, conforme se ilustra no gráfico abaixo:

Gráfico 8 - Modelos atributivos para n2 masculino, na década de 1970

---

<sup>17</sup>Célia Antonieta considera o nome “Maricéte” semelhante a um sobrenome devido à pronúncia do antropônimo que, para ela, assemelha-se a sobrenomes.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O modelo atributivo homenagem à família foi o mais citado, somando 35% das entrevistas. A submotivação homenagem aos pais obteve 2 ocorrências, como é o caso de Luiz Carlos (40), que comenta seu próprio n2: *“Olha, na realidade é um nome bastante comum e o meu pai é Carlos Luiz”* e Luiz Sadi, com a participação ativa de sua esposa na entrevista, complementam a explicação da atribuição do nome de seu filho Diuvani Luiz (43): *“(...) e Luiz por causa dele (do marido)”*. Para a motivação homenagem a primos, também houve 2 ocorrências, a entrevista de João Domingos que também teve participação da esposa, relata o n1 do filho Jackson Wander (40): *“Wander porque todos os sobrinhos da parte dele (do marido) tem o segundo nome Wander”*, e Maria Aparecida, que comenta o n2 do filho Edson Carlos (44): *“Carlos por ele (o marido) ter um parente, um primo com o nome Carlos”*. Homenagem aos avós também somou 2 ocorrências, Eliane Márcia comenta o n2 do marido, Joaquim Antônio (41), o qual não pôde fornecer com suas palavras a entrevista: *“Joaquim Antônio por causa do vô né”*, e Terezinha Maria que relata o n2 do filho Analdo Antônio (41): *“Antônio porque o pai dele também é Antônio e o vô também é Antônio”*.

Com 23%, o modelo atributivo estética foi o segundo mais citado para n2 masculino. A motivação estética propriamente dita obteve 3 ocorrências. As entrevistas destacadas são: a entrevista de João Domingos que complementa o nome do filho Jonh Álvaro (37): *“Álvaro porque os meus colegas de trabalho me mandaram uma lista bem grande, então tinha uma lista bem grande e vários gostavam do nome Álvaro, aí eu gostei muito e coloquei Álvaro”*, a de Fátima Dorotéia, que relata o n2 de Ricardo Fabiano (35): *“Fabiano por achar que combina né, é bonito”*, e a entrevista de

Luiz Sadi, que juntamente com sua esposa comentaram a escolha do n2 do filho Diuvani Luiz (36): *“Eu ficava lendo uma revista e aí eu vi o nome Jean Pierre e depois fui pesquisar e achei Jean Carlo e achei mais bonito”*. A motivação rima obteve apenas uma ocorrência: Talita Hilda relata o motivo pelo qual escolheu o n2 de seu filho Elcio Adelir (35): *“Adelir por causa do A de Antônio do pai dele”*.

O modelo atributivo mídia também foi mencionado nas entrevistas, com 6% em uma ocorrência. Sobre isso Elci Maria comenta o n2 do filho Jackson Régis (36): *“Régis fui eu que escolhi, na época tinha um jogador de futebol muito famoso com o nome de Régis, eu achei bonito”*.

Os demais modelos atributivos também somaram 6% cada, tendo apenas uma ocorrência de cada modelo, são eles: nomes à disposição, causalidade, significado do nome e homenagem a conhecidos. Para o primeiro, há a entrevista de Luís Carlos (35): *“O meu tio, por exemplo, é Antônio Carlos né, e aí muitas pessoas da localidade que eu nasci por exemplo, era José Carlos, Antônio Carlos ou só Carlos. Então Carlos era um nome que sempre estava em voga”*. Para o segundo modelo atributivo citado, há a entrevista de Fraia sobre o n2 do filho Jean Fernando (36): *“Naquela época não tinha ecografia então eu não sabia o que era o bebê, uma amiga minha foi me visitar no hospital aí ela disse que ele tinha cara de Fernandinho aí já pegou (...)”*. Para a motivação significado do nome, há a entrevista de Kazuko Maria sobre o n2 do filho Vladimir Tieo (43): *“Todos os nomes (dos filhos) tem significado, mas eu não me lembro mais (...)”*. Por fim, a homenagem a conhecidos foi citada na entrevista de Lauro Jorge, que comenta o n2 do filho Jorge Luís (41): *“Luís, na verdade, era um colega meu de aula que eu gostava”*.

Os que não souberam informar a motivação do n2 somaram-se 12% das ocorrências.

Comparando os n2 femininos e masculinos, pode-se perceber que o modelo atributivo religião continua mais citado para feminino, enquanto que para o masculino há mais citações para homenagens a tios, primos e avós.

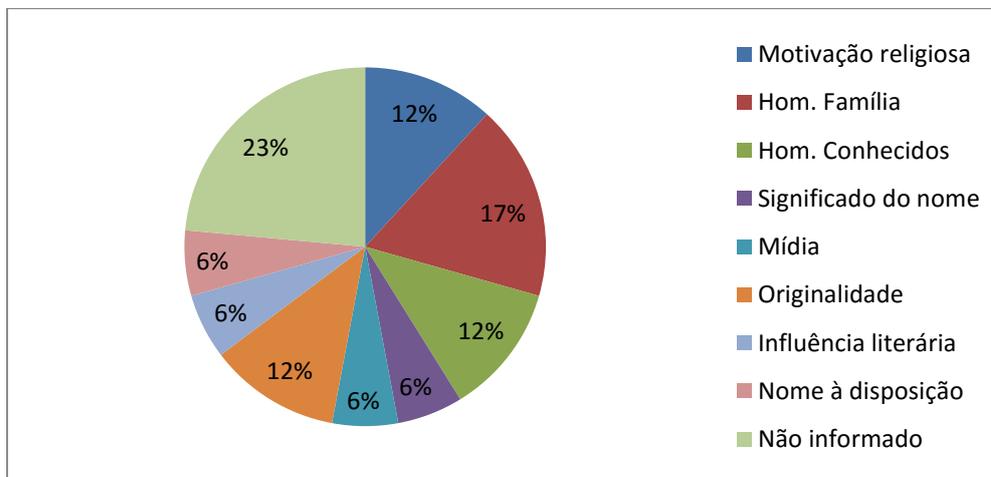
A motivação midiática foi mencionada pela primeira vez em n2 masculino, não tendo nenhuma citação para o feminino. O modelo atributivo causalidade e nomes à disposição também só foram mencionados para n2 masculino, o contrário ocorreu para circunstância de nascimento mencionado apenas para n2 feminino.

## 5.5 DÉCADA DE 1980

Para a década de 1980, foram entrevistados pais cujos filhos nasceram nessa época e também foram entrevistadas pessoas nascidas na década portadoras de dois nomes. A maioria dos pais que participou da pesquisa fornecendo informações sobre seus prenomes são aposentados, professores, enfermeiros ou corretores de seguros. Já os entrevistados nascidos entre 1980 e 1989, que atualmente possuem entre 25 a 34 anos, trabalham no comércio como auxiliares administrativos, técnicos em enfermagem, funcionários públicos etc. Dessa forma, apresentam-se dados diretos de pais que nomearam o filho nascido na década de 1980 e dados indiretos do próprio portador do prenome, que tem, em sua memória, a história ou narrativa relatada por seus pais que lhes falaram sobre a escolha do nome.

Para n2 feminino, somaram 8 modelos atributivos diferentes, como observamos no gráfico a seguir:

Gráfico 9 - Modelos atributivos para n2 feminino, na década de 1980



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O modelo atributivo mais utilizado em n2 feminino foi a homenagem à família, totalizando 17%. A submotivação homenagem aos avós obteve 2 ocorrências. Nesse campo, Fernanda Maria (29) complementa a entrevista explicando a motivação de n2: *“Me chamo Fernanda Maria em homenagem aos meus avós maternos, Ferdinando e Maria (...)”*. Também, Ivo Ricardo comenta o n2 da filha Fabiana Elma (30) que foi atribuído o prenome da vó materna: *“(...) o segundo nome é o nome da minha sogra”*. A submotivação homenagem aos avós obteve uma ocorrência, destacando-se a

entrevista de Áurea Maria, que explica a atribuição do n2 da filha Carla Fabíola (33): *“O Fabíola por causa que tinha a irmã mais nova dele (do marido), ela era freira e se chamava Lúcia, mas quando elas viram freira elas trocam o nome e aí ela se chamou Fabíola (...).”*

O segundo modelo mais citado foram as influências religiosas, somando 12%. A submotivação homenagem às madrinhas e a atribuição do nome a partir devoção obtiveram uma ocorrência cada. Para a primeira submotivação, há a entrevista de Melânia Teresa, que comenta o n2 dos filhos, sendo Maidi Maria (29) uma delas: *“O segundo nome deles é por causa dos padrinhos e madrinha (...)”*, já para a segunda submotivação. Rosa Maria comenta o n2 da filha Daiana Maria (30): *“Ele (o marido) foi registrar ela rápido né e colocou Maria para ela ajudar né, pra Nossa Senhora proteger ela (...)”*.

Homenagem a conhecidos foi citada logo em seguida, obtendo duas ocorrências, como o exemplo das entrevistas de Edi Maria, que comenta o n2 da filha Kátia Regina (30): *“Regina em homenagem a uma professora minha muito querida que dava aula de moral e cívica, a professora Regina”*, e Celsa Ramona, que complementa a explicação do prenome da filha Daniele Cristina (33): *“O Cristina eu conhecia uma moça com esse nome e eu achava bonito esse nome”*.

Com 12 % também aparece o modelo atributivo originalidade, que obteve 2 ocorrências. Tatiane Daniele (34) comenta sobre a preocupação do pai em atribuir um nome diferente dos demais já existentes: *“O nome do meio veio pra diferenciar né, todos nós temos dois nomes na família (...) o meu pai gostou desses nomes e deu eles pra mim”*. Miléia Soea (30) comenta a mesma motivação tanto para n1 quanto n2: *“Meu pai disse que inventou esses nomes, ele disse que queria um nome diferente”*.

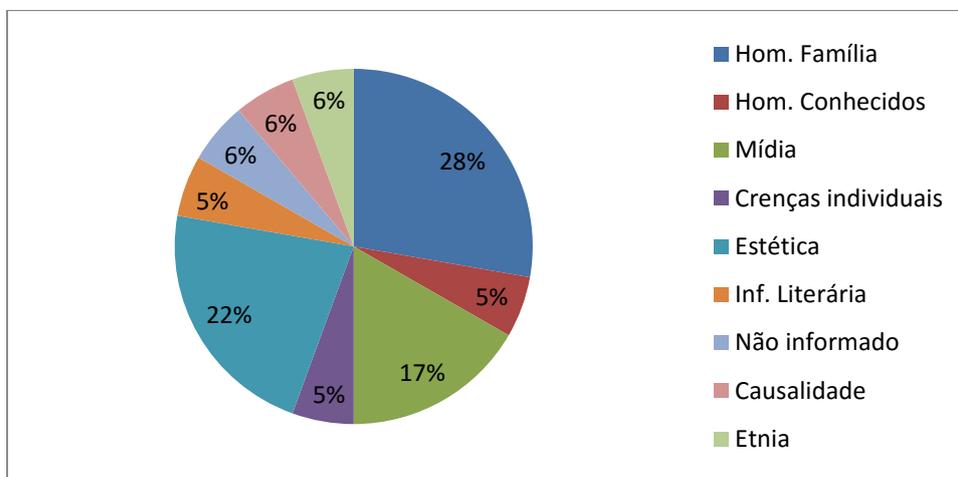
A atribuição do prenome a partir de seu significado obteve apenas uma ocorrência, somando apenas 6%. Nessa perspectiva, encontra-se a entrevista de Sandra Maricéti, mãe de Gabriela Natasha (26): *“O Natasha agente pesquisou pelo significado, eu sei que é russo, mas não lembro mais o significado”*. O modelo atributivo mídia, influências literárias e nomes à disposição também foram citados uma vez, obtendo assim 6%.

Em relação ao primeiro modelo atributivo, há a entrevista de Viviane Delcy, que comenta sobre o n2 da irmã Vaniela Djane (28): *“Aí o segundo tinha que ser com D né, aí eu que sugeri ainda, tinha uns filmes na época com o nome Djane e aí ficou”*.

Para o segundo modelo atributivo, a influência literária foi citada na entrevista de Edla Samara (26), que comenta o próprio n2: *“Minha mãe sempre leu muito, e ela diz que tinha uma história que tinha uma Samara, que é um nome indígena e que significa guiada por Deus”*. Por fim, a entrevista de Paul Robert menciona a motivação para o n2 da filha Inajaia Kauana (26): *“Foi nome que tinha, escolhi por escolher, aleatório”*.

Para n2 masculino, foram contabilizados 6 modelos atributivos, assim como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 10 - Modelos atributivos mencionados para n2 masculino, na década de 1980



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Um dos modelos atributivos mais citados foi a homenagem à família (28%), obtendo 2 ocorrências para a submotivação homenagem aos avós, exemplificadas pelas entrevistas de Ivo Ricardo, sobre o n2 do filho Julio Ricardo (32): *“Ricardo por causa do meu pai e do meu nome também, mas no caso é por causa do meu vô”*, e de Maria Deise, que comenta o n2 Emílio Alfredo (25), seu filho: *“Alfredo é o segundo nome do pai do meu marido”*. A submotivação homenagem aos tios também obteve 2 ocorrências, como é o caso de Eduardo Enrique (32), cuja mãe, Edi Maria, explica sobre o n2: *“Henrique porque eu tinha um tio que se chamava Henrique”*, e Marlene Teresinha, que fala sobre o n2 do filho João Paulo (27): *“Paulo em homenagem ao tio paterno”*. Por fim, o modelo atributivo homenagem aos pais teve apenas uma ocorrência, como é o caso da entrevista de Celi Cristina que explicou sobre o n2 do filho Tiago Alan (27): *“Alan porque é o nome do pai dele”*.

O segundo modelo atributivo mais citado foi a estética, que totalizou 22% do *corpus* com 4 ocorrências. A entrevista de Ederli Terezinha comenta o n2 do filho Ivair Geovane (27): *“Geovane porque é o filho da Fátima, ali no cartório, eu achei bonito Geovane, aí eu marquei ‘o dia que tiver um filho vou por esse nome’, aí botei Ivair Geovane”*. Maria Helena fala sobre o prenome do filho Éder Dailor (25): *“Dailor por acaso passando na rua vi o nome e gostei”*. Elci Maria relata o n2 dos dois filhos: Willian Renan (25): *“Renan porque era um nome que achava bonito, gostava”* e Fábio Roberto (31): *“Ficou Roberto como segundo nome porque meu marido adora Roberto”*.

Com 17%, o modelo atributivo média somou 3 ocorrências. Exemplificando, há a entrevista de Justina Marizela sobre o n2 do filho Róges Patrick (34): *“O Moacir (marido) queria Róges por causa de um cantor ai eu fiz então, para contentar os dois ficou Róges Patrick”*. Jaime também comenta o n2 do filho Jean Carlo (32): *“Quando eu e minha esposa começamos a namorar, na época, existia revistinha de foto novela (...) e lá tinha um casal, Jean Carlo e Katuscia que era muito bonito e nós dois namorávamos e se um dia casar dizíamos que seria Jean Carlo e Katuscia”* e Celsa Ramona sobre o n2 do filho Clóvis Willian (26): *“Willian é que eu trabalhava numa banca de revista, daí tinha bastante foto novela (...)”*.

Causalidade e motivação pela etnia do pai foram mencionadas uma vez, obtendo 6% cada. Para o primeiro modelo atributivo, há a entrevista de Maria Helena que também atribuiu o n2 do filho Éder Dailor (25) a partir da estética e causalidade, e a motivação por etnia, Sandra Maricéti comenta o n2do filho Renan Paolo (25): *“Paolo por ser Paulo em italiano, aí a gente optou em colocar italiano porque meu marido é de origem italiana”*.

Influência literária, homenagem a conhecidos e crenças individuais obtiveram 6%, com uma ocorrência para cada categoria. O primeiro modelo atributivo é a entrevista de Justina Marizela sobre o filho Cassiano Roberto, já citada, observa-se que, nesse caso, uma mesma motivação é citada para n1 e n2: *“Cassiano Ricardo é por causa de um escritor”*. Para o segundo modelo atributivo, há a entrevista de Edi Maria que comenta o n2 do filho César Alexandre (28): *“Alexandre porque o Eduardo, o irmão mais velho tinha um amigo com o nome Alexandre, foi o Eduardo que escolheu”*. Por fim, há a entrevista de Marlene Teresinha que atribuiu o n2 do filho Pedro Henrique (25) com a mesma motivação do n1: *Pedro Henrique, foi feito a numerologia, foi escolhido cinco nomes antes de ele nascer e destes cinco nomes a*

*numeróloga fez a achou melhor esse daí, na numerologia os nomes possuem uma soma no total, e esse número tem que ser um número bom, que ajude a ter sucesso, e que tenha uma boa carreira”.*

Na década de 1980, houve inversão nos modelos atributivos mencionados para cada gênero. Em n2 feminino, 17% foi menção a homenagem à família e 12% religiosa. Ainda que se encontram dentro do modelo tradicional, tal diferença foi notada. Destaca-se também que a mídia – modelo da moda – foi mencionada pela primeira vez (6%), como também percebe-se uma grande variedade de modelos atributivos diferentes, que antes não haviam sido mencionados, como, por exemplo: influência literária e nomes à disposição.

Já para n2 masculino, o modelo atributivo tradicional homenagem à família continua o mais mencionado (28%). Estética fica em segundo plano, com 23%, e mídia fora mencionado novamente, com 6%. A concorrência de modelos atributivos encontra-se maior do que em n2 feminino.

É na década de 1980 que inicia um processo de diferenciação dos modelos atributivos, destacando, assim, a utilização da mídia e da estética.

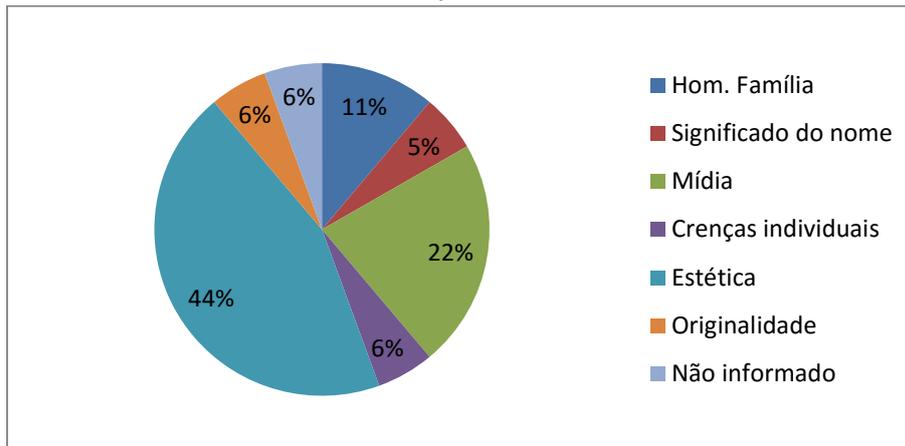
## 5.6 DÉCADA DE 1990

Para a década de 1990, foram entrevistados, na maioria, pais que tiveram filhos nessa década; não foram entrevistados menores de idade. Como nas décadas anteriores, há dados diretos, nos casos em que atribuidores de nomes foram entrevistados, e indireto, quando aqueles a quem foram atribuídos os nomes foram entrevistados. Todos os entrevistados trabalham no comércio da cidade, sendo auxiliares administrativos, enfermeiros, funcionários públicos etc.

Salienta-se que muitos dos pais entrevistados mencionados nessa década também tiveram filhos na década de 1980, por isso, grande número de nomes de pais se repetem. Atualmente, os nascidos entre 1990 a 1999 tem entre 15 a 25 anos de idade.

Para n2 feminino, foram contabilizados 6 modelos atributivos diferentes, como observa-se no gráfico a baixo:

Gráfico 11 – Modelos atributivos para n2 feminino, na década de 1990



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O modelo atributivo mais recorrente em n2 feminino foi a estética, com 44%. O submotivação estética propriamente dita foi citada em 5 ocorrências, como, por exemplo, as entrevistas de Samara Beatriz (21), que relata: *“O Beatriz porque minha mãe achou bonito”*, a de Jucileide, que comenta o n2 da filha Jéssica Caroline (21): *“Caroline eu achei bonito”*, a de Mabielle Caroline (20), que também comenta o próprio n1: *“Caroline foi por opção, porque minha mãe achava bonito”*, a de Jeneci, que menciona sobre o n2 da filha Nayade Laís (22): *“Laís por achar bonito (...)”*, a de Celsa Ramona, que fala sobre o n2 da filha Caroline Michely (24): *“Como tinha colocado dois nomes para os outros, coloquei para ela também, com y para ser diferente”* e a de Viviane, que comenta o n2 da filha Maria Eduarda (14): *“Eu amo qualquer nome junto com Maria, eu gostava de Eduarda”*. A submotivação rima teve 3 ocorrências, como é o caso de Evanice Teresinha, que escolheu o n2 da filha, Bruna Camila (16), por combinar com o n1: *“Camila por achar que combinava, eu gostava desse nome”*; também, Tânia Valnice explica o n2 da filha Jeisa Patrícia (16): *“Patrícia eu coloquei pra combinar”*, e Diesy, que também comenta o n2 da filha Daiane Regina (24): *“(…) Regina pra combinar”*.

O segundo modelo atributivo mais recorrente foi a mídia, que somou 22% das motivações citadas, com 4 ocorrências. A entrevista de Celi Cristina explica a escolha do n2 de sua filha Jhenifer Tuisy (24): *“Quando eu era pequena eu queria ser modelo e aí tinha a Twiggy, a primeira modelo magra dos Estados Unidos, aí eu não podia escrever Twiggy, eu tive que adequar, aí escrevi Tuisy (...) eu coloquei y igual”*. Aline Taís, por sua vez, comenta o próprio n2: *“(…) Taís por causa de uma novela da época”*.

Leni comenta a escolha do n2 da filha, Idiana Mara (21): *“Ouvi num jornal, gostei do nome (...) era uma homenagem para uma pessoa e eu achei o nome interessante então ficou Idiana Mara”*, e, por fim, Eduardo Olímpio explica n2 da filha Thaís Daiane (21): *“(...) Daiane por causa da princesa Daiane<sup>18</sup>”*,

Com 11%, a homenagem à família foi citada em 2 ocorrências. Jeici comenta o n2 da filha Mayara Leilane (24), que foi escolhido a partir da junção do prenome da mãe e da irmã: *“Leilane é que eu juntei os nomes da minha mãe e da minha irmã, Lecarde e Leane”*. Liria também explica o n2 da filha Belisa Renata (19): *“Eu tinha um primo quando era criança que se chamava Renato e nós brincava, então vem por aí”*.

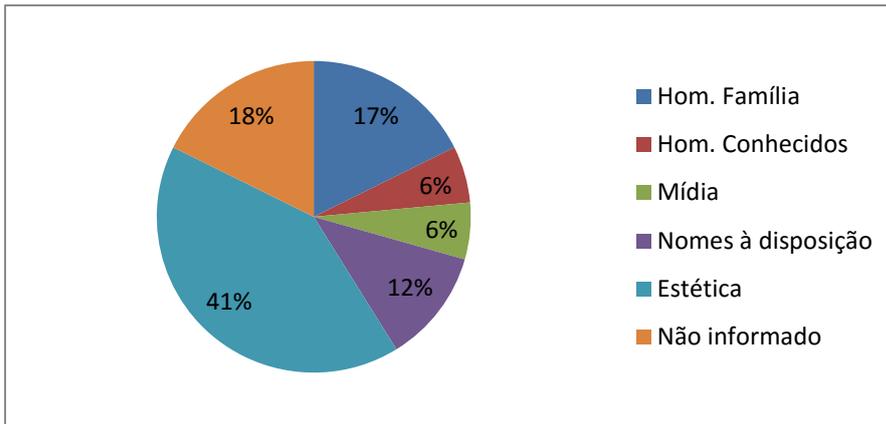
Com 6%, crenças individuais, significado do nome e originalidade tiveram uma ocorrência cada. Para o primeiro modelo atributivo, Marlene Teresinha comenta a escolha do n2 de sua filha, Patrícia Helena (22), que foi escolhido por meio da numerologia: *“O segundo nome foi feito a numerologia, o nome completo tem que ter a soma de um número bom, aí já tínhamos o primeiro nome e o sobrenome, aí a numeróloga fez as contas e mostrou alguns nomes que davam certo, um deles era Helena, aí ficou”*. Por último, a escolha do nome por meio do significado que Leyla Tiemy atribuiu à filha Camila Akemy (24): *“Akemi porque minha mãe queria. Akemy é pelo significado, mas não sei te dizer (...)”*. Para o quesito originalidade, há a entrevista de Celsa Ramona, que comenta as duas motivações para n2 da filha Caroline Michely (24), a originalidade e a estética como mencionada acima.

Os modelos atributivos referentes aos n2 masculinos – década de 1990 – podem ser visualizados no gráfico subsequente:

Gráfico 12 – Modelos atributivos em n2 masculino, para a década de 1990

---

<sup>18</sup>Foi considerada motivação midiática a atribuição do prenome *Daiane* devido à Diana, princesa de Gales.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A motivação mais recorrente para n2 masculino foi a estética, com 41%. A submotivação estética propriamente dita somou 3 ocorrências, em que se apresentam as seguintes entrevistas: Clara Mesia comenta o n2 do filho Paulo Henrique (15): *“O Henrique porque sempre achei bonito, o pai dele queria outro, mas não soava bem e Paulo Henrique ficou bem, sempre gostei”*, Glarice Luiza comenta o n2 do filho, Tiago Luiz (24): *“é um nome bonito, é o mais simples possível, porque o meu nome sempre tenho que soletrar”* e Roselei que explica o n2 do filho Paulo César (19): *“César é bonito, é uma continuação do Paulo”*. Já a submotivação rima teve 4 ocorrências, destacando-se as seguintes entrevistas: Luiz Carlos, que comenta o n2 do filho Luiz Felipe (16): *“Felipe eu escolhi porque achei que combinava com o Luiz”*, Maria Deise, que explica o n2 do filho Pedro Henrique (20): *“Henrique pra combinar com o Pedro”*, Ângela Maria, que comenta sobre o n2 do filho Thiago Henrique (23): *“Thiago Henrique foi por combinação”* e Liria, que afirma sobre o n2 do filho Gabriel Henrique (24): *“(…) e Henrique é um nome forte, combina com Gabriel”*.

O segundo modelo atributivo mais citado foi a homenagem a familiares, a submotivação homenagem aos avós obteve uma ocorrência, sendo representativa dessa categoria a entrevista de Glarice Luiza sobre o n1 do filho Emerson José (25): *“José em homenagem ao meu pai”*. A submotivação homenagem aos pais também teve uma ocorrência, como o caso de Diesy, que nomeou o filho Eduardo César (21): *“César é nome do pai dele”*, e no quesito homenagem ao sobrinho, há a entrevista de Rosa Maria, que atribuiu ao filho o nome Julio Fernando (17): *“Eu queria Fernando porque tenho um sobrinho Fernando que é muito querido (...)”*.

Com 12%, os nomes à disposição foram mencionados em 2 ocorrências, como nas entrevistas de Alessandra, sobre o n2 de Caio Augusto (15): *“Caio Augusto*

*foram minhas alunas que escolheram, elas trouxeram alguns nomes e Caio ficou marcante assim e como tem, aí optamos por Caio Augusto”<sup>19</sup>, e de Fátima Enir, que comenta o n2 do filho Lucas Eduardo (18): “Eduardo porque ouvi na cidade e gostei”.*

Homenagem a conhecidos e mídia somaram 6%, obtendo uma ocorrência cada. Para a primeira motivação, há a entrevista de Roselei, que comenta o n2 do filho Fabrício Euclides (17): *“Euclides foi um amigo falecido, foi em homenagem a ele”*; e, para a mídia, há a entrevista de Eliana Márcia, que relata o n2 do filho, Joelson Michael (17): *“Ficou Michael, de Michael Jackson, o pai gostava dele”*.

Na década de 1990, para n2 feminino, houve a predominância do modelo da moda: estética (44%) e, em seguida, a mídia com 22%. Homenagem à família somou 11%. Destaca-se que o modelo tradicional religião, amplamente mencionado em todas as décadas, até então não foi mencionado em nenhuma ocorrência. Já para n2 masculino, encontra-se em evidência o modelo moda estética (41%). A mídia totalizou apenas 6%, número inferior ao n2 feminino. Homenagem à família somou 17%. Observa-se que, para n2 masculino, o modelo moda também prevalece na década, mostrando, assim, as evidências de diferenças na norma antroponímica do local.

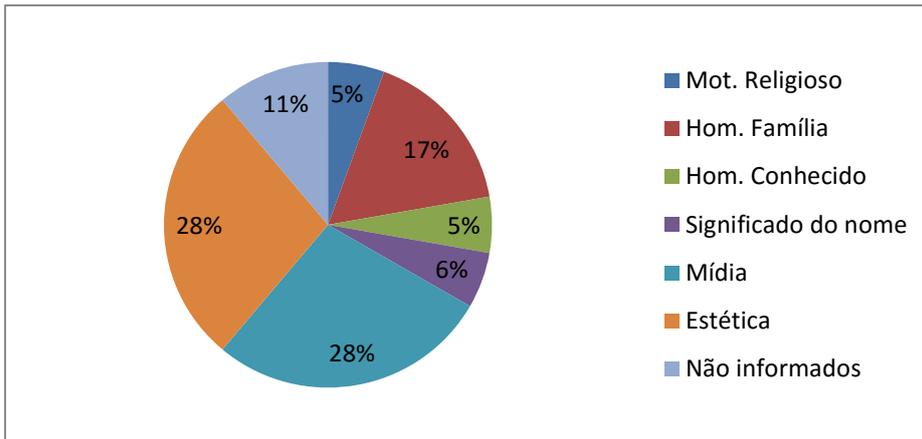
## 5.7 DÉCADA DE 2000

Em n2 feminino, foram contabilizados 6 modelos atributivos diferentes. A motivação homenagem a familiares obteve ocorrências na motivação homenagem aos pais, o modelo atributivo estética foi citado nas motivações estética propriamente dita e rima. Duas entrevistadas não souberam comentar a atribuição do nome, dessa forma, o número de nome nomes não informados nas motivações foi de 13%. Esses dados são visualizados no próximo gráfico:

Gráfico 13 – Motivações em n2 feminino, na década de 2000

---

<sup>19</sup>Houve repetição da entrevista, pois há duas motivações para o mesmo nome.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O modelo atributivo mais mencionado foi a mídia, somando 5 ocorrências em 28% do *corpus* de 2000. As entrevistas destacadas nesse modelo são: a de Evanice Teresinha, que comenta o n2 da filha Laura lasmin (12): *“Tinha uma novela, eu gostava desse nome, mas para ser segundo nome (...)”*, a de Jane, que menciona o n2 das filhas Luana Caroline (14): *“Tinha visto na TV, o Caroline também”*, a de Letícia Gabriela (08): *“Tinha numa novela, os dois tirei da novela”*, Thaís Vitória (06): *“Vitória tirei de uma novela, adoro novela”* e a de Nicole Eduarda (10): *“O nome das minhas filhas é de novela, também é nomes da novela da SBT”*.

O modelo estética obteve o mesmo percentual para n2 feminino, obtendo 5 ocorrências (28%). A motivação estética propriamente dita foi mencionada em 3 ocorrências, por meio das entrevistas de: Lúcio Flávio, sobre o n2 da filha Isabella Caroline (05): *“Caroline foi a vó dela que quis escolher, minha mãe, ela achou bonito”*, Viviane, que também comenta a motivação do nome da filha Maria Eduarda (14): *“Eu amo qualquer nome com Maria junto, Eduarda é lindo”* e Maria Aparecida, sobre o nome da filha Bruna Graciela (09): *“Graciela foi o vô dela que escolheu, quando ele foi morar no Paraguai disse que tinha muitas mulheres bonitas com esse nome lá”*. Já a motivação rima obteve uma ocorrência com a entrevista de Ângela Maria sobre o n2 da filha, Amanda Gabriele (09): *“O Gabriele é para combinar com Amanda. Eu tenho uma sobrinha que se chama Gabrielly (...) eu falei não, não pode ser escrito igual, o meu vai ser Gabriele normal”*. Por fim, a motivação ortografia também é mencionada por Evanice Teresinha, ao relatar sobre a escolha do n2 da filha Laura lasmin (12), do mesmo modo, o nome foi atribuído pela influência midiática, escolhido pela ortografia.

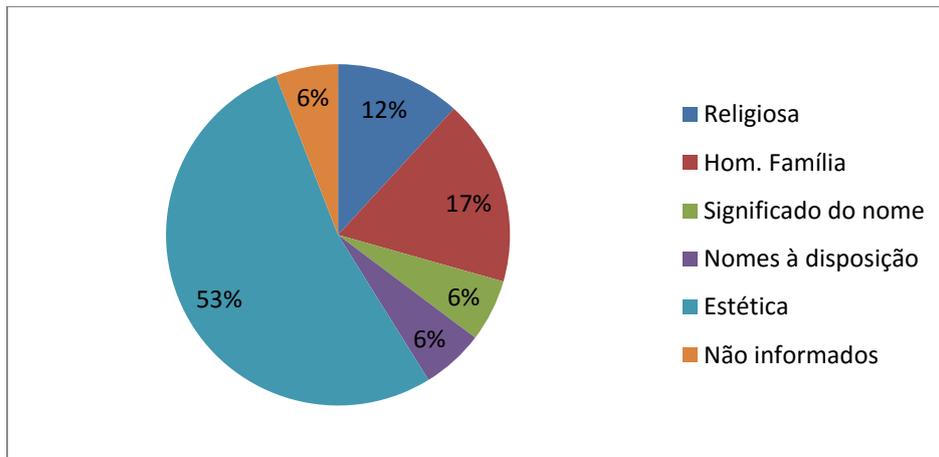
Assim, a entrevistada complementa seu relato: (...) e com *l* para não ter problema de quando fala a pessoa escrever errado”.

As homenagens aos familiares somaram 17%. Como submotivação, as homenagens à figura paterna prevaleceram nas 3 ocorrências, sendo evidenciadas nas seguintes entrevistas: Marta explica a escolha do n2 da filha, Kevellyn Eduarda (07): “*Eduarda para combinar com o do meu marido, ele é Eduardo e ela Eduarda*”, Mileia Soea comenta o segundo nome da filha Bianca Rafaela (05): “*Rafaela por uma homenagem ao pai, que é Rafael*” e Inara também explica o n2 de sua filha, Isadora Roberta (08): “*Roberta por causa do pai, ele é Roberto*”.

Os modelos atributivos significado do nome, motivação religiosa e homenagem a conhecido somaram 6% e 5% cada, obtendo uma ocorrência cada motivação. Para o primeiro modelo atributivo citado, contempla-se a entrevista de Ivonete sobre o n2 da filha Rebeca Vitória (08): “*Até ela nascer seria só Rebeca, mas devido a tudo que eu passei na gravidez e antes, aí eu dei o nome de Vitória por ela ter sido uma vitória*”. Para a segunda motivação, há o n2 de Luana Gabrieli, cujo n2 a mãe, Marta, explica ter sido influência da religião: “*Gabrieli me lembrava Gabriel, o anjo*”. Há, por último, a entrevista de Marli sobre o nome da filha Maria Eduarda (14): “*Eu tinha uma colega, que eu morava em Vera Cruz e ela tinha uma filha Maria Eduarda e eu sempre adorei esse nome e quando eu tive a filha, eu já falei, vai ser Maria Eduarda*”.

Para n2 masculino, foram mencionadas 5 modelos diferentes, antropônimos não informados foram somados em apenas uma ocorrência, totalizando 6% do *corpus*, conforme se observa no gráfico a seguir:

Gráfico 14 – Motivações para n2 masculino, na década de 2000



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O modelo atributivo mais citado foi a estética, totalizando 53%. A submotivação estética propriamente dita somou 5 ocorrências. Destacam-se, nesse campo, as seguintes entrevistas: a de Marta sobre o n2 do filho David Eduardo (12): *“Eduardo foi minha irmã que escolheu porque ela achava bonito”*, a de Roseneide, que fala sobre o filho Breno Suan (13): *“O Suan eu escutava uma vizinha que chamava uma criança, era o segundo nome de uma criança ai eu achei esse segundo nome interessante”*, a de Scheila Andrea, que comenta a escolha do nome do filho João Vitor (10): *“Querida um nome forte que tivesse personalidade, ai eu achei Vitor”*. Há, também, a de Fernanda Maria, que explica a escolha do n2 de Felipe Daniel (13): *“Daniel escolhemos por comum acordo, escolhemos por achar bonito e por combinar com Felipe”*. Por fim, há a entrevista de Elisângela, que comenta o nome do filho Gustavo Henrique (13): *“Henrique porque da um junção legal né”*. Para a submotivação rima, houve 4 ocorrências, explicitadas pelas seguintes entrevistas: a de Rejane Elisa, que explica o n2 dos filhos, Gabriel Felipe (14), *“O segundo nome foi uma combinação”*, e de Gustavo Henrique (09), também afirma ter escolhido n2 pela mesma motivação: *“O segundo a gente foi vendo o que combinava com o outro, não fomos atrás de significado, nada, foi gostar e pôr”*. Há, ainda, a entrevista de Roselei, que comentou sobre o n2 do filho Cristiano Adriano (08): *“Cristiano Adriano, daí combinou o segundo nome né”*, e a entrevista de Fernanda Maria, que fala sobre a escolha do n2 do sobrinho Matheus Henrique (07) afirma: *“O segundo nome foi*

*escolhido porque os pais acharam bonito e porque, na opinião deles, combinava com Matheus”.*

As homenagens a familiares totalizaram 17%. A homenagem aos avós teve 2 ocorrências, nesse sentido, há a entrevista de Roselei sobre o n2 do filho Pedro Augusto (14): *“Augusto é o nome de outro avô”* e a de Huan Manuel, que comenta o nome do filho Huan Manuel (12): *“Em homenagem ao pai, para que ele faça o possível para estender o nome, e para que possa nessa geração pôr o meu nome”*. A submotivação homenagem aos pais obteve apenas uma ocorrência, verificada na entrevista de Rejeane Terezinha sobre a escolha do n2 do filho, Manuel Roberto (10): *“É o nome do pai, meu marido é Roberto”*.

O modelo atributivo religião obteve 12%, somando na submotivação devoção 2 ocorrências, expressas nas entrevistas de Glarice Lurdes, que elucida a motivação na atribuição do n2 do filho, Gabriel Mateus (12): *“O Mateus também é um nome bíblico, então Gabriel Mateus”* e na de Alice Mitiko, que explica a atribuição do nome do filho João Gabriel (13): *“Gabriel é enviado de Deus então era um significado perfeito”*.

Significado do nome contabilizou apenas uma ocorrência, representando 6% dos n2 masculino”, representada pela entrevista de Luís Carlos, que comenta o n2 do filho Luís Fernando (06): *“O Fernando eu fiz uma pesquisa do significado do nome (...) Fernando quer dizer fama, famoso”*.

O modelo atributivo religião e nomes à disposição também somaram 6%, tendo uma ocorrência para cada motivação. Para os nomes religiosos, a entrevista de Glarice Lurdes elucida a motivação na atribuição do n2 do filho, Gabriel Mateus (12): *“O Mateus também é um nome bíblico, então Gabriel Mateus”*. Por fim, a entrevista de Paul Robert fala sobre a escolha do n2 de seu filho Alexandre Augusto (14): *“Foi aleatório, como é que vou colocar o nome? João da Silva, não, Alexandre? Alexandre Augusto, é pode ser, tá bom”*.

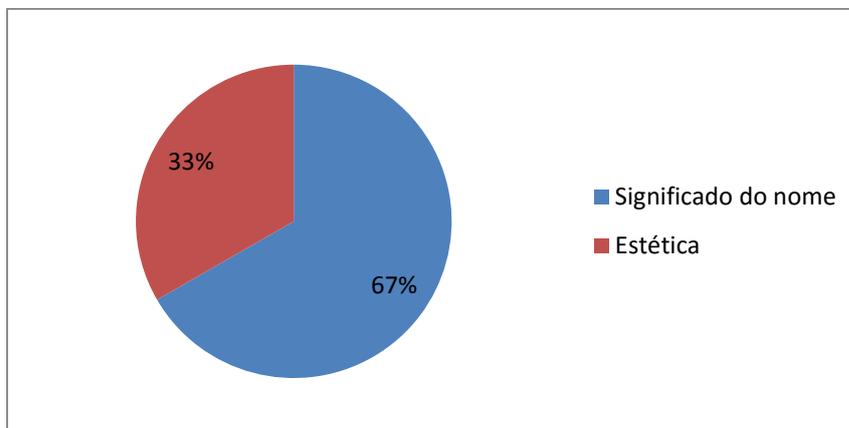
Na década de 2000, a mídia prevalece nas motivações mencionadas, totalizando em 28%. Também, com o mesmo percentual, outra motivação da moda é mencionada: a estética. Dessa forma, destaca-se que 56% do *corpus* feminino da década é modelo da moda, o que torna discrepante as informações em relação às décadas anteriores. É nessa mesma década que a motivação religião retorna; porém, em menor ocorrência (5%). Para n2 masculino, a estética foi mencionada em 53% do

*corpus* masculino. Em contrapartida, homenagem à família continuou a ser mencionada em menor quantidade: 17%.

## 5.8 DÉCADA DE 2010

Em n2 feminino, foram mencionados apenas 2 modelos atributivos como consta no gráfico a seguir:

Gráfico 15 – Modelos atributivos para n2 feminino, na década de 2010



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

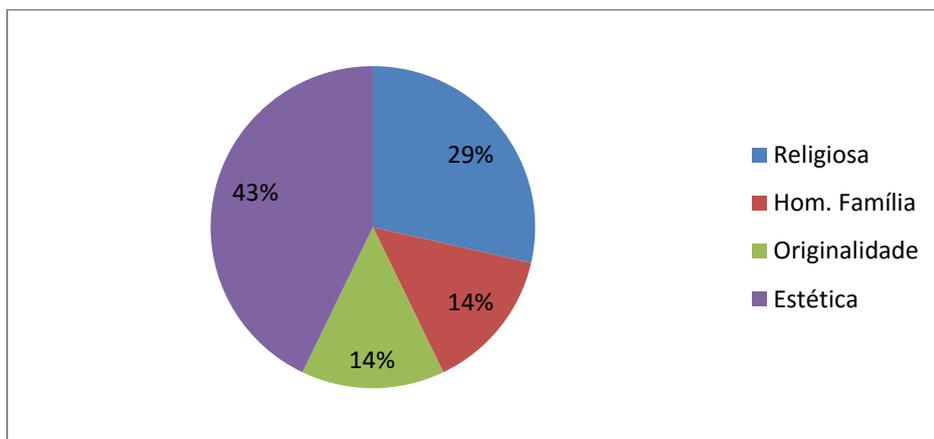
O modelo atributivo mais mencionado foi o significado do nome, obtendo 67% em 4 ocorrências. Graciéte Lurdes comenta o n2 da filha Isabeli Valentina (01): *“Valentina porque ela nasceu com problema, tomou injeção e não adiantou, teve que trocar o sangue, quase morreu, ai coloquei Valentina, de valente”*. Eliane Márcia explica a escolha do segundo prenome de Maria Vitória (04): *“Vitória as enfermeiras do hospital e as irmãs que passavam nos leitos pediram para colocar Vitória, se ela sobrevivesse né, porque ela pesava apenas 130 gramas”*. Roselei, mãe de Jaquelina Aline (03), fala sobre a escolha do n2 da filha: *“Aline me lembra mar, praia, água, ai ficou Jaqueline Aline”*. Rosemery Regina também comenta sua escolha para a o prenome da filha Bianca Regina (03): *“A gente achou bonito Bianca Regina que é Rainha Branca, pelo significado do nome bateu certinho”* (mesma motivação para n1 e n2).

Estética obteve duas ocorrências, obtendo 33%. A submotivação estética propriamente dita foi mencionada uma vez. Ângela Maria comenta o n2 da filha Cauany Emanueli (06): *“eu queria Emanueli, tanto que na minha gravidez eu só*

*chamava ela de Manu, era minha Manu, até hoje não chamo ela de Cauany, ela para mim é minha Manu, minha Emanuéli, eu gosto desse nome*". Já a submotivação estética pela rima foi mencionada também em uma ocorrência, percebida na entrevista de Jane, que fala da escolha a escolha do n2 da filha Milena Eduarda (6 meses): *"(...) Eduarda é o que mais combina, fica bonito"*.

Para n2 masculino, foram mencionados 4 modelos atributivos, como consta o gráfico a seguir:

Gráfico 16 – Modelos atributivos para n2 masculino, na década de 2010



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para n2 masculino, o modelo atributivo mais citado foi a estética (43%), a motivação estética propriamente dita obteve 2 ocorrências, há a entrevista de Ana Maria sobre o n2 do filho Benício Murilo (04): *"(...) Murilo eu gostava de Murilo"*, e a de Marta sobre o filho Lucas Daniel (01): *"O Daniel eu sempre quis, é bonito"*. A motivação sonoridade foi mencionada uma vez com a entrevista de Mileia Soea sobre o n2 do filho Théo Luca (7 meses): *"(...) O pai acredita que é um bom nome para jogador de futebol"*.

O modelo atributivo motivação religiosa obteve 29% do *corpus*, com 2 ocorrências na submotivação devoção. A entrevista de Marta sobre o n2 do filho Vitor Matheus (04): *"Matheus por causa da bíblia"* e a de Liliane Beatriz sobre o filho Arthur Miguel (04): *"Miguel por ser anjo (...)"*.

Homenagem à família e originalidade foram mencionados apenas em uma ocorrência, obtendo assim 14%. Para o primeiro modelo atributivo, há a entrevista de Francieli sobre o filho Matheus Antônio (recém nascido), cujo n2 foi escolhido por meio

da submotivação homenagem aos avós: *“Matheus Antônio porque vamos pegar o nome dos avós [...] o primeiro é paterno e o segundo materno”* e, para a última motivação, há a entrevista de Mileia Soea, que comenta novamente sobre o filho Théo Luca (7 meses): *“é um nome curto e diferente, foi mais a escolha do pai e da irmã, mas acabei dando aval”*.

Na década de 2010, em n2 feminino, foi citada 33% do modelo moda estética e 67% significado do nome. Observa-se, desse modo, que houve uma diferença em relação às outras décadas. Os pais de meninas nascidas em 2010 preferiram nomear suas filhas com nomes cujo significado seja relevante para eles. Ao contrário do que acontece em n2 masculino, 43% das motivações se destinaram à estética, permanecendo, assim, a continuidade de atribuição de um modelo atributivo da moda. Outra motivação bastante citada foi a religião (29%) e as homenagens à família, que eram mencionadas em grande percentual nas primeiras décadas de análise, mas nessa fora mencionada com apenas 14%.

Apresentamos nesse capítulo a análise dos dados quantitativos referente aos modelos atributivos para a escolha do n2. No próximo capítulo, apresentam-se as análises qualitativas desta pesquisa.

## 6 INFLUÊNCIAS SOCIOCULTURAIS NA ESCOLHA ANTROPONÍMICA DE DOIS PRENOMES

No capítulo anterior, explicitou-se como os dados quantitativos foram gerados na pesquisa de campo. Os dados de cada década foram descritos separadamente e fragmentos das entrevistas foram anexados à descrição para justificar a categorização dos modelos atributivos. Juntamente com os dados gerados, gráficos ilustrativos foram criados para maior compreensão dos números.

A partir da análise quantitativa, ora apresentada, faz-se, neste capítulo, a análise das possíveis influências socioculturais das motivações citadas nas entrevistas.

Inserido dentro da área da Socioantropônimo, o trabalho teve, como objetivo geral, identificar quais motivações levam à escolha do segundo nome do filho e analisar as possíveis relações da prática de nomear com o movimento de colonização e influências socioculturais encontradas na cidade de Marechal Cândido Rondon - PR. Nessa perspectiva, foi traçado um eixo cronológico das motivações para se poder perceber as mudanças havidas nas motivações citadas pelos informantes no decorrer das décadas.

A partir da análise realizada e dos gráficos ilustrados, constatou-se que, para n2 feminino, o modelo atributivo tradicional religião foi o mais mencionado e, para n2 masculino, o modelo atributivo tradicional homenagens a familiares é o mais relevante. Levantando as hipóteses que podem justificar as atribuições, especula-se que, para os nomes n2 feminino, a religião seja mais fortemente marcada e, para os nomes n2 masculinos, o sistema patriarcal predomine na norma antroponímica, ou seja, o nome do pai de família sendo passado de geração em geração, assim como o sobrenome.

Inicialmente, verificou-se que 94% das pessoas entrevistadas, na década de 1930 e 1940, são católicas. Em n2 feminino, houve a predominância de nomes religiosos (47%). Nomes dessa origem, bem como a devoção por alguma figura santa, é característica da Igreja Católica.

Considerando a variável social profissão, percebeu-se que todas as mulheres entrevistadas nascidas nessa época são donas de casa, e que muitas têm a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos; já os maridos são aposentados e, na época de colonização, trabalhavam no campo predominantemente. Cabia às

mulheres, portanto, a educação dos filhos, inclusive a educação religiosa, dessa forma, o papel de ir à igreja e ensinar a doutrina era função da mulher. Nas entrevistas, notou-se que alguns comentaram sobre o fato da mãe ou a avó serem devotas a algum santo específico, o que pode ter contribuído para a atribuição de nomes santos às filhas e, assim, perpetuar a tradição familiar. O calendário litúrgico também é uma prática da igreja católica: cada dia do ano corresponde a algum nome santo, assim, no dia no nascimento, o nome da criança seria conforme o nome do santo do dia (JIMÉNEZ SEGURA, 2014).

Deve-se levar em consideração, também, o catolicismo das famílias, 99% das pessoas entrevistadas são oriundas do Rio Grande do Sul, onde muitas cidades do estado até hoje possuem seus padroeiros, que são santos que têm a finalidade de proteger aquela comunidade<sup>20</sup>. Nota-se, dessa forma, que a religião, na época, era demarcada de diversas formas. De acordo com a entrevista de Maria Ivone (71), a prática de dar nomes santos era uma norma na região: *“Olha, naquela época, naquela região, as pessoas sempre colocavam dois nomes no filho, e sempre nomes de santos, católicos né (...)”*. A fala de Norma Madalena (73) vai ao encontro da fala de Maria Ivone: *“Antigamente todos os pais colocavam tudo nome de santo, tinha que ser santo”*. Foi possível perceber que a tradição dos filhos nascidos nas décadas em análise, ainda hoje, mantém-se viva no diálogo dos entrevistados. Das mulheres entrevistadas, muitas são donas de casas e católicas praticantes que também atribuíram nomes religiosos aos filhos.

Ainda em sua entrevista, Norma Madalena comenta que seu segundo nome, Madalena, foi atribuído a fim de que o nome santo pudesse protegê-la de uma complicação na hora do nascimento. A veracidade da entrevista vai ao encontro do que Dick (1992) explica: *“As influências religiosas podem ser interpretadas como “preocupações de ordem mística”, de qualquer natureza, com a finalidade específica de convocar a proteção dos deuses sobre os recém-nascidos”* (DICK, 1992, p. 182, destaques da autora).

Sustentando a tese de que muitas famílias de colonizadores são católicas, deve ser considerado que, no município de Marechal Cândido Rondon - PR, houve de forma significativa a presença da Igreja Católica no processo de colonização e de consolidação de uma comunidade cultural. Deitos (2007) analisou a presença da

---

<sup>20</sup><http://www.fegaucha.com.br/padroeiro.htm>.

Igreja Católica no período de colonização da região. No período de 1940, iniciou-se a vinda de diferentes emigrantes na região oeste, dentre eles, a frente sulista trazida pelas empresas colonizadoras. Juntamente com a nova população da região, a Igreja Católica também se estabeleceu como estrutura organizacional por meio da construção de dioceses e paróquias. Deitos (2007) destaca sobre a relação dos colonizadores com a igreja:

Ao transparecer afinidades das populações migrantes com a Igreja Católica, estas se fundamentam na experiência em que grupos de imigrantes tinham no Rio Grande do Sul, onde a situação de isolamento e abandono do poder público ao chegarem àquele Estado fez com que o catolicismo tivesse um papel fundamental no processo de organização de nova vida. No caso das colônias italianas no Rio Grande do Sul, a presença do catolicismo colocava-se como força de nominação. Esta herança também pode ser relacionada, em parte, com o processo de colonização do oeste do Paraná. (DEITOS, 2007, p. 185).

Ainda, destaca-se que a vida religiosa era amplamente ativa, o que também pode justificar a forte religiosidade dos nomes na prática de nomeação no período da década de 1940-1950. Deitos ainda complementa:

Ela (a igreja) tornou-se o centro social da comunidade, um local de tomada de decisões, de reuniões, de festas, um espaço onde os colonos trocavam experiências vivenciadas, lembravam o passado, enfim, se aproximavam culturalmente. (DEITOS, 2007, p. 186).

Essa demarcação da Igreja Católica no processo de colonização influenciou o sistema antroponímico da época, como se destaca na entrevista de Kazuko Maria (76), que, ao relatar seu segundo nome, afirma *“meu nome era apenas Kazuko [...] mas quando foram me batizar, o padre disse para colocar o nome de Maria junto, que era para dar proteção [...] se não tivesse nome santo ele não ia batizar [...]”*.

Em relação ao n2 masculino, o modelo atributivo tradicional homenagem à família (35% das ocorrências) mereceu destaque, especificamente a motivação homenagem aos avôs. O homem, de acordo com as escrituras cristãs, é o administrador da família, cabe a ele trabalhar e cuidar de sua esposa e filhos. Segundo a Lei nº 3.071, de 01 de janeiro de 1916, no art. 240, “A mulher, com o casamento, assume a condição de companheira, consorte e colaboradora do marido nos encargos de família, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta”. No casamento, a

mulher perdia seu sobrenome e acrescentava o sobrenome do marido ao seu, conforme a Lei nº 3.071, de 01 de janeiro de 1916, no parágrafo acrescentado pela Lei nº 6.515, de 26.12.1977, “A mulher poderá acrescentar aos seus os apelidos do marido”.

Tendo em vista o sistema patriarcal da época, o nome do patriarca era preservado e enaltecido, sendo mantido nas gerações seguintes. É possível que houvesse a preocupação por manter tanto o sobrenome quanto o nome. É o que mostra a entrevista de João de Deus (71), que relata a origem do nome João entre as gerações da família: *“Olha, pelo que eu saiba é porque meus avós maternos e paternos, um paterno é João de Deus de Siqueira e o materno é João Cardoso e isso influenciou o meu nome, daí meu bisavô paterno também é João”*. Entende-se, assim, porque homenagear os avôs era uma prática mais comum para os filhos homens, enquanto, para as mulheres, eram mais convenientes os nomes santos.

Analisando a década de 1950, assim como grande parte dos entrevistados de 1930 e 1940, os entrevistados de 1950 também vieram juntamente com seus pais para a região do oeste paranaense, na época da colonização. Alguns dos nomes citados na década em análise são filhos dos entrevistados da década de 1930 e 1940, o que pode explicar as semelhanças entre os modelos utilizados nas décadas. Observou-se que, enquanto os nomes religiosos estão fortemente marcados em n2feminino (65%), as homenagens aos avôs prevalecem em n2 masculino (47%), ou seja, em comparação a década de 1930-1940, houve um acréscimo no percentual dos modelos tradicionais.

Observa-se que a porcentagem aumentou para ambos os sexos. Tal fato pode ocorrer pela continuidade de uma cultura em atribuir nomes de santos para mulheres e nomes de avôs para homens. O fato de a religião ser fortemente demarcada nos antropônimos femininos pode ser comprovado nos antropônimos escolhidos pelos pais, na atribuição do nome, como, por exemplo, a repetição dos antropônimos *Teresinha/Terezinha: Marli Terezinha, Ederli Terezinha, Alice Teresinha e Marlene Terezinha* e o antropônimo *Maria: Edi Maria, Fátima Maria, Maria Helena, Maria Aparecida, Flávia Maria, Maria Helena, Elci Maria, Elita Maria, Helena Maria e Áurea Maria*. Tal hipótese permanece presente desde a década de 1930 e 1940, ainda observamos, nas perguntas realizadas para as mulheres entrevistadas da década de 1950, em relação à profissão, que muitas são donas de casas e que provavelmente

são responsáveis pela educação escolar e religiosa dos filhos, enquanto os homens entrevistados, hoje aposentados, tratavam do trabalho alhures.

Outra característica da época está relacionada ao fato de haver mais modelos atributivos para antropônimos masculinos do que femininos. Em homenagem a políticos, tanto da década de 1930 e 1940 quanto em 1950, só foram mencionados nomes masculinos, essa ocorrência pode ser justificada devido ao fato de que mulheres não eram ativas na política, na época. Tal direito foi atribuído às mulheres em 1932, no governo de Getúlio Vargas ao definir o direito de voto a todo maior de 21 anos, sem distinção de sexo.

Em relação à década de 1960, observou-se que a maioria dos antropônimos que constitui o *corpus* da década são filhos dos entrevistados da década de 1930 e 1940, ou seja, o perfil sociológico que pode ser traçado para a década em questão se assemelha a de 1930 e 1940.

Ao contrário do que os entrevistados da primeira década em análise comentaram sobre seus próprios nomes, a atribuição do n2 aos filhos, na década de 1960, apresentou algumas divergências, dessa forma, a norma antroponímica sofreu, passadas duas décadas, algumas modificações.

Considerando os antropônimos femininos e masculinos, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, o modelo atributivo religião e homenagem à família foi o mais citado, respectivamente, para o sexo feminino e para o sexo masculino. Em 1960, permaneceram os mesmos modelos atributivos tradicionais para cada n2, porém, o número de ocorrências diminuiu quase pela metade.

A motivação religiosa obteve 41% das ocorrências em n2 feminino, os antropônimos religiosos citados foram: *Marlene Teresinha, Márcia Aparecida, Carmen Jacinta e Rosane Teresinha*. Apesar do modelo atributivo tradicional ainda permanecer em destaque, constam, aqui, as primeiras mudanças na norma antroponímica: a incidência de ocorrência diminuiu.

A análise dos dados da década de 1960, por sua vez, requer a verificação se as mudanças havidas influenciaram ou não a escolha de um segundo nome justaposto para os filhos. Marcou essa década o fato dos pais se mudarem para a região oeste do Paraná em meados da década de 1950 e a consolidação de um município em 1960, no qual muitas pessoas de diferentes culturas (italas, germânicas e brasileiras) começaram a habitar uma mesma região.

Não obstante as mudanças culturais havidas, permaneceu a influência da Igreja Católica no contexto de colonização do município, por outro, algumas mudanças começaram a surgir. Na década de 1960, diferentes nomes femininos surgiram, como, por exemplo: *Leila/Leyla, Graciéte, Clara, Lisiane, Elaine*, entre outros. Conclui-se, assim, que houve mudança apenas em n1, uma vez que as motivações para n2 permaneceram relativamente estáveis.

Para o n2 masculino, as homenagens à família também permaneceram com o maior percentual (28%). Da mesma forma que para n2 feminino, a norma antroponímica permaneceu presente; todavia, em menor percentual. Portanto, para n2 feminino e masculino, o mesmo fato se aplica.

Outro fator a ser analisado aqui é relação existente entre o aumento de modelos atributivos mencionados e o grande crescimento populacional do município. De acordo com a tabela ilustrada na fundamentação teórica, o crescimento populacional foi de mais de 100%: em 1956, a população era de 1.200, já em 1960, eram 12.848. O aumento da densidade demográfica envolve a vinda de outros migrantes para a região oeste. Esse fenômeno de crescimento refletiu no sistema antroponímico da época.

Tal fato pode ser comprovado ao analisar as entrevistas de Leyla Tiemy (46) Alice Mitiko (50), cujas famílias são da cultura japonesa. Percebe-se que o antropônimo Tiemy é de origem etimológica japonesa. Alice Mitiko esclarece em sua entrevista a atribuição de um nome japonês: *“O japonês dá um nome por causa do sentido né, então o nome Mitiko tem várias formas de ser escrito, mas minha mãe escolheu pelo ideograma mais bonito, então o ‘Mi’ quer dizer beleza, o ‘ti’ é de inteligência e o ‘co’ significa que sou do sexo feminino”*. Essa escolha do nome resultou em um novo modelo atributivo de escolha livre (JIMÉNEZ SEGURA, 2014).

A alteração no número de ocorrências para modelos atributivos tradicionais constada para n2, e o aumento de modelos citados, por sua vez, não foram os únicos fenômenos observados. O número de ocorrências devido à estética, modelo atributivo da moda (JIMÉNEZ SEGURA, 2014), teve um acréscimo considerado no número de ocorrências.

A partir das entrevistas realizadas, verificou-se que alguns nomes foram atribuídos por estética pelo fato de terem sido ouvidos no rádio ou televisão. Salienta-se, aqui, que, tanto o rádio quanto a televisão foram meios de comunicação a que a população teve acesso a partir da década de 30. Em 1962, foram realizadas as

primeiras transmissões via satélite<sup>21</sup> para todo o Brasil, logo, lugares recém colonizados como Marechal Cândido Rondon puderam ter acesso a informações de rádio, como o acesso a novelas, a músicas e a informações sobre o que ocorria em outros países. Assim, supõe-se que a facilitação do acesso às telecomunicações tenha influenciado a prática de nomeação da cidade.

A Rádio Difusora do Paraná, pioneira na cidade de Marechal Cândido Rondon, e fundada no ano de 1963, foi a primeira rádio da região que forneceu transmissões radiofônicas. Logo em seguida, em 1978, a Rádio Educadora foi fundada, tendo a cidade duas rádios que forneciam informações para os rondonenses. Dentre as programações da rádio, além de notícias e músicas tocadas diariamente, havia também as novelas que se passava em capítulos e que o interlocutor poderia acompanhar.

Ainda hoje, as duas rádios, concorrentes, são amplamente ouvidas pelos habitantes da cidade, inclusive pela população mais velha. Em relação à televisão no estado do Paraná, as primeiras transmissões foram realizadas na década de 1960, com a TV Paraná, emissora localizada na capital do estado. A partir dessa data, outras emissoras foram criadas em Londrina, Apucarana e Foz do Iguaçu, por exemplo. Porém, não se pode afirmar se a televisão era um eletroeletrônico acessível a todos na época, diferentemente do rádio.

Em relação aos antropônimos analisados na década de 1970, em n2 feminino, prevaleceram os nomes atribuídos por devoção (41%), permanecendo o mesmo percentual, assim como na década de 1960, 1950 e 1940-1930. Para n2 ainda continua em vigor as motivações tradicionais, ou seja, as mesmas citadas desde as décadas de 1930- 1940. Como ressaltado em 1950 e 1960, na década de 1970, continua a haver repetição de determinados antropônimos religiosos em n2, como o *Maria e Teresinha/Terezinha: Roseli Teresinha, Eliane Terezinha, Marli Teresinha, Dulce Maria, Sandra Maria, Ângela Maria, Rosimeri Maria e Eliséte Maria.*

Em segundo lugar, as homenagens à família (29%) foram citadas para n2 feminino. Já para n2 masculino, houve repetição em 35% das homenagens à família. Se trata da repetição de alguns nomes citados em outras décadas e que perpassaram para a nova geração, como o antropônimo *Luiz/Luis: e Edson Luiz, Diuvani Luiz, Jorge Luis.* Notou-se também que há muitos modelos atributivos citados, ou seja, houve

---

<sup>21</sup> <http://www.microfone.jor.br/historia.htm>

mais motivação para n2 masculinos do que femininos. Ainda que haja uma heterogeneidade na atribuição de nomes, destaca-se que a homenagem a familiares ainda continua em voga na escolha de n2 masculino, indicando continuidade da tendência surgida nas décadas anteriores.

O diferencial, na década de 1970, foi o surgimento, pela primeira vez, do modelo de atribuição da moda por influência da mídia que ocorreu em n2 masculino. A mãe de Jackson Régis (36) comenta: *Régis fui eu que escolhi [...] na época tinha um jogador de futebol muito famoso com o nome de Régis*". A variedade de modelos antroponímicos também foi maior do que na década anterior, somando 7 motivações, no total.

Em 1980, para n2 feminino, nota-se que as homenagens a familiares, em especial homenagem aos avós, foi o modelo atributivo mais utilizado (17%) fato esse que ainda não havia acontecido. Em seguida, a motivação religião com uma ocorrência em devoção e outra nas homenagens a padrinhos de batismo. Homenagens a conhecidos e originalidade obtiveram o mesmo percentual.

Ressalta que, em n2 feminino, aparece, pela primeira vez, o modelo da moda por influência da mídia, com a entrevista com a irmã de Vaniela Djane (28): *"[...]eu que sugeri ainda, tinha uns filmes na época que tinha uma aí tinha uns filme com Djane e aí ficou"*.

A mídia, que foi citada várias vezes em n1, para n2 permaneceu apenas com 6%, obtendo apenas uma ocorrência no antropônimo Vaniela Djane (28), que foi escolhido por ser um nome utilizado em filmes na época. Observa-se aqui que a norma antroponímica da década de 1980 em n1 feminino não permanece em n2 feminino.

Em relação ao n2 masculino, a motivação mais citada foi a homenagem a familiares, especialmente homenagens aos avós e aos tios. No entanto, o número de ocorrências decaiu 7%, em contrapartida, o modelo atributivo moda por estética permaneceu praticamente no mesmo percentual (22%) e o modelo atributivo da moda a partir da mídia sofreu um aumento significativo da década de 1970 para 1980: de 6% para 17%. Outro fator a ser notado para n2 masculino é a ausência do modelo atributivo tradicional religião na década.

Apesar dos modelos atributivos mais mencionados permanecerem os mesmos na década de 1980, constata-se, no entanto, que muitas outras motivações foram citadas sendo consideradas eleição livre por Jiménez Segura (2014), sendo elas: influência literária, etnia e crenças individuais.

Segundo as análises realizadas nas décadas anteriores, as mudanças foram gradativamente percebidas em n2. A porcentagem de ocorrências de modelos atributivos tradicionais era maior nas décadas iniciais, já na década de 1980 elas decaem e surgem novos modelos de eleição livre.

Tais mudanças na norma antroponímica instigam a pensar nas hipóteses que levaram a ocorrer mudanças. O que será que poderia ter acontecido na década de 1980 para que a motivação média começasse a ser mencionada em n2 feminino e ter aumentado para n2 masculino?

Como já mencionado anteriormente, desde 1960, a rádio de Marechal Cândido Rondon começou a transmitir programas para a região. Nessa perspectiva, a televisão também começou a ser um eletroeletrônico vendido em todo o território brasileiro; porém, num valor mais elevado que o rádio.

A partir da Segunda Guerra Mundial, a escala de produção de televisores aumentou, assim como outros produtos tecnológicos da época. A primeira transmissão brasileira foi em 1950<sup>22</sup>, o pioneiro dessa evolução foi Assis Chateaubriand que, em uma viagem aos Estados Unidos, trouxe consigo 200 televisores, como também o projeto para a fabricação de televisores no Brasil.

De acordo com o site *Tecmundo*, a história da televisão, a partir de 1950, foi criada a TV Tupi, a primeira emissora de televisão no Brasil. Em 1980, a televisão já se tornara um objeto indispensável nas residências e, em 1956, já existia cerca de 1,5 milhão de televisores no território nacional. A partir de então, o aparelho televisivo foi sendo aprimorado: em 1980, a televisão já emitia imagem colorida.

Em 1980, a televisão brasileira passou por algumas mudanças. A TV Tupi, até então a única emissora, passou por mudanças regulamentadas pelo governo, então, foram criadas o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e a Rede Globo, como também outras emissoras.

De acordo com a história da televisão brasileira<sup>23</sup>, a partir da década de 1980, a televisão foi o maior veículo de informação midiática. Em 1981, a TV teve 59,3 do percentual de verba de mídia, a TV Globo obteve 60% das audiências e 75% de credibilidade. Nesse mesmo tempo, muitas emissoras começaram a surgir devido às concessões do governo. Na década de 1980, muitos programas foram lançados como novelas e programas de auditório e, conseqüentemente, assistidos por muitos.

---

<sup>22</sup> <http://www.tecmundo.com.br/projetor/2397-historia-da-televisao.htm>

<sup>23</sup> <http://www.tudosobretv.com.br/histortv/tv80.htm>

A partir das entrevistas realizadas, muitas mães atribuíram nomes aos filhos devido às novelas da época, tanto a impressa quanto a televisiva, como também nome de cantores e de jogadores de futebol, ou seja, nome de pessoas públicas que apareciam na televisão.

O acesso a outras fontes de informações também propiciou uma diversificação de antropônimos, tanto femininos quanto masculinos. Com relação a outras décadas, muitos prenomes se repetem, já para a década de 1980, há muitos prenomes diferentes e que até então não haviam sido mencionados, como, por exemplo: *Vaniela Djane, Gabriela Natasha, Edla Samara, Inajaia Kauana, Rejane Elisa e Ivair Geovane, César Alexandre, Éder Dailor, Cassiano Ricardo e Willian Renan.*

Com a “explosão” de emissoras e programas de TV e o acesso à compra do eletroeletrônico, muitas pessoas começaram a ter acesso à cultura midiática. Nessa perspectiva, pode-se levantar a hipótese de que a mídia tenha influenciado a norma antroponímica, haja vista a coincidência entre a recorrência do modelo midiático e o aumento de televisores vendidos no país, decorrente da criação do hábito de assistir televisão por todo o país, com inclusão da região oeste do Paraná.

É preciso salientar ainda que as mudanças são gradativas, ainda há em n2 feminino e masculino marcas da norma antroponímica até então estabelecida: nomes religiosos para mulheres e nomes patriarcais de família para os homens.

Mudanças antroponímicas observadas na década de 1980 se intensificaram na década de 1990. Em n2 feminino, foram os modelos atributivos de moda que foram mais mencionados: estética com 44% das ocorrências e mídia com 22%. Nomes como *Jhenifer Tuisy, Jéssica Caroline, Alien Taís e Idiana Mara* foram atribuídos por influência da mídia. Observa-se também que são nomes até então não mencionados em outras décadas, o que mostra um aumento no número de antropônimos citados.

Sobre o n2 feminino, notamos que estética (44%) e mídia (22%) foram amplamente mencionadas. Homenagem a familiares, homenagem a políticos e significado do nome foram pouco recorrentes. Dessa forma, notamos divergências em relação à década de 1980. A motivação religiosa antes com 12% não foi mais mencionada e homenagem à família diminuiu de 17% para 12%, além disso, em 1990, não houve nenhum caso de motivação não informada.

Dentre os citados, há aqueles que foram dados à filha um nome para homenagear personagens de telenovela. Tal fato na norma antroponímica coincide

com o aumento de audiência na década de 1990. A Rede Globo de televisão foi vista por 99,84% dos 5.043 municípios brasileiros<sup>24</sup>, muitas novelas começaram a fazer sucesso na época, tanto as mexicanas no SBT quanto as da Rede Globo. Segundo o site a história da TV brasileira, a Globo, nos anos 90, tinha 74% de audiência no horário nobre, que era transmitido as novelas.

Com o grande número de ocorrências para o modelo atributivo moda, percebeu-se que o modelo atributivo tradicional, amplamente mencionado nas décadas de 1930-1940, 1950 e 1960, não foi atribuído a nenhum nascido na década de 1990.

Para n2 masculino, o modelo atributivo da moda estética foi mencionado em 41% e mídia apenas 6%. Em comparação com a década de 1980, houve decréscimo de homenagem à família (de 28% para 17%), aumento de escolha por estética (de 29% para 41%) e diminuição de influência midiática (de 18 % para 06%)

É interessante notar que, na década em questão, as homenagens à família ainda permaneceram sendo mencionadas, sendo a segunda motivação mais citada nas entrevistas, ao contrário do que ocorre em n2 feminino, em que o modelo tradicional não fora mencionado nenhuma vez. Houve, portanto, para n2 masculino, a permanência dos modelos atributivos: a motivação homenagem aos pais e avôs.

Após a observação das mudanças ocorridas na década de 1990, percebe-se que o modelo atributivo da moda tem influenciado não somente a comunidade de Marechal Cândido Rondon, mas também outras localidades, como mostra o estudo realizado por Ngade (2011), na comunidade Bakossi, na África.

É importante ressaltar que tal fenômeno não pode ser visto, *a priori*, como espontâneo numa sociedade. Tendo isso em vista, surgiram os seguintes questionamentos: Por que os pais sentem a necessidade de atribuir nomes da “moda” para os filhos em um determinado momento histórico? Por que os antropônimos de origem religiosa foram ausentes na década de 1990, no *corpus* analisado? Por que o evento da mídia interferiu na norma antroponímica do município?

Para poder responder a tais questionamentos, foram utilizados estudos realizados por Hall (1992) sobre a identidade e cultura. Cada sociedade possui uma relação própria com a identidade, que é o entendimento do ser nele mesmo, como indivíduo com nome, sexo, filiação e que está situado em um determinado lugar e

---

<sup>24</sup> <http://www.tudosobretv.com.br/histortv/tv90.htm>

espaço. Entende-se, como identidade cultural, um conjunto de relações sociais que constrói o indivíduo dentro de determinados valores sociais.

Stuart Hall (1992) analisa dois conceitos para a formação de identidade: a identidade cultural e a identidade nacional. A primeira refere-se ao reconhecimento do ser na sociedade a qual pertence, a segunda refere-se a um discurso, “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 1992, p. 13), ou seja, é na identidade nacional que se formam as tradições culturais de uma comunidade.

O sociólogo, diante da formação da identidade, analisa as mudanças ocorridas no século XX e XXI. Inicialmente, a identidade era vista como algo permanente do indivíduo, a criança crescia com a identidade formada, ou seja, tratava-se de algo biológico. Posteriormente, surgiu o que ele chama de “sujeito sociológico” que constrói sua identidade a partir da interação de uma comunidade, em outras palavras, a identidade do sujeito se constrói a partir do ambiente no qual ele é criado. Por fim, Hall (1992) aponta para o sujeito pós-moderno:

Conceptualizado como não tendo identidade fixa, essencial ou permanente [...]. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente. (HALL, 1992, p. 2).

Nesse sentido, o sujeito, então, passa por mudanças de valores, acarretando sucessivas mudanças do decorrer de sua existência. A partir do sujeito pós-moderno, no final do século XX, essas mudanças se intensificaram: a cultura, as crenças, a nacionalidade começaram a se fragmentar devido à globalização. Tal fenômeno, segundo Hall (1992), é denominado *descentramento*. Conforme o autor, a globalização, então, descentraliza a cultura de uma região:

- As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”.
- As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.
- As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidade- híbridas- estão tomando seu lugar. (HALL, 1992, p. 18, grifos do autor).

Essa homogeneização cultural, conceituada por Hall (1992), pode justificar o porquê da prática de nomear nomes da moda está presente em várias comunidades que até um momento permanecia com uma norma antroponímica específica. Frai (2014) salienta:

Existem pessoas que vivem em países diferentes, mas adotam um mesmo estilo de vida, resultando numa homogeneização cultural que rompe as barreiras territoriais, desestabilizando as identidades nacionais. As culturas nacionais começaram a ser volúveis a influências externas, aos gostos, ideias e “culturas” passaram a ser semelhantes entre povos devido à globalização. As identidades híbridas as quais se referem o autor são aquelas que são consequências da globalização: são identidades formadas pela fusão entre diferentes tradições culturais. (FRAI, 2014, p. 4).

Difícilmente encontram-se comunidades com a permanência intacta de sua cultura desde a colonização. Tal fato ocorre porque a globalização torna a informação, a propaganda, os filmes e os imaginários de várias partes do mundo acessíveis a todos. As mídias, responsáveis pela circulação rápida de informação e resultado da globalização, estão entre as responsáveis pelo efeito de *descentramento*, por isso, partiu-se do pressuposto de que as mudanças apontadas por Hall (1992) podem influenciar o sistema antroponímico

Tal fenômeno foi observado por Ngade (2011) no estudo sobre a comunidade Bakossi. A norma antroponímica da comunidade era o enaltecimento dos nomes de ancestrais; todavia, a partir da globalização, os pais começaram a atribuir nomes encontrados em listas ou revistas. O mesmo fenômeno ocorre no município de Marechal Cândido Rondon - PR, a julgar pelos dados quantitativos da década de 1990.

Na década de 2000, o modelo atributivo da moda mídia (28%) e estética (28%) foram os mais mencionados em n2 feminino. O modelo tradicional religião (5%) é mencionado após uma década sem atribuição. O retorno de modelos atributivos pode ser entendido como uma ocorrência do fenômeno da moda vista como “a transformação, com tendência cíclica, do gosto coletivo” (BESNARD; DESPLANQUES apud LÓPEZ FRANCO, 2014, p. 3). Nesse sentido, nota-se que as motivações para nomear o n2 de mulheres modificaram-se no decorrer das décadas: predominância do modelo tradicional religião para antropônimos femininos,

fundamentados de acordo com a colonização do município e modelos da moda a partir da globalização.

Para n2 masculino, o modelo da moda estética foi mencionado em 53%, enquanto que homenagem à família apenas 17%. O mesmo fenômeno ocorrido para antropônimos femininos, ocorre em masculinos. Nota-se que a moda está presente na década de 2000 para ambos os sexos. Outro fator a notar é a motivação religiosa que se encontra em maior porcentagem em n2 masculino do que em feminino, 5% e 12% respectivamente. Sobre os modelos de eleição livre, na década de 2000, ambos os sexos permaneceram com praticamente a mesma incidência.

Analisando os dados ora apresentados, constata-se que o modismo já citado retorna nos casos dos nomes religiosos, uma vez que já eram amplamente mencionados nas décadas de 1930 a 1970. Porém, as porcentagens dessa retomada são inferiores àquelas analisadas no início do *corpus*. Nessa perspectiva, verifica-se que, a partir da década de 1990, principalmente, as atribuições de nomes a partir da mídia encontram-se em mais evidência, assim como a estética, totalizando, em n1, 33% das atribuições.

Para n2 feminino, também houve a retomada de prenomes religiosos. Na década de 1990, não houve menção para o modelo antroponímico, ou seja, houve um intervalo de uma década sem menção a essa motivação. Em 2000, uma entrevista mencionou a submotivação devoção, totalizando 6%. Para a mídia, enquanto em 1990 foram mencionadas 22% ocorrências, para 2000, a porcentagem aumentou para 29% e estética obteve um declínio de 45% para 18%.

Retomando as análises iniciais das décadas de 1930 a 1970, analisa-se que em n2 feminino havia predominância de prenomes religiosos. Observando os dados no eixo cronológico, é possível perceber que na década de 1990 tal motivação não foi mencionada. Já em 2000, há retomada dessa motivação. No entanto, observa-se que essa alteração não influenciou a prática de nomeação em n2 feminino, uma vez que houve o retorno do modelo tradicional religião em menor quantidade (6%).

Para n2 masculino, as homenagens aos avós voltaram a ser mencionadas. Na década de 1990, não houve menção ao modelo atributivo, enquanto que, para 2000, as citações totalizaram 12% do *corpus*. Em relação ao modelo atributivo mídia, em 1990, foram citadas apenas 6% das ocorrências, enquanto que em 2000, não houve menção a essa motivação. Destaca-se que a porcentagem em 2000 é superior à porcentagem de 1950 e 1960 (12% e 6% respectivamente).

Do mesmo modo que os prenomes religiosos eram preferidos para as mulheres, as homenagens aos avós – figura patriarcal- são amplamente mencionadas em prenomes masculinos.

A questão de modismos é mais evidente em prenomes femininos, pois houve intervalos em que tais motivações não foram mencionadas. No entanto, essa retomada não foi equivalente para ambos os gêneros: em prenomes masculinos não houve intervalos, as homenagens aos avôs, mesmo que em porcentagens menores, foram mencionadas em todas as décadas. Em n2 masculino, a retomada de prenomes com homenagem aos avós foi inferior às décadas iniciais da pesquisa, o que vai ao encontro dos dados analisados em n2 feminino. Da mesma forma que em 1930 a 1970, a influência de outras motivações foi iniciada em n2, assim como nos prenomes femininos, a retomada de modismos não se deu por n2, e sim por n1 masculino.

Para n2 feminino, na década de 2010, a motivação religiosa não foi mencionada. Houve 33% do modelo da moda estética e 67% de significado do nome. Em n2 masculino, as homenagens aos avôs continuaram a ser mencionadas (14%), evidenciando mais a questão de modismos para n2 masculino. Com relação à mídia, não houve motivações correspondentes em 2010, tendo, assim, um intervalo de duas décadas sem que haja motivações relacionadas às mídias. O modelo estética, por sua vez, foi citado em 43%.

A partir da comparação dos dados ora apresentados e analisados, constatam-se as divergências na prática de nomeação das décadas analisadas. Em um eixo cronológico, pode-se perceber melhor como foi o comportamento dos modelos atributivos que mais se salientaram na pesquisa.

Conclui-se que os modelos atributivos mais mencionados para ambos os sexos foi a religião, homenagem a familiares – principalmente avós – mídia e estética.

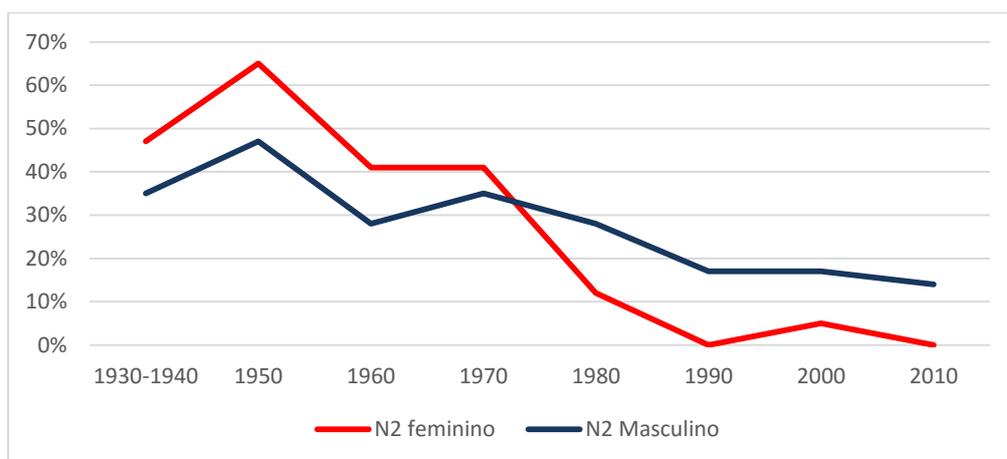
De acordo com a análise, o modelo de atribuição de nomes tradicionais religiosos (JIMÉNEZ SEGURA, 2014) é predominante em n2 feminino até a década de 1970. Além dos fatos históricos, as próprias entrevistas das mulheres sobre seus nomes indicam essa forte religiosidade.

Para n2 masculino, foi possível perceber que a tendência de dar nomes em homenagem à família – modelo tradicional- é predominante no *corpus*. De acordo com as entrevistas mencionadas, havia uma preocupação com o enaltecimento do nome da figura paterna até a década de 1980, mostrando, assim, que não apenas o

sobrenome perpassa aos ancestrais, mas também os prenomes, costume que evidencia influência marcante do patriarcalismo no município.

O gráfico a seguir sintetiza e explicita, por meio de um eixo cronológico, o comportamento dos modelos tradicionais religião para n2 feminino e homenagem à família para n2 masculino:

Gráfico 17 – Predominância dos modelos atributivos tradicionais: religião para n2 feminino e homenagem à família para n2 masculino



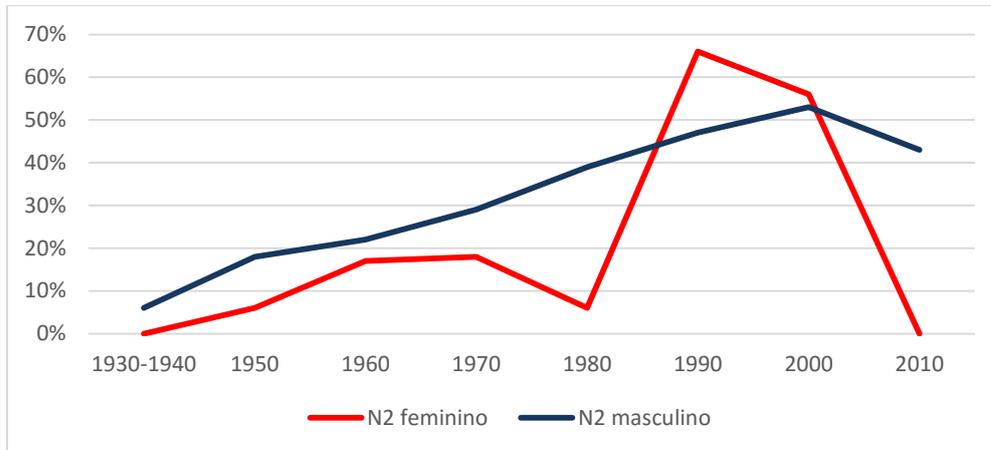
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A partir do gráfico a cima, destaca-se que os modelos tradicionais, para ambos os gêneros, tiveram um ápice em 1950. Em 1960, houve o decréscimo dos modelos tradicionais, em 1970, para n2 feminino, os dados permaneceram constatantes, enquanto que para n2 masculino houve um breve acréscimo.

A partir da década de 1980, nota-se que os modelos tradicionais amplamente mencionados começam a diminuir sua frequência até 2010. Apenas em n2 feminino, que houve um pequeno aumento em 2000.

Em direção a esses dados e o que já foi analisado anteriormente, enquanto houve a diminuição dos modelos tradicionais a partir de 1980, houve o acréscimo dos modelos da moda, como mostra o gráfico 18.

Gráfico 18 - Predominância dos modelos atributivos da moda: estética e moda para n2 feminino e n2 masculino



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A partir de 1980, os modelos da moda -estética e mídia - aumentaram consideravelmente. Para n2 feminino, o aumento entre 1980 e 1990 foi de 9% para 58%. Já para n2 masculino, de 40% para 49%. Observa-se que a mudança no eixo cronológico de 1990 para 2010 é divergente para os diferentes gêneros.

Para n2 feminino, as menções aos nomes da moda diminuíram bruscamente, atingindo nenhuma ocorrência (0%) na década de 2010. Já para n2 masculino, houve também um declínio; porém, menos marcante que para feminino. Em 2010, n2 masculino terminou com 41% das motivações da moda.

Comparando n2 feminino nos dois gráficos acima, percebe-se que tanto o modelo de atribuição tradicional quanto os modelos da moda são poucos mencionados. Contudo, nessa última parte do eixo cronológico, destacam-se os modelos de eleição livre, já mencionados por Jiménez Segura (2014). Todos esses dados sobre a parte final do período estudado apontam para uma mudança de tendência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Socio-Onomástica, subárea da Onomástica, é dedicada aos estudos dos nomes próprios relacionados aos acontecimentos sociais. Nessa perspectiva teórica, a pesquisa teve como objetivo central investigar as motivações que levam à escolha do segundo nome do filho e relacioná-las aos acontecimentos históricos e sociais ocorridos no município de Marechal Cândido Rondon - PR.

Para que se pudesse realmente conhecer o porquê de os pais atribuem um segundo prenome aos filhos, foi escolhido como procedimento metodológico a realização de entrevistas semiestruturadas para que a pesquisadora fosse diretamente conversar com os informantes. Salienta-se a importância de determinada escolha, pois, dessa forma, muitas informações extras puderam ser recolhidas.

Retoma-se aqui que o detalhamento da metodologia é fundamental para a pesquisa antroponomástica. Tal abordagem metodológica contribui para o fortalecimento dessa área de estudos, mostrando assim que há cientificidade e métodos adequados a serem seguidos em uma pesquisa antroponímica.

Após a descrição e análise dos dados gerados, observou-se que a influência da Igreja Católica no processo de colonização da cidade teve impacto na norma antroponímica nas décadas de 1930 a 1970. A partir da análise da variável religião (dado obtido nas respostas dos entrevistados), percebeu-se que grande parte dos migrantes eram católicos. Deitos (2004), em sua tese sobre a presença da igreja no processo de colonização, analisou que, com a vinda de migrantes sulistas, a igreja teve um papel significativo na consolidação da Vila General Rondon, como também na socialização desses migrantes um com os outros.

Tais acontecimentos históricos refletem-se nos dados numéricos de n2 feminino mencionados no capítulo anterior.

Na busca dos fatos sociais e culturais que pudessem justificar essa mudança na norma antroponímica e analisando os acontecimentos que permeiam as décadas de 1980 em diante, percebeu-se que as transmissões radiofônicas (década de 1970) e a explosão da comercialização de televisão podem ter influenciado na escolha de nomes de motivação midiática.

Outro fator relevante para entender a mudança na nomeação no período supramencionado são os estudos de Hall (1992) sobre a identidade cultural. O *descentramento* por ele apontando resulta de mudanças da identidade do sujeito moderno que, com a globalização, muda seus valores e crenças constantemente. Considerando que a globalização se intensifica a partir de 1980, é possível relacionar as mudanças encontradas ao longo do período. As motivações para nomear mudaram porque a sociedade mudou, em outras palavras, as alterações decorrem de mudanças sociais e culturais na comunidade, mudanças decorrentes da globalização e previstas por Hall (HALL, 1992).

Os modelos de eleição livre, também presentes no estudo de Jiménez Segura (2014), foram usados ao longo de todo o período pesquisado; contudo, se tornou mais frequente com o aumento de uso do modelo de atribuição de moda.

Tais mudanças encontradas na análise dessa pesquisa, foram perceptíveis, também, em outras pesquisas, em outras comunidades como aponta os estudos de Bramwell (2011) e Ngade (2011). No período de colonização, as comunidades possuíam sua própria norma antroponímica. Com o passar dos anos e o advento da globalização, mencionado por Hall (1992), foi possível perceber que houve diferenças na prática de nomeação. Por isso, percebe-se que as diferenças de nomear pessoas e as influências socioculturais estão presentes em todas as comunidades em que a homogeneização cultural se faz presente, ou seja, não é um fenômeno singular e, sim, presente em diferentes comunidades.

Devido à dimensão do objeto de estudo, não foi possível abordar todos os aspectos sociais e culturais que o *corpus* permite analisar. Primeiramente, destaca-se que foram analisados apenas os n2 de antropônimos femininos e masculinos, excluindo-se, assim, as motivações para a escolha de n1. Isso porque foi necessário em decorrência de a pesquisa focar a escolha do segundo prenome pelos pais. Frente à totalidade dos dados gerados pelas entrevistas, foram analisadas apenas algumas das variáveis presentes, a saber: a data de nascimento do portador do nome e gênero.

Os dados gerados cuja análise não foi possível levar a feito, incluem informações obtidas sobre a escolaridade dos informantes, o fator econômico, a origem étnica, entre outros. Esses são dados que requerem pesquisas ulteriores para serem devidamente analisados.

Apesar dos recortes realizados no *corpus*, não se pode deixar de mencionar os avanços teóricos e metodológicos conquistados na presente pesquisa.

Primeiramente, a pesquisa partiu de uma perspectiva teórica diferente das demais realizadas na região: a Socio-Onomástica. Apontando as pesquisas de Grespan (2014) e Vescovi (2015), descritas na fundamentação teórica, percebe-se que a análise documental delimita o estudo de antropônimos, em contrapartida, a presente pesquisa partiu de entrevistas com os próprios portadores de nomes justapostos ou pais que atribuíram um nome justaposto ao filho. Nessa perspectiva, foi possível saber por que realmente os pais atribuem um nome ao seu filho, considerando as variáveis sociais e culturais que subjazem essa escolha. Outro avanço teórico foram as categorizações das motivações, mesmo que adaptadas na pesquisa. Muitas motivações ainda não mencionadas em literaturas puderam ser categorizadas em eleição “livre”.

Em relação ao avanços metodológicos, construiu-se uma metodologia própria, adaptando os métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa para a geração e análise de dados. Foram criadas tabelas próprias para o controle de variáveis, o quadro de perguntas para os entrevistado foi planejando especificamente para o determinado *corpus*. Desse modo, tais avanços podem contribuir para a realização de outras pesquisas da área, quando se refere ao aporte teórico e metodológico, como também para pesquisas de diferentes áreas, como a história, antropologia, sociologia, entre outros.

Nessa perspectiva, outro avanço a ser mencionado é a contribuição para os estudos indentitários e culturais de Marechal Cândido Rondon. Mesmo em um *corpus* limitado, a pesquisa comprovou que os estudos históricos e linguísticos estão interligados, mostrando assim a importância desses estudos para a área estudada.

Não se pode negar que a pesquisa realizada mostra que o estudo dos nomes próprios de pessoas se enriquece e se aprofunda pela consideração do contexto histórico, das influências sociais e culturais da sociedade para análise das informações fornecidas pelos entrevistados. Neste sentido, acredita-se que o presente estudo representa uma contribuição importante para as pesquisas antroponomásticas do Oeste do Paraná.

## REFERÊNCIAS

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo Biderman. O Léxico. In: OLIVEIRA, A.M.P.P; ISEQUERO; A.P., ORGS. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Editora UFMS, Campo Grande, 1998.

BRAMWELL. Ellen S. **Naming and transplanted traditions**: change and continuity in Glasgow's Pakistani Muslim community. *Onoma*. Glasgow: p. 29-51, 2011

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. **As origens dos nomes das pessoas**. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/Article/viewFile/11401/6686>>. Acesso em: 15/04/2013.

DEITOS, Nilceu Jacob. **Presença da Igreja Católica no Oeste do Paraná**: a construção do imaginário católico (1930-1990).2004. Tese. (Doutorado em História).- Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2004.

\_\_\_\_\_. A igreja católica no Oeste do Paraná e sua atuação no processo de colonização. In: GREGORY, Valdir et. Al. (ORGS). **Migrações e a construção do Oeste do Paraná**: século XXI em perspectiva. Cascavel: Coluna do Saber, 2007, p. 183-189

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 2. ed. FFLCH: São Paulo, 1992.

FRAI, Patrícia Helena. Existe influência entre a escolha do primeiro nome e do sobrenome de pessoas pertencentes à comunidade italiana vinda em 1961 durante a colonização de Marechal Cândido Rondon ?.In: **Anais III SNEL**, Cascavel, 2012.

\_\_\_\_\_. Motivações para a escolha de nomes duplos em Marechal Cândido Rondon. **Anais do Seminário Nacional de Estudos Linguísticos**, Araraquara, 2014.

GEHRING, Fernanda Maria Muller. Relação entre a escolha antroponímica e a identidade étnica. **Anais III SNEL**, Cascavel, 2012,p.101.

GONZALEZ, Emílio. As camadas da memória: a produção de marcos memorialísticos na historiografia regional do oeste do Paraná (Marechal Cândido Rondon – 1950-1990). **Tempos Históricos**. Vol. 5 e 6, Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE, 2004, p.185-219.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Fontes, 2002.

GRESPLAN, Taiana. **Antroponímia de Toledo – Paraná – 1954-2004: Aspectos Inovadores**. Dissertação (Mestrado em Letras - Área de concentração: Linguagem e Sociedade), UNIOESTE, Cascavel,2014.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**.3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 1992. Disponível em: [https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwjHtb2LhLHKAhWIGJAKHfKGCysQFggcMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.cefet-sp.br%2Fedu%2Fgeo%2Fidentidade\\_cultural\\_posmodernidade.doc&usg=AFQjCNGRRziG0qvIVktREyXeZ-V0uU1\\_rQ&sig2=N\\_Hwrqe0OCbHlz-k0a0MfQ&bvm=bv.112064104,d.Y2I&cad=rja](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwjHtb2LhLHKAhWIGJAKHfKGCysQFggcMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.cefet-sp.br%2Fedu%2Fgeo%2Fidentidade_cultural_posmodernidade.doc&usg=AFQjCNGRRziG0qvIVktREyXeZ-V0uU1_rQ&sig2=N_Hwrqe0OCbHlz-k0a0MfQ&bvm=bv.112064104,d.Y2I&cad=rja). Acesso em 05 abr. 2014

HESS, Débora. **Os antropônimos da população escrava de Santa Rita do Passa Quatro no último período escravista e da população negra de 1918**. Dissertação de mestrado (Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral), São Paulo: USP, 1995.

JIMÉNEZ SEGURA, Selene. **Los modelos de atribución del nombre de pila tradicional y a partir de la moda en el municipio de Tlalnepantla de Baz, estado de México. Estudio sincrónico y diacrónico de tres calas: 1930, 1960 y 1990**. Dissertação de Mestrado, 2014, Escuela Nacional de Antropología e Historia.

KIRCHHEIM, C. A. S. **Uma leitura da paisagem urbana e a migração em Marechal Cândido Rondon/PR**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá, 2010.

LABOV, William. **Field methods of the Project on Linguistic change and variation**. Disponível em <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/L470/Labov1984.pdf>> Acesso 25 mar. 2014.

LAUERMANN, Gabriela Cristina. Correlação entre nome próprio e sobrenome na comunidade alemã de Marechal Cândido Rondon (1961): questões identitárias. **Anais III SNELL**, Cascavel, 2012.

LANGENDONCK, Willy van. **Theory and Typology of Proper Names**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2007

LÓPEZ FRANCO, Yolanda Guillermina. **Un siglo de nombres de pila en Tlalnepantla de Baz**. Universidad Nacional Autónoma de México. México: Plaza y Valdés. 2010.

\_\_\_\_\_. Los nombres de pila en la década de 1980 en Montpellier, Francia, y en Tlalnepantla de Baz, México, bajo un enfoque socioantropónimo. 2014. **As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia**, vol.VII. ISQUERDO, A.N.; DAL CORNO, G.O.M. (org), Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014, p.15- 38.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: S.A: 1996.

NGADE, Ivo. Bakossi names, naming culture and identify. **Journal of African Cultural Studies**, vol. 23, n. 2, p.111-120, 2011.

PARANÁ. **Códigos de Normas da corregedoria-geral de justiça do Tribunal de justiça do estado do Paraná.** Foro extrajudicial. Provimento nº249/2013. Disponível em <<https://www.tjpr.jus.br/documents/11900/0/C%C3%93DIGO+DE+NORMAS+DA+CORREGEDORIA+EXTRAJUDICIAL++14-10-14.pdf>> Acesso em 10 jun. 2015.

PFLUCK, Lia Dorotéa. Os aspectos naturais na propaganda da colonização de Marechal Cândido Rondon – PR. In: **Migrações e a construção do oeste do Paraná.** Cascavel: Coluna do Saber, 2007, p. 119 – 139.

PINA CABRAL, João de. Mães, pais e nomes no baixo sul (Bahia, Brasil). In: \_\_\_\_\_; VIEGAS, Susana de Matos. (orgs.). **Nomes: Género, Etnicidade e Família.** Coimbra, Almedina, 2007. pp. 63-88.

PIRES, Álvaro P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: \_\_\_\_\_ et al. **A pesquisa qualitativa: questões epistemológicas e metodológicas.** Petrópolis: Vozes, 2008, p. 154 – 211.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: \_\_\_\_\_ et al. **A pesquisa qualitativa: questões epistemológicas e metodológicas** Petrópolis: Vozes, 2008, p. 215 – 253.

SAATKAMP, Venilda. **Desafios Lutas e Conquistas: História de Marechal Cândido Rondon.** Cascavel: Assoeste, 1985.

SANTOS, Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva. **A Onomástica, o indivíduo e o grupo.** Disponível em <[https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/389/1/Maria\\_Santos\\_p229-242.pdf](https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/389/1/Maria_Santos_p229-242.pdf)> Acesso em 19 fev. 2013

SEIDE, Márcia Sipavicius. Motivações contemporâneas para a escolha do antroponímico. **Revista Entreletras**, n. 02, 2013, p. 90- 101.

\_\_\_\_\_. Importância relativa da etimologia para análise dos antropônimos. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 10, 2012, Cascavel, PR. CORBARI, Alcione Tereza (Org.). **Anais.** Cascavel, [s.n.], 2012. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/10/artigos/AnaAmaliaSouza.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Márcia Sipavicius. A religião na antroponímia de Marechal Cândido Rondon. V. 24. N.1, **Revista Relin.** 2016,p.167-186.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Socio-lingüística.** 7. ed. São Paulo: Ática: 2001.

TARGANSKI, Sergio. **Rumo ao novo Eldorado.** Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2007.

VESCOVI, Jéssica Paula. **Prenomes e sobrenomes em Palotina-PR e em Maripá-PR: um estudo comparativo.** Dissertação (Mestrado em Letras - Área de concentração: Linguagem e Sociedade), UNIOESTE, Cascavel, 2014.

## ANEXOS

## ANEXO A – TABELA DE NOMES

Década de 1930 – 1940

<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
Regina Adelaide	João de Deus
Melânia Teresa	Deuclides Maria
Maria Ivone	João Domingos
Maria Kazuko	Reinaldo Augusto
Norma Madalena	Atílio Pedro
Maria Adelinda	Milton Olíbio
Odete Lurdes	Friedrich Karl
Blondine Lili	Belém Domingos
Elizabeth Joana	Otti Benno
Loni Ida	Flávio Aluísio
Célia Antonieta	João Ernesto
Lúcia Úrsula	Luiz Sadi
Rosa Maria	Werno Joaquim
Noeli Maria	Nelson Ivo
Terezinha Maria	Aluísyo Nelson
Zelinda Cecília	Paulo Felipe
Maria Alácia	Lauro Jorge

Década de 1950

<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
Edi Maria	Lair Alberto
Justina Marisela	Verno Luiz
Fátima Maria	Paul Robert

Maria Helena	Karl Albert
Marli Terezinha	Valdir Nelson
Ederli Terezinha	Adolfo Rodolfo
Maria Aparecida	Selmo Antônio
Cirça Aparecida	Paulo Honório
Flávia Maria	Ivo Ricardo
Maria Helena	Paulo Roberto
Elci Maria	Huan Manuel
Talita Hilda	Eduardo Olímpio
Elita Maria	Altair José
Alice Teresinha	Ademar Antônio
Helena Maria	Gilmar Ernesto
Áurea Maria	Valdir Geraldo
Marlene Therezinha	Gerson Luiz

Década de 1960

<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
Silvana Regina	Luiz Antônio
Leyla Tiemy	Nelson Hiroche
Alice Mitiko	Carlos Haru (irmão de Alice Mitiko)
Marli Maria	Sandro Arthur
Marlene Teresinha	Luís Antônio
Carmen Jacinta	Marcos Rogério
Clara Mesia	Vilson Reinart
Lisane Odete	Itacir José
Elaine Magda	Vanderlei Geovane

Leila Noeli	Edson Belém
Márcia Aparecida	Darci Ari
Graciéte Lurdes	Ademar Aluísio
Maria Claudete	Roberto Luís
Rosane Teresinha	Valmir José
Fátima Dorotéia	Eldes José
Celi Cristina	Veldener Ken
Marli Clair	Marino Luís

Década de 1970

<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
Marlei Fátima	Paulo Alexandre
Maristela Lúcia	Analdo Antônio
Mariângela Inês	Edson Luiz
Sandra Maricéti	Luís Carlos
Roseli Teresinha	Luiz Carlos
Eliséte Maria	Jackson Wander
Maria Aparecida	Jonh Álvaro
Neila Natalina	Ricardo Fabiano
Dulce Maria	Jean Fernando
Marli Teresinha	Edson Carlos
Viviane Delcy	Joaquim Antônio
Eliane Márcia	Jackson Régis
Maria Aparecida	Elcio Adelir
Sandra Maria	Diuvani Luiz
Rosimeri Maria	Jean Carlos

Eliane Terezinha	Jorge Luís
Ângela Maria	Vladimir Tíeo

Década de 1980

<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
Tatiana Daniele	Tiago Alan
Vaniela Djane	Rafael Luíz
Maidi Maria	Julio Ricardo
Kátia Regina	Ivair Geovane
Daiana Maria	Eduardo Henrique
Gabriela Natasha	César Alexandre
Edla Samara	Renan Paolo
Karin Cristina	João Paulo
Inajaia Kauana	Pedro Henrique
Rejane Elisa	Éder Dailor
Daniele Cristina	Emílio Alfredo
Maria Aparecida	Cassiano Ricardo
Fabiana Elma	Róges Patrick
Carla Fabíola	Jean Carlo
Fernanda Maria	Willian Renan
Miléia Soea	Fábio Roberto
Isabel Cristina	Clóvis Willian

Década de 1990

<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
Jhenifer Tuisy	Claiton Alexandre
Bruna Camila	Luiz Felipe
Jeisa Patrícia	Luan Felipe

Samara Beatriz	Paulo Henrique
Camila Akemy	Pedro Henrique
Jéssica Caroline	Caio Augusto
Patrícia Helena	Eduardo César
Mabielle Caroline	Julio Fernando
Daiane Regina	Joelson Michael
Aline Taís	Thiago Henrique
Mayara Leilane	Eduardo Daniel
Nayade Laís	Emerson José
Caroline Michely	Tiago Luiz
Belisa Renata	Fabricio Euclides
Idiana Mara	Lucas Eduardo
Thaís Daiane	Paulo César
Maria Eduarda	Gabriel Henrique

Década de 2000

<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
Laura Iasmin	João Gabriel
Rebeca Vitória	Alexandre Augusto
Maria Eduarda	Gabriel Felipe
Amanda Gabriele	Gustavo Henrique
Isabella Caroline	Gabriel Mateus
Luana Caroline	Pedro Augusto
Letícia Gabriela	Cristiano Adriano
Thaís Vitória	David Eduardo
Nicole Eduarda	Breno Suan

Silvia Leticia	Manuel Roberto
Débora Thaís	João Vitor
Bruna Graciela	Huan Manuel
Kevellyn Eduarda	Felipe Daniel
Luana Gabrieli	Gustavo Henrique
Bianca Rafaela	Brain Gustavo
Maria Eduarda	Luís Fernando
Isadora Roberta	Matheus Henrique

Década de 2010

<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
Isabeli Valentina	Matheus Antônio
Maria Vitória	Théo Luca
Cauany Emanuely	Benício Murilo
Milena Eduarda	Vitor Matheus
Jaqueline Aline	Lucas Daniel
Bianca Regina	Arthur Miguel

## ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
OESTE DO PARANÁ/

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Motivações para a escolha de nomes duplos em Marechal Cândido Rondon

**Pesquisador:** Marcia Sipavicius Seide

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 32061014.2.0000.0107

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 810.258

**Data da Relatoria:** 25/09/2014

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de pesquisa na área da lexicologia, voltada a elucidar os motivos que levam os habitantes de Marechal Candido Rondon a escolher nomes compostos para os filhos.

**Objetivo da Pesquisa:**

Elucidar os motivos que levam os habitantes de Marechal Candido Rondon a escolher nomes compostos para os filhos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Presentes e adequados

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Relevante para a área.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Presentes e adequados.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Endereço:** UNIVERSITARIA

**Bairro:** UNIVERSITARIO

**UF:** PR

**Telefone:** (45)3220-3272

**CEP:** 85.819-110

**Município:** CASCAVEL

**E-mail:** cep.prppg@unioeste.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
OESTE DO PARANÁ/



Continuação do Parecer: 810.258

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

As solicitações feitas foram atendidas pela pesquisadora.

CASCADEL, 29 de Setembro de 2014

---

**Assinado por:**  
**João Fernando Christofolletti**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** UNIVERSITARIA

**Bairro:** UNIVERSITARIO

**UF:** PR

**Telefone:** (45)3220-3272

**Município:** CASCADEL

**CEP:** 85.819-110

**E-mail:** cep.prppg@unioeste.br